

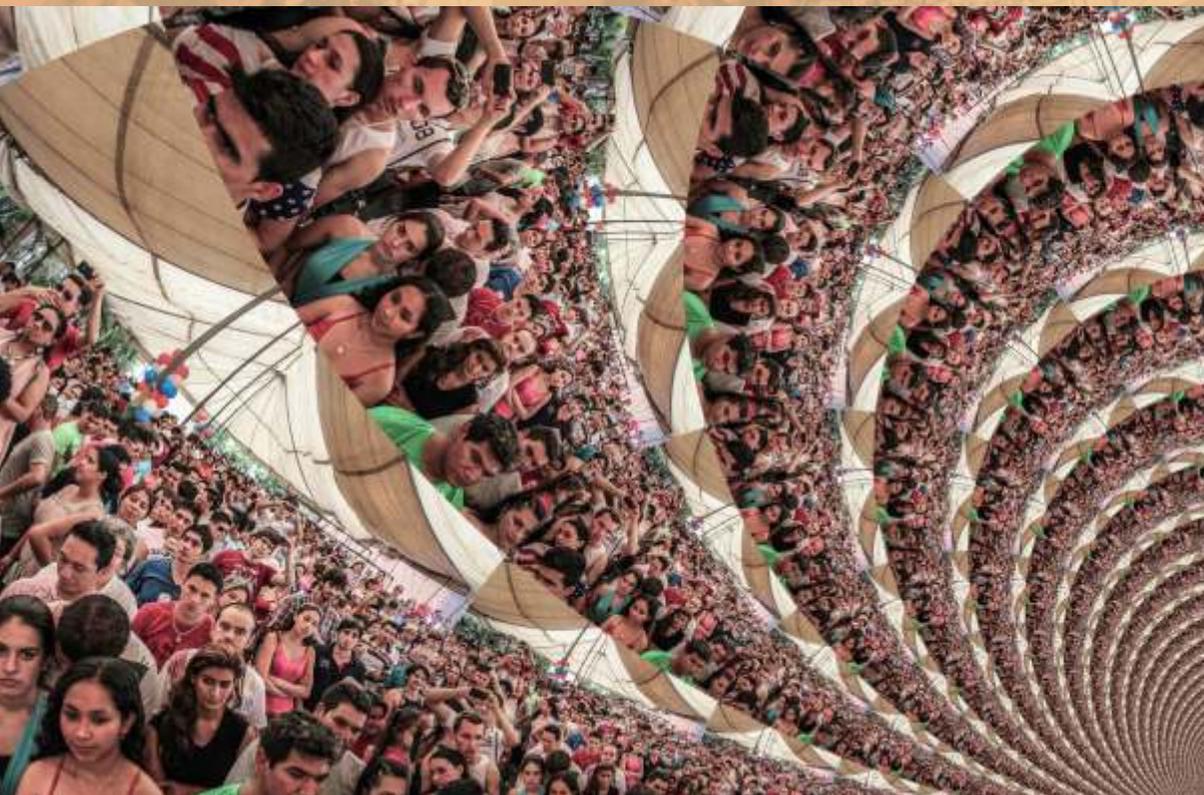
ISSN-0103-5576

TRAVESSIA

revista do migrante

74

Publicação do CEM - Ano XXVII, nº 74, Janeiro - Junho/2014



Perfil

Guaraní

PARAGUAIOS

- dossiê -

Caaguazú

Confecções

Caacupé

Ciudad del Este

Associações

TRAVESSIA - Revista do Migrante

Publicação do CEM - Centro de Estudos Migratórios (Federação Internacional dos CEMs J. B. Scalabrini), de natureza interdisciplinar, que visa contribuir para o intercâmbio entre a ampla e diversificada produção do conhecimento e aqueles que atuam em movimentos sociais e pastorais junto aos migrantes.

Diretor do CEM

Paolo Parise

Editor

José Carlos Pereira

CONSELHO CIENTÍFICO

Alfredo José Gonçalves (Pia. Soc. dos Miss. de S. Carlos/Scalabrini anos)

Carlos Bernardo Vainer (IPPUR/UFRJ)

Dulce Maria Tourinho Baptista (PUC/SP)

Francisco Nunes (Casper Líbero)

Girilda Seyferth (Museu. Nacional/PPGAS/UFRJ)

José Guilherme Cantor Magnani (USP)

José Jorge Gebara (UNESP)

Lelio Alberto Mármora (Universidad de Buenos Aires)

Lorenzo Principe (CEH/Roma)

Marcia Anita Sprandel (Ct. Migrações Internacionais da ABA e CEMI/Unicamp)

Maria Aparecida de Moraes Silva (UNESP)

Oswaldo Mário Serra Truzzi (UFSCar)

Sidney Antonio da Silva (JFAM)

CONSELHO EDITORIAL

Ana Cristina Arantes Nasser (USP)

Heinz Dieter Heidemann (USP)

Helion Póvoa Neto (NIEM e IPPUR/UFRJ)

José Carlos Pereira (SPM e Unicamp)

Léa Francesconi (USP)

Margarida Maria de Andrade (USP)

Marilda Aparecida de Menezes (UFPB)

Odair da Cruz Paiva (UNIFESP)

Sidnei Marco Dornelas (Assessor CNBB)

CENTRO DE ESTUDOS MIGRATÓRIOS

Rua Glicério, 225

Bairro Liberdade

01514-000 São Paulo / SP - Brasil

Fone: (11) 3340.6952

travessia@missaospaz.org

cem@missaospaz.org

www.missaospaz.org

Capa - Tiago Rangel Côrtes / Karina Moysés Pain

Impressão - Max Editora e Impressões Digitais Ltda - (11) 3379-7046

SUMÁRIO

Apresentação 05

Dirceu Cutti

Dossiê - Paraguaio

Introdução 07

Tiago Rangel Côrtes

Carlos Freire da Silva

Paraguaio em São Paulo: uma história e um retrato 13

Tiago Rangel Côrtes

Migrantes na costura em São Paulo:
paraguaio, boliviano e brasileiro na indústria de confecções..... 37

Tiago Rangel Côrtes

Carlos Freire da Silva

O que se passa em Caaguazú? 59

Carlos Freire da Silva

Tiago Rangel Côrtes

Ciudad del Este: do comércio de fronteira ao centro de São Paulo.. 75

Carlos Freire da Silva

Caacupé: trajetórias de organizações de paraguaio em São Paulo ... 93

Porfirio Leonor Ramírez

Los migrantes paraguayos y la lengua guaraní..... 109

Miguel Ángel Verón

Nas visitas realizadas por estudantes e pesquisadores à biblioteca do CEM observa-se nitidamente como o foco de atenção volta-se, como se diz na gíria, “à bola da vez” no que concerne aos movimentos migratórios em nosso país. Na década de 1980 e começo dos anos 1990, a moda era estudar a migração dos nordestinos, seguida pelos deslocamentos em direção à fronteira agrícola, entre os quais mereceu destaque o dos brasiguaios. Repentinamente, como num cerrar e abrir de cortinas, no palco da academia despontaram estudos voltados para a emigração dos brasileiros e, paralelamente, com todo fôlego, ao concomitante processo inverso – o da imigração – particularmente dos bolivianos inseridos no ramo das confecções e, em menor grau, aos refugiados e/ou solicitantes de refúgio. Atualmente, quase desnecessário dizê-lo, pesquisar a imigração haitiana tornou-se a coqueluche da vez.

Porém, em relação a um grupo expressivo de imigrantes na Região Metropolitana de São Paulo – os paraguaios – repete-se o que ocorreu no passado com a grande imigração espanhola: a ausência de estudos; aqueles, só recentemente obtiveram algum reconhecimento.

Visando preencher a lacuna, perseguimos alternativas para o desenvolvimento de uma pesquisa. Uma delas foi a de apresentar a ideia ao Instituto C&A, que prontamente a abraçou. Contatos preliminares haviam sido entabulados com o pesquisador Carlos Freire da Silva que, ao receber carta branca, acercou-se do também pesquisador Tiago Rangel Côrtes. Desde o início tínhamos em mira que o estudo conformaria um dossiê a ser publicado nesta revista.

Ressaltamos que é com grande satisfação do Conselho Editorial da Travessia que apresentamos a você leitor este estudo inédito, que vai muito além da fenomenologia do ir e vir. A presença dos paraguaios/as em nosso meio é analisada a partir de uma visão ampla, abarcando processos sociais de ontem e de hoje na qual se

encontra involucrada. Mas deixemos que os próprios coordenadores da pesquisa explicitem – como eles mesmos acenam na introdução ao dossiê – “as múltiplas travessias imbricadas nestas dinâmicas migratórias”.

Dirceu Cutti

A organização deste dossiê decorre de um convite do Centro de Estudos Migratórios (CEM-Missão Paz). Agradecemos ao Pe. Paolo Parise e ao Dirceu Cutti – coordenadores da Missão Paz e da Revista *Travessia*, respectivamente – pela oportunidade para que realizássemos pesquisa sobre a migração paraguaia em São Paulo.

Mas por que um dossiê sobre migração paraguaia?

A migração paraguaia em direção a São Paulo se relaciona a uma diversidade de temáticas estratégicas para refletirmos sobre as tendências do capitalismo transnacional. Ao abordar o trânsito de pessoas entre Paraguai e Brasil na atualidade, este dossiê retoma desde os efeitos das ditaduras na América Latina na questão migratória passando pelo fluxo dos sacoleiros brasileiros no comércio fronteiriço, a expansão das fronteiras da soja associada à atuação dos “brasiguaios”, as cadeias produtivas da indústria de confecções, e também as formas de resistência que passam pela valorização da língua guarani e a formação de associações de migrantes. Apesar de privilegiar a migração paraguaia, as análises ultrapassam os limites nacionais, considerando múltiplas travessias imbricadas nestas dinâmicas migratórias.

A motivação para realizar um estudo dedicado a paraguaios nasceu da constatação de que o elevado contingente desse grupo residente na RMSP (Região Metropolitana de São Paulo) não condizia com o reduzido número de estudos. Enquanto se multiplicaram nos últimos anos as análises e o interesse sobre bolivianos e haitianos, poucas são as referências à migração paraguaia. No artigo que traz uma apresentação geral da história e perfil dos *Paraguaios em São Paulo*, vemos que se trata de um dos maiores fluxos migratórios para a região na última década. Seja através das informações do Ministério da Justiça para os migrantes regulares no país, seja através dos dados sobre aqueles que participaram do processo de anistia em 2009, os paraguaios estão entre os principais, destacando-se como o quarto maior grupo em número de migrantes

nos dois casos. Nesse artigo, construímos perfis de paraguaios residentes em São Paulo com base em dados do Censo-IBGE de 2010 e da análise histórica. Acabamos por identificar diferenças geracionais. O grupo de paraguaios que se estabeleceu na RMSP no contexto das ditaduras militares, entre os anos 1960 e 1980, era predominantemente de origem urbana, sobretudo dos arredores de Assunção. Na década de 1990 diminuiu o fluxo de paraguaios para São Paulo. A partir da virada do milênio uma nova geração, menos escolarizada, de origem rural, com idade inferior a trinta anos, rumo a São Paulo para trabalhar predominantemente nas oficinas de costura.

A questão dos migrantes transnacionais que trabalham em oficinas de costura não é um tema novo. Há uma infinidade de estudos que tratam da inserção de bolivianos nessa cadeia produtiva. No entanto, o objetivo do artigo *Migrantes na costura em São Paulo* foi compreender o mecanismo que faz circular migrantes transnacionais através de oficinas. Não se trata de um texto sobre bolivianos, nem sobre paraguaios ou brasileiros que trabalham com costura; considerar a presença de paraguaios no setor, assim como comparar os perfis dos três grupos foi estratégico para revelar as razões que tornam a exploração de migrantes transnacionais atrativa para a indústria de confecções reestruturada. A hipótese desenvolvida coloca em evidência como a subcontratação de oficinas de costura para a produção de vestuário garante agilidade às grandes redes varejistas para oferecer constantemente novos produtos em suas araras, assim como reduzir custos e externalizar os riscos da atividade para as oficinas na ponta da cadeia produtiva. Em um contexto de concorrência global, procuramos demonstrar que os problemas das condições de trabalho no setor são fruto da maneira como se organiza a cadeia produtiva e das demandas de serviço das grandes redes varejistas que pautam o ritmo de trabalho nas oficinas de costura, e não decorrem da origem de seus trabalhadores.

Ao acompanharmos agentes pastorais nas oficinas de costura de paraguaios em São Paulo, notamos a recorrência de migrantes oriundos do departamento de Caaguazú, mais especialmente de Repatriación. Em *O que se passa em Caaguazú?*, seguimos a trajetória de Moisés, um jovem trabalhador que sai da zona rural paraguaia para buscar melhores oportunidades de trabalho em São Paulo. Nosso primeiro contato com Moisés ocorreu na véspera da Semana Santa de 2013, enquanto vivia na Vila Medeiros em uma oficina de costura, na zona norte de São Paulo. No final desse ano, Moisés retornou à cidade de origem para ajudar os pais na lavoura. Reencontramos o jovem trabalhador no assentamento em que morava com a família em Repatriación. Ao descrever a trajetória de Moisés, evidenciamos o impacto da monocultura da soja, gerida por brasiguaios que expandem a fronteira agrícola para plantar a *commodity*, com a respectiva concentração de terras e êxodo rural. Além disso, descrevemos como o pacato município de Caaguazú, que tem economia decadente e dependente da indústria extrativista da madeira, é dinamizado pelas remessas de migrantes transnacionais.

De Caaguazú partimos para *Ciudad del Este*. Neste artigo, discutimos como as representações usuais que se tem no Brasil sobre o Paraguai são largamente informadas pelas imagens construídas sobre comércio fronteiriço. De tal modo que “do Paraguai” e “paraguaio”, acabaram se associando pejorativamente a “contrabando” e “falsificação”. Procuramos descrever como se deu a formação do mercado de fronteira, animado por milhares de sacoleiros brasileiros que durante um determinado período se dirigiam cotidianamente à região em busca de mercadorias, mas também de paraguaios que levavam produtos de São Paulo para o Paraguai. Retomamos a história da fundação de Ciudad del Este no processo de reaproximação diplomática entre Paraguai e Brasil com a inauguração da Ponte da Amizade na década de 1960 e, também, no processo de constituição dos fluxos migratórios de chineses e libaneses que, desde o início, conectam o comércio da cidade paraguaia ao centro de São Paulo. No entanto, desde a abertura econômica nos anos 1990, o fluxo de sacoleiros vem diminuindo progressivamente e São Paulo vem ganhando centralidade nestas dinâmicas comerciais. Atualmente, muitas “feiras do Paraguai” espalhadas pelo Brasil são abastecidas pelo centro de São Paulo.

Além das questões desenvolvidas nos diferentes artigos mencionados, dois temas pungentes impunham-se para a constituição de um dossiê sobre paraguaios na RMSF: a relevância das associações de migrantes em São Paulo e a importância da língua guarani. Convidamos Porfirio Leonor Ramírez (Leo), que conhecemos em um contexto de entrevista para a pesquisa e que se tornou um grande amigo, para redigir *Caacupé: trajetórias de organizações de paraguaios em São Paulo*. Leo chegou do Paraguai em 2004, trabalhou por anos em oficinas de costura, conseguiu cursar o ensino superior em São Paulo e atualmente trabalha no Consulado da Venezuela. Influente na comunidade paraguaia, Leo compõe a *Japayke*, uma das poucas associações de paraguaios em São Paulo. Em seu texto, ele descreve as organizações existentes no município, dá ênfase aos grupos culturais e à devoção à *Virgencita de Caacupé*. Para Leo, a constituição de associações de migrantes é fundamental para organizar os interesses coletivos na busca pela expansão de seus direitos e melhores condições de inserção no país de acolhida. Leo é um batalhador, dedicado a resistir às formas de opressão e de supressão de direitos dos migrantes. Agradecemos sua contribuição e dedicação na produção do artigo.

Além disso, Leo concentra uma vasta rede de contatos envolvendo organizações sociais, sindicais, acadêmicas, governamentais, entre outras. Através dele tivemos a oportunidade de conhecer Miguel Ángel Verón, linguista, diretor geral de planificação linguística da *Secretaría de Políticas Lingüísticas* do Paraguai, professor da Universidade de Assunção e militante pela revalorização da língua guarani. Miguel, em *Los migrantes paraguayos y la lengua guaraní*, texto escrito em espanhol, justifica a valorização da língua guarani e mostra o impacto dos brasiguaios em termos linguísticos no Paraguai. Para o autor, “el portugués [que acompanha os colonos brasileiros] se impone como el monocultivo de soja

que carcome el campo paraguayo”. Obrigado Miguel por nos ter possibilitado aprofundar a compreensão sobre o tema.

Entendemos que o dossiê almejou tratar os diversos aspectos relacionados à migração paraguaia sem ficar restrito à análise deste grupo populacional em específico. Portanto, para compreender os paraguaios em São Paulo foi necessário articular diversos outros movimentos migratórios em temporalidades distintas.

Por fim, a pesquisa não teria sido possível sem a colaboração das pessoas que nos receberam em suas casas e compartilharam suas histórias. Somos gratos ao pe. Alejandro Cifuentes, à agente de pastoral Patrícia Rivarola e aos seminaristas, em especial o paraguaio Eudes Sanabria, que permitiram que os acompanhássemos em suas visitas às oficinas de costura. Agradecemos também a contribuição de Daniel Ribeiro e Maria Mercedes na tabulação dos dados estatísticos presentes neste dossiê. A pesquisa foi desenvolvida através de análise documental, acesso à literatura especializada, entrevistas de trajetórias, observação dos espaços em que os paraguaios estão presentes em São Paulo, além da análise de dados da Rais, do Ministério do Trabalho e Emprego e do Censo-IBGE de 2010.

*Tiago Rangel Côrtes
Carlos Freire da Silva*



Foto: Tiago Rangel Côrtes
Comemoração de paraguaios do dia da Virgem de Caacupé, Igreja Nossa Senhora da Paz, centro de São Paulo.

Paraguaios em São Paulo Uma história e um retrato

*Tiago Rangel Côrtes **

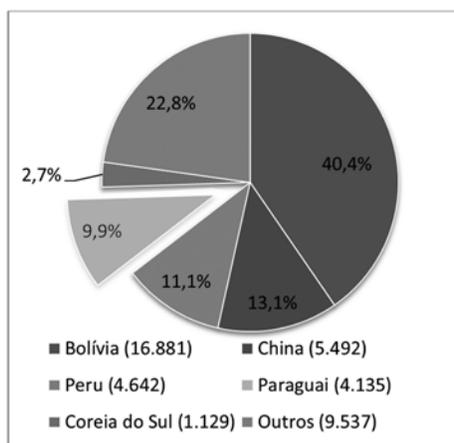
Domingo frio e chuvoso, centro de São Paulo. Em uma rua do bairro do Bom Retiro jovens se reúnem na calçada em frente a um sobrado antigo ao redor de uma churrasqueira de ferro fundido. Pele clara e os cabelos escuros. Seis homens e duas mulheres. Uma *guampa* circula de mão em mão, não sem antes ser totalmente preenchida com água gelada armazenada em uma garrafa térmica volumosa, adornada em couro com as cores vermelha, azul e branca. O guarani ou *yopará*¹ falado entre eles revela serem jovens paraguaios descansando durante seu dia de folga. Cena semelhante pode ser visualizada facilmente ao se realizar uma caminhada pelas ruas do bairro de grande diversidade cultural.

* Mestre em Sociologia pela USP e Técnico do Observatório do Trabalho/DIEESE.

Ou, nos finais de semana, basta chegar à Praça Nicolau de Moraes Barros, ou Areião (em guarani, *Ybycu’i*), também conhecida como Praça dos Paraguios, na esquina próxima à Rua do Bosque com a Rua dos Americanos. Juntamente com o Bom Retiro, Pari e Brás são os principais bairros no centro de São Paulo em que se concentram, além da Vila Medeiros, na Zona Norte, e da Vila Any, no município de Guarulhos.

Os paraguios constituem um dos principais fluxos migratórios transnacionais para o Brasil na última década, sendo que a grande maioria se concentra na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP). Informações divulgadas pelo Ministério da Justiça em 2011 sobre estrangeiros com residência regularizada no país apontavam 17.604 paraguios, destacando-os como o quarto maior grupo, atrás apenas de portugueses, bolivianos e chineses². Por ocasião da anistia para regularização da situação migratória em 2009, os paraguios foram a quarta nacionalidade mais beneficiada pela lei, atingindo 9,9% do total (Gráfico 1). A Missão Paz, através do Centro Pastoral e de Mediação dos Migrantes e da Casa do Migrante, atendeu entre janeiro de 2000 e maio de 2012 a 22.364 pessoas, das quais 15.738 eram bolivianas e 3.045 eram paraguias, o segundo grupo populacional em termos de atendimento. Estes números se referem a apenas uma parte da migração paraguaia para São Paulo, que é bem maior do que as cifras indicam. O consulado paraguaio e as organizações *Paraguai Teete* e *Japayke*, por exemplo, apontam entre 40 e 60 mil paraguios na RMSP. Não há informação quantitativa precisa que indique a quantidade de paraguios no município, mas estas diferentes bases de informação nos permitem dizer que se trata de um dos principais grupos atualmente.

Gráfico 1 – Distribuição dos anistiados (Lei 1.664) por nacionalidade. Brasil, 2009.



Fonte: Ministério da Justiça, Polícia Federal.
Elaboração própria.

De modo geral, nos últimos anos, houve uma mudança no cenário das migrações transnacionais na cidade com o crescimento substantivo da mobilidade de pessoas no circuito Sul-Sul, sobretudo bolivianos, paraguaios e peruanos, para além de grupos vindos da África, composto, entre outros, por angolanos, nigerianos, congolenses e senegaleses, e da Ásia, neste caso, chineses e coreanos. Recentemente, haitianos também compõem este mosaico; passaram a afluir após o terremoto que devastou o país em 2010. Se nas publicações acadêmicas e noticiários jornalísticos a discussão sobre migrantes bolivianos e haitianos esteve em evidência nos últimos anos, o mesmo não se pode dizer sobre os paraguaios. Esse fluxo para São Paulo passa ainda relativamente pouco pesquisado, praticamente não há acúmulo de estudos específicos sobre o tema.

Trata-se de uma migração cujo princípio remete aos anos 1950, porém passaram a chegar em intensidade para São Paulo após meados da década passada. Os microdados do Censo de 2010 revelam que a maior parte (50,3%) dos nascidos no Paraguai residentes na RMSP se estabeleceram depois de 2005, sendo que dois a cada três paraguaios mudaram para o Brasil após os anos 2000. Apenas 15,1% teriam chegado entre 1981 e 2000, enquanto 17,9% teriam chegado ao país antes dos anos 1980 (Tabela 1). Em comum com o caso amplamente debatido de bolivianos, são migrantes que recorrentemente vêm a São Paulo para trabalhar em oficinas de costura. No entanto, a comunidade boliviana na RMSP se instalou progressivamente desde os anos 1990, enquanto a paraguaia teve forte expansão recente.

Tabela 1 - País estrangeiro de nascimento, total e respectiva distribuição percentual conforme período em que fixou residência no Brasil, para residentes na RMSP

País	Total absoluto	Período					Total
		Até 1980	De 1981 a 1990	De 1991 a 2000	De 2001 a 2005	De 2006 a 2010	
Bolívia	25.884	6,8	5,1	21,2	29,8	37,1	100,0
Paraguai	4.146	17,9	5,6	9,5	16,7	50,3	100,0

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

Geração de dados: Daniel Ribeiro e Maria Mercedes - Expertise Social Ltda. Elaboração própria

O objetivo deste artigo é fazer um esboço da história da migração paraguaia para a RMSP e traçar um retrato do perfil dos migrantes que residem na cidade, de modo a realizar uma análise da heterogeneidade de paraguaios em São Paulo. Trata-se de texto de apresentação, sendo que algumas questões específicas serão tratadas em outros artigos que compõem este dossiê e espera-se despertar o interesse de pesquisadores para que realizem mais estudos sobre essa população em São Paulo. A análise se baseia nos microdados do Censo IBGE de 2010, na observação de campo e na análise de trajetórias de vida. Ao se traçar o perfil

dos migrantes a partir dos microdados de Censo de 2010, deve-se advertir que as informações quantitativas coletadas pelo IBGE apresentam limitações a serem consideradas. Segundo as estimativas do Censo, os paraguaios seriam 4.146 na RMSF. Esses resultados reconhecidamente subestimam o número de migrantes. Ressalva-se que a cada dez anos, quando o IBGE realiza a pesquisa censitária, são utilizados dois tipos de questionários: o primeiro, mais simples e curto, deve ser aplicado a todos os domicílios do país; o segundo, com informações em profundidade, é direcionado apenas para uma amostra da população residente no país. As informações que utilizaremos para traçar o perfil se referem à pesquisa amostral do Censo de 2010. Isto é, são estimativas e há uma margem de erro. Tendo em vista essa limitação, buscaremos apresentar os dados em sua distribuição percentual, e não em seus valores absolutos. De todo modo, desde que consideradas suas limitações, o Censo fornece uma das bases de dados mais confiáveis e abrangentes³.

Uma história: raízes da migração paraguaia para São Paulo

As mobilidades populacionais são constitutivas da história do Paraguai: da colonização à atualidade, da relação dos povos que ali viviam com os forâneos, diversos fluxos de pessoas formaram o que hoje compõe a população do país. Ao mesmo tempo, as guerras e a saída de seus nacionais para outros lugares marcaram definitivamente o percurso histórico do país e de sua sociedade, aspectos que foram fundamentais para a definição das fronteiras do território e para a consolidação de uma identidade paraguaia, ancorada num projeto de Estado-nação⁴.

O sociólogo paraguaio Tomás Palau (2011, p. 57), ao analisar de forma ampla os processos migratórios que tomam lugar no Paraguai, evidencia a especificidade dos fluxos migratórios imbricados no país: ao mesmo tempo em que mais de 10% da população vive em outro território, tem-se a situação em que mais de 10% das pessoas recenseadas no Paraguai nasceram em outro país. Isto é, trata-se de um contexto de forte repulsão e atração de migrantes, em que os dois fenômenos estão estritamente relacionados. Segundo o estudo de perfil migratório paraguaio da OIM (2011, p. 35), a Argentina registrava mais de 550 mil migrantes paraguaios, a Espanha teria 135.517 e o Brasil, como o terceiro destino, perfazia 40 mil migrantes (o que representaria 5,1% dos migrantes transnacionais do país). Já a principal presença de migrantes transnacionais no Paraguai, segundo dados do Censo do país de 2002⁵, seria a de brasileiros, com 81.592 pessoas, o que significa 47,1% do total da população nascida em outro país e residente no Paraguai (OIM, 2011, p. 28).

Segundo Palau (2011), retomando algumas das marcas históricas do Paraguai, antes da independência lograda em 1811 e da Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870), populações camponesas, sobretudo guaranis, não reconheciam os limites territoriais que definiam as fronteiras do Estado-nação que acabara de ser fundado. Era um espaço contíguo com amplo significado cultural e identitário dos povos que ali viviam e que não tinham relação com os limites que eram impostos pela colônia e, posteriormente, pelos recém-independentes Estados nacionais. Para Palau, a Guerra da Tríplice Aliança foi um marco político que criou uma clivagem no modo de organização desses fluxos, em que se forjou uma identidade nacional que tinha seus significados na construção ideológica e prática do que era o inimigo, o estrangeiro. Ao final da guerra, a população que vivia no território que constituía o Paraguai foi praticamente dizimada: reduzida de 1,3 milhões de habitantes a 300 mil, restando em sua maioria mulheres, idosos e crianças.

Ainda de acordo com Palau, após o término da guerra, entrou na pauta política a recolonização do país: seja a leste, a norte ou a sul. A ideia de colonização do interior perdurou por todo o século XX, ainda que suas estratégias e seus sentidos tenham mudado ao longo desse período. Boa parte dessas políticas esteve ancorada na gestão fundiária, operada no sentido de atrair migrantes transnacionais camponeses. Inicialmente, buscava-se aproximar principalmente europeus para produzirem e ocuparem os vazios populacionais criados pela guerra. De modo geral, essas iniciativas tinham a ver com mecanismos de distribuição das terras agricultáveis do país e a facilitação do acesso do estrangeiro à regularização, oferecendo uma série de vantagens. Em termos práticos, essas medidas não alcançaram os resultados esperados, sendo que a colonização dos vazios populacionais do país demorou, levando mais de 70 anos para que a população paraguaia restituísse o número de antes da guerra, o que ocorreu em meados dos anos 1950.

Os fatores que consolidaram os destinos e os perfis dos migrantes paraguaios presentes em São Paulo atualmente, são marcados fortemente por aspectos engendrados a partir dos anos 1950, com a ascensão de Alfredo Stroessner ao poder (1954-1989). De modo geral, são três os aspectos centrais: 1 – a perseguição massiva dos opositores do governo; 2 – a aproximação entre os governos brasileiros e paraguaios, que levou ao intercâmbio de pessoas com apoio estatal; 3 – a reestruturação fundiária do país, com a conseqüente expulsão de colonos de suas terras. Esses fatores impactaram na constituição de perfis diferentes de migrantes que saíram do país em momentos distintos para se estabelecerem em São Paulo.

Nos anos 1950, após o golpe militar liderado por Alfredo Stroessner, houve uma mudança geral da política do país. Segundo Alfredo da Mota Menezes (1987), se até aquele momento a economia paraguaia era basicamente dependente da Argentina, Stroessner buscou reorientar sua política externa,

aproximando-se do Brasil. Esse deslocamento traduziu-se numa mudança do vetor da dependência paraguaia. A porta de entrada do país para o mundo era a Argentina, que controlava a saída ao mar da Bacia do Prata. Stroessner, então, aportou uma série de políticas que tinham como direção estreitar as relações com o leste de Assunção e não apenas com o sul. Buscava proporcionar ao Paraguai, como ele dizia, a possibilidade de respirar com dois pulmões e não apenas um, sendo que as relações com o Brasil consolidariam essa oportunidade. Em parceria com o governo brasileiro, construiu-se a estrada que liga Assunção à Foz do Iguazu, sendo que o Brasil financiaria a obra até a cidade de Coronel Oviedo, na metade do caminho de Foz do Iguazu à Assunção, além da construção da Ponte da Amizade, inaugurada em 1965, e totalmente financiada pelo governo militar brasileiro.

Ao mesmo tempo em que o Paraguai avaliava o Brasil como parceiro estratégico e estimulava as trocas comerciais e culturais, o mesmo fizeram sucessivos governos brasileiros, tanto civis, antes do golpe de 1964 e, ainda mais os militares, após o golpe de 1º de abril que depôs João Goulart. Os portos de Santos e Paranaguá foram disponibilizados ao Paraguai para escoar sua produção, o que diminuía a dependência da Bacia do Prata. Também no movimento de aproximação dos países foram firmados os acordos que estabeleciam a criação da Usina Hidrelétrica Binacional de Itaipu. Essas medidas marcaram o estreitamento das relações entre Brasil e Paraguai, e o conseqüente aumento da dependência do país guarani. Em contrapartida aos investimentos brasileiros, o Brasil conquistava mais um mercado para seus produtos e, além disso, conseguiria expandir a fronteira agrícola. O Paraguai facilitou o acesso de brasileiros às suas melhores terras agricultáveis, muitas delas contíguas à fronteira do Mato Grosso do Sul e do Paraná. Em conjunto, essas medidas tiveram o efeito de colonização do leste realizada, sobretudo, por brasileiros.

Segundo Menezes, a ida dos primeiros brasileiros para o Paraguai começou na década de 1950, mas foi nos anos 1970 que se intensificou, após a assinatura do Tratado de Itaipu, de 1973. Os principais argumentos de Menezes para explicar o elevado fluxo de brasileiros que rumaram ao Paraguai são: 1 – a qualidade da terra paraguaia para a agricultura – terra vermelha como do norte paranaense e oeste de São Paulo; 2 – a forte pressão dos latifúndios no Brasil sobre as pequenas propriedades, sobretudo no Paraná; 3 – o uso de tecnologias no campo tinha liberado força de trabalho camponesa para migração; 4 – as facilidades oferecidas pelas Companhias Colonizadoras⁶; 5 – o preço da terra no Paraguai; 6 – a ausência de leis paraguaias que limitasse a entrada dos migrantes e a venda de terras aos brasileiros; 7 – o preço da soja no mercado internacional, sendo que *“a fantástica imigração de brasileiros para o Paraguai era manipulada desde Chicago. Por quê? Cada vez que um bushel de soja aumentava um penny⁷ na Bolsa de Valores de Chicago, mais e mais brasileiros moviam-se para o Paraguai”* (MENEZES, 1987, p. 135-136). Nesse sentido, frisa-se que o fluxo de brasileiros que chega ao Paraguai é contemporâneo à saída de paraguaios para

outros países e está relacionado à dinâmica do capitalismo globalizado, em que a soja é uma *commodity* transacionada no mercado global.

A presença de colonos brasileiros, sobretudo do Paraná, Rio Grande do Sul e Mato Grosso do Sul, impactou na distribuição das terras paraguaias, fortalecendo o êxodo rural. Antes de os paraguaios iniciarem suas empreitadas migratórias transnacionais, executaram internamente e em grande intensidade a mobilidade rural-rural, assim como a rural-urbana. Camponeses que almejavam seguir lavrando a terra buscavam novos territórios. Ao mesmo tempo, contingentes iam para as cidades, em especial a recém-inaugurada Ciudad del Este e Assunção, em busca de oportunidades. Para Palau (2011), o êxodo rural estava diretamente ligado à forma como se organizava a produção agrária e ao modo concentrador de distribuição de terras: neste sentido, o autor conclui que a produção de soja transgênica em grandes latifúndios teria relação direta com o aumento da migração rural-urbana. Foi na passagem da década de 1980 para 1990 que a população paraguaia passou a ser predominantemente urbana. Devido à saturação da absorção da força de trabalho que chegava às cidades, a migração transnacional se fortalece como alternativa. As melhores terras agricultáveis estariam sendo vendidas a baixo custo a migrantes brasileiros, que desde os anos 1960/1970 chegavam em massa no país e com dinheiro para comprá-las. Ou, então, as Companhias Colonizadoras vendiam as terras a prazo, permitindo que os brasileiros quitassem a dívida após tomar posse da propriedade, sendo que apenas a renda proveniente da extração da madeira dos lotes era suficiente para quitar o valor de todo terreno recém-comprado, além de causar desmatamento e problemas ambientais (PALAU, 2011; MENEZES, 1987).

Ao mesmo tempo, após o golpe, perseguidos políticos fugiam do Paraguai para não serem presos ou mortos pelo governo ditatorial. A maior parte afluíu para a Argentina e, nesse momento, as autoridades de imigração estimavam a entrada de ao redor de oito mil paraguaios ao ano no país⁸. Segundo Menezes (1987), estima-se que após a tomada do poder presidencial, em torno de um terço da população paraguaia, ou até 500 mil pessoas tenham se colocado em retirada do país⁹, sendo que a maior parte foi para Buenos Aires, onde se concentravam os opositores do regime de Stroessner. Aliás, para Menezes, essa foi uma das razões que favoreceu a aproximação política de Stroessner ao Brasil, avaliou-se que o governo argentino não tomava as devidas medidas contra os paraguaios que conspiravam em Buenos Aires contra o governo militar sediado em Assunção. Ainda hoje, a Argentina continua sendo para os paraguaios o destino prioritário: a facilidade com o idioma e de deslocamento, o acordo do Mercosul que facilitou o acesso à documentação, assim como as sólidas redes sociais e associativas de migrantes estabelecidas fazem com que os paraguaios sejam o principal grupo no país. Segundo o Censo argentino de 2010, 35% dos migrantes transnacionais que se encontravam na Argentina eram paraguaios (SCALABRINI INTERNATIONAL MIGRATION NETWORK, 2011, p. 8). Em

2000, para a OIM, por volta de 85% dos nascidos no Paraguai que residiam no exterior encontravam-se na Argentina (2011, p. 33).

Em relação aos que vieram para o Brasil, a partir dos anos 1950, a perseguição do governo militar, a aproximação do governo brasileiro e as trocas e intercâmbios de estudantes, assim como a reestruturação fundiária do país foram os fatores que marcaram dois momentos e perfis diferentes de migrantes que aportaram em São Paulo¹⁰. O migrante que chegou antes do final dos anos 1970, de modo geral, ou veio fugido da ditadura militar, ou se instalou na cidade por conta das políticas de aproximação entre os dois governos nacionais. Quando Stroessner tomou o poder, tratou-se de expulsar do país uma grande massa de pessoas. Não se realizava exatamente a perseguição pontual de lideranças e pessoas que se destacassem em sua atuação política oposta a Stroessner (mais ou menos o que ocorreu no Brasil), mas uma cassada ostensiva e massiva a todos que eram avaliados como alinhados à oposição, muitos dos quais estavam no mesmo partido de Stroessner, o Colorado, mas que eram avaliados como oposição. Essa caça geral fez com que São Paulo entrasse na rota de destino dos paraguaios, assim como Buenos Aires.

Ao mesmo tempo, com o estreitamento das relações entre os governos brasileiro e paraguaio, foi incentivada a vinda de estudantes universitários para a capital paulista. Paraguai e Brasil haviam firmado acordos de intercâmbios cultural e educacional, sendo que o próprio Stroessner havia estudado na Escola Militar do Rio de Janeiro (MORAES, 2000, p. 34). Além disso, o governo de Stroessner enviou à capital paulista pessoas de sua confiança para atuarem no estreitamento das relações de Brasil e Paraguai. Nesse primeiro momento, os migrantes paraguaios que fixaram residência em São Paulo têm um perfil relativamente escolarizado e qualificado. Em geral, eram pessoas que tinham trajetórias urbanas, a maioria de Assunção e seus arredores.

Citamos, como exemplo, a trajetória de sucesso de médico paraguaio Júlio César Mariño, que após concluir a educação básica no Paraguai, veio estudar medicina na USP em São Paulo em 1963, graças ao convênio educacional Brasil-Paraguai. Formou-se em 1968, nos anos subsequentes especializou-se em cirurgia vascular. Tornou-se um dos maiores e mais consagrados cirurgiões vasculares do país, atualmente atende no Hospital Sírio Libanês de São Paulo, é professor de medicina da mesma universidade em que se graduou, fez até mesmo parte da equipe médica que cuidou da presidenta Dilma Rousseff¹¹. O médico é um ícone entre os paraguaios que chegaram a São Paulo antes dos anos 1980.

A partir do final dos anos 1970, começam a aportar em São Paulo migrantes paraguaios com perfil diferente do anterior. Tratava-se de migrantes de baixa qualificação, que vieram em busca de oportunidades de trabalho, não vinham fugidos da perseguição política, nem tampouco tiveram incentivos do Brasil ou do Paraguai para fixarem residência na RMSP. Os primeiros relatos de paraguaios

que operaram máquinas de costura remontam justamente a esse período, ainda que não estivessem afluindo à cidade mobilizados exclusivamente por esse tipo de trabalho. De todo modo, neste momento, havia uma forte relação da inserção dos paraguaios em São Paulo com a presença de migrantes sul-coreanos, que trabalhavam na indústria de confecções.

Segundo Carolina Mera (2009, p. 12), boa parte dos coreanos que chegou à cidade a partir do final dos anos 1960 entrou no país via Paraguai e Bolívia, Estados que tinham firmado acordos com o governo sul-coreano para estimular a migração desses asiáticos. No entanto, tanto o Paraguai como a Bolívia eram destinos menos atrativos economicamente, sendo que muitos coreanos almejavam, na realidade, se instalar na Argentina e no Brasil. Avaliavam, desse modo, o uso dos acordos que incentivava a migração para esses países como estratégia de entrada na América Latina, para rumarem a países vizinhos. Ainda de acordo com a autora e notícias de jornal dos anos 1980, por volta da metade dos coreanos que chegavam ao Paraguai estabeleciam residência na Argentina ou no Brasil¹². Esta dispersão e inserção comum dos coreanos na América Latina, além de seu peso inicial para a inserção de paraguaios e bolivianos no setor das confecções, foram constitutivos para o que Patrícia Tavares de Freitas (2009) formulou como um *território circulatório* entre Brasil, Argentina, Paraguai e Bolívia em torno da costura.

Como abordamos em outro texto deste dossiê, os primeiros paraguaios que se inseriram nas oficinas de costura, de modo semelhante ao que ocorreu com bolivianos, foram mobilizados por coreanos que já se encontravam no setor. Os migrantes asiáticos espalhados entre Paraguai e Bolívia foram importantes para que a indústria de confecções se concretizasse como nicho de mercado de paraguaios e bolivianos, que começaram afluir à cidade no começo dos anos 1980. Segundo foi relatado, alguns coreanos agenciavam suas redes transnacionais a fim de trazerem trabalhadores que iriam operar as máquinas de costura de suas oficinas, sobretudo nos bairros do Bom Retiro e da Liberdade, mas também na zona norte, como Casa Verde, e outros lugares da zona leste da cidade. Segundo relatos e notícias de jornal¹³, devido o custeio das passagens, esses trabalhadores ficavam confinados nas oficinas de coreanos até pagarem as dívidas que haviam contraído.

Essas são características do fluxo mais atual de migrantes paraguaios, que é posterior ao fim da ditadura militar e à queda de Stroessner em 1989. De todo modo, os fatores fundamentais que estruturaram a precária situação que levou a migração transnacional de pessoas pobres do país se desenvolveram na era Stroessner. Isto é, a aproximação com produtores agrícolas brasileiros que cultivavam a monocultura de soja (atualmente transgênica) forçou o êxodo rural. Na medida em que as cidades paraguaias já não davam conta de absorver essa força de trabalho, a migração transnacional se intensificou. Nesse momento, a origem desses migrantes paraguaios não é mais prioritariamente a de pessoas

de Assunção e região, mas de municípios com preponderância de atividades agrícolas e extrativistas, como do departamento de Caaguazú.

Nos anos 1980 e 1990, dos paraguaios que se dedicavam ao trabalho nas oficinas de costura, mobilizados por coreanos, alguns conseguiram criar seus próprios empreendimentos nos anos 1990 e 2000. Outros se dedicaram às atividades de comércio, sendo o comércio ambulante, sobretudo de vestimentas confeccionadas na cidade, um dos eixos de atuação. Há, ainda, os circuitos de comerciantes que serão abordados em profundidade em outro artigo deste dossiê, mas que se refere exatamente aos paraguaios que vêm a São Paulo fazer compras para abastecer comerciantes do seu país. Atualmente, as mercadorias mais levadas de São Paulo ao Paraguai são artigos de vestuário. Outro nicho importante de mercado para as mulheres paraguaias que vieram nesse período é o trabalho como babá ou empregada doméstica.

O final dos anos 1980 e começo dos 1990 foi marcado por processos de redemocratização que ocorreram em toda a América Latina. Este foi o contexto da consolidação do MERCOSUL (Mercado Comum do Sul), de aproximação dos países do Cone Sul do continente americano. Ao longo da década de 1990, os paraguaios que se puseram em marcha do país não rumaram em grande quantidade para São Paulo. A Espanha e a Argentina eram os destinos prioritários. Neste caso, se tratava de migrantes que buscavam melhores opções de trabalho e renda. Na Argentina, os homens se dedicam primordialmente à construção civil e as mulheres se ocupam como domésticas e babás. Na Espanha, esses trabalhadores se inseriram em atividades de menor prestígio e baixa remuneração. O Brasil, em especial São Paulo, neste momento, não era destino prioritário. Como vimos nos microdados do Censo apresentados na Tabela 1, apenas 15,1% da população paraguaia que reside atualmente na RMSP ingressou no país entre 1981 e 2000.

Foi, sobretudo, a partir da crise econômica argentina deflagrada no final dos anos 1990 e agudizada nos anos 2001 e 2002, que paraguaios começam a rumar a São Paulo e à Espanha em maior medida. A trajetória de Luís Fernando¹⁴ expressa os sentidos dos movimentos migratórios mais recentes. Ele nasceu em 1979 em Capiatá, no departamento Central, próximo à Assunção. Migrou pela primeira vez aos 17 anos com sua mãe para o município de Caaguazú, onde já moravam seus tios e avós. Aos 22 anos, em 2001, devido às penosas condições do mercado de trabalho no município, às dificuldades encontradas para os estudos, Luís Fernando decidiu, em conjunto com parentes, que iria a Buenos Aires, onde vivia seu tio González. O parente lhe informou que o trabalho seria árduo, jornadas superiores a doze horas diárias, muitas vezes inclusive aos finais de semana. Naquele momento, a Argentina passava por aguda crise econômica, ainda assim era a empreitada migratória mais fácil de ser realizada, tendo em vista os contatos estabelecidos, a garantia de emprego e casa com familiar.

No dia posterior à chegada em Buenos Aires, ao bairro Villa del Parque, acordou cedo para ajudar nos retoques finais da construção da casa que logo

seria o espaço em que moraria e trabalharia, a oficina de costura de seu tio. O parente conhecia com destreza os mecanismos da produção subcontratada das oficinas de costura, apesar de ser de origem rural, já havia vivido anteriormente em São Paulo, realizando o mesmo tipo de atividade. Depois de laborar sete meses na oficina de costura do tio, com jornadas superiores a 12 horas diárias, devido a alguns pequenos desentendimentos, o jovem decidiu buscar outro trabalho. Prontamente, devido aos contatos estabelecidos no bairro, começou a trabalhar em outra oficina, onde pagavam melhor e a jornada era inferior. Em 2003, a Argentina anistiou os migrantes irregulares, algum tempo depois Luís Fernando regularizou sua situação migratória e seguiu trabalhando no país até o começo de 2007. No período, a Argentina melhorou sua situação econômica, do mesmo modo que Luís Fernando auferiu ganhos que permitiram iniciar uma pequena reforma na casa de sua mãe que ficara em Caaguazú. Entre idas e vindas da Argentina ao Paraguai, Luís Fernando nota que os conterrâneos que foram à Espanha tinham conseguido juntar mais dinheiro do que aqueles que rumaram à Argentina. Naquele momento, o câmbio pesava na decisão (o euro valia por volta de 7500 guaranis, conversão superior à do peso argentino).

Com a avaliação de que em quatro anos em Buenos Aires não tinha conseguido terminar a reforma da casa da mãe, Luís Fernando decide – a despeito do momento de crise, do recrudescimento do controle das fronteiras e do retorno dos conterrâneos da Europa – partir para a Espanha. Para tanto, buscou uma agência de viagens que lhe emprestaria dinheiro para entrar no país como viajante, além de reservas de hotel e de uma quantia em mãos para provar que poderia se manter no país. Para tanto, hipotecou a casa em que vivia com a mãe. A agência o orientou passo a passo como deveria agir para passar pela imigração, realizada na Itália, pois se avaliava ser mais fácil cruzar o espaço Schengen¹⁵ nesse país. Do total de oito paraguaios que embarcaram com Luís Fernando rumo à Espanha, apenas quatro conseguiram passar pela imigração sem problemas. Assim que chegou à capital espanhola, Luís Fernando devolveu o dinheiro que havia sido emprestado para auxiliá-lo na passagem pela imigração e a sua mãe pôde desipotecar a casa. O migrante recém-instalado buscou toda sorte de empregos, de entregador de pizzas a servente de construção, passando por cuidador de cavalos. Empregou-se como limpador de edifícios e porteiro. Ao final de 2008, Luís Fernando foi acometido por grave infecção na perna esquerda, ficou diversos dias internado no hospital e impedido de trabalhar, gastando suas economias no período. A crise na Espanha se agudizava ao mesmo passo que a situação de saúde e de emprego. Portanto, resolveu regressar ao Paraguai no começo de 2009.

O dinheiro que levou a Caaguazú bastava apenas para três meses. De volta ao país natal, Luís Fernando estabelece contato com amigos que viviam em São Paulo. Neste momento, novo horizonte migratório se consolida ao rapaz que vinha realizando empreitadas migratórias nos últimos sete anos, desde que

completara 22 anos de idade. Pouco tempo depois de ter retornado ao Paraguai, decide buscar nova oportunidade em São Paulo. Uma conhecida o havia indicado como ajudante em uma confecção na Rua José Paulino, no Bom Retiro. Luís Fernando passa com facilidade pela fronteira, com visto de 90 dias como turista. Em São Paulo, trabalha como costureiro em uma oficina subcontratada, depois como ajudante em uma confecção, em seguida, com carteira assinada, como atendente em uma ótica também no bairro do Bom Retiro, dentre outros empregos. No começo de 2014, tendo acumulado algum dinheiro, decide regressar ao Paraguai. Atualmente, vive com sua mãe em Caaguazú.

Esta trajetória evidencia os percursos, expectativas, ambições e ações realizadas por um migrante paraguaio recente, que chegou a São Paulo após os anos 2000. Nota-se a forte disposição em circular e experimentar a situação migratória em contextos não necessariamente favoráveis, tendo em vista o acúmulo de valores para investir na sociedade de origem. A mobilização por variados destinos tem forte relação com as crises econômicas enfrentadas nos países prioritários de instalação, ao mesmo tempo em que o mercado de trabalho paulistano apresenta condições favoráveis, ainda que primordialmente na informalidade, para a absorção desse fluxo de trabalhadores. Rumar ao Brasil, em especial a São Paulo, não tem custos migratórios tão elevados, os riscos são menores do que viajar à Europa. São Paulo está a apenas uma madrugada de ônibus da fronteira com o Paraguai. Dependendo da época do ano, a passagem para Assunção é inferior a 200 reais. Desse modo, o custo de deslocamento, a distância, o não recrudescimento das políticas migratórias, a situação econômica ascendente do país na primeira década dos anos 2000 são fatores a serem considerados para explicar o incremento recente dos paraguaios em São Paulo.

Um retrato: o perfil dos migrantes paraguaios a partir dos microdados do Censo de 2010

Segundo os dados do Censo de 2010, o estado de São Paulo teria 41.262.199 habitantes, dos quais 19.683.975 se encontravam na RMSP. Nessa região, o Censo identificou que 192.422 pessoas nasceram em outro país que não o Brasil. Os paraguaios seriam a 11ª população estrangeira de maior presença, totalizando 4.146 pessoas (Tabela 2); no estado de São Paulo seriam 6.038 paraguaios. São Paulo e Guarulhos são os dois municípios que concentram o maior número de paraguaios no país. Ainda que os dados indiquem apenas 2,2% dos nascidos em outro país residentes na RMSP como do Paraguai, é provável que essa participação relativa no total de migrantes seja subestimada.

Tabela 2 – País estrangeiro de nascimento, total e respectiva distribuição percentual, para residentes RMSP, resultados gerais para a amostra do Censo Demográfico 2010.

Ranking da RMSP	País	RMSP		UF - São Paulo	
		Total	%	Total	%
1º	Portugal	46.516	24,2	64.241	24,1
2º	Bolívia	25.859	13,4	27.734	10,4
3º	Japão	20.264	10,5	33.463	12,6
4º	Itália	13.089	6,8	19.183	7,2
5º	Espanha	11.214	5,8	16.754	6,3
6º	China	10.285	5,3	12.554	4,7
7º	República da Coreia	7.306	3,8	7.532	2,8
8º	Argentina	5.943	3,1	8.565	3,2
9º	Chile	5.899	3,1	8.879	3,3
10º	Líbano	5.041	2,6	6.498	2,4
11º	Paraguai	4.146	2,2	6.038	2,3
12º	Alemanha	3.940	2,0	5.996	2,3
13º	Estados Unidos	3.634	1,9	6.000	2,3
14º	Peru	3.247	1,7	4.868	1,8
15º	França	2.408	1,3	3.029	1,1
	Outros	23.631	12,3	35.038	13,2
	Total (*)	192.422	100,0	266.372	100,0

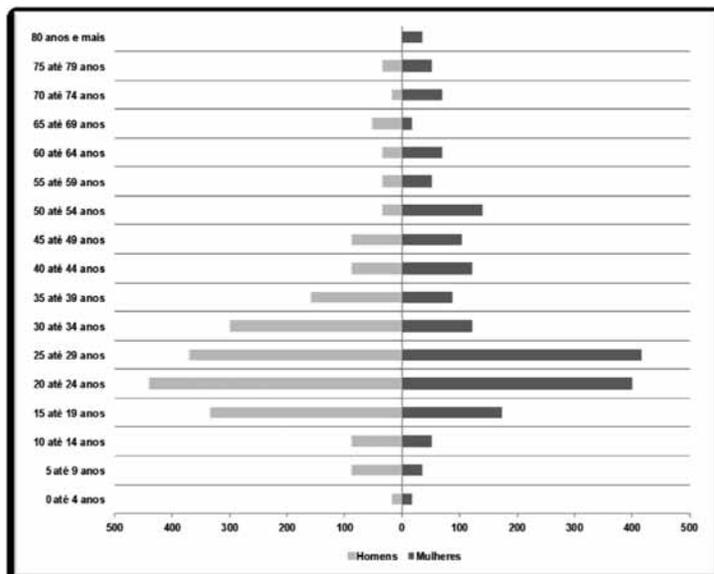
Elaboração: Daniel Ribeiro e Maria Mercedes - Expertise Social Ltda.

Observação (*): compreende somente casos válidos, portanto, excetuando informação inexistente ("Ignorado" e/ou "Não sabia país estrangeiro") para 188 (cento e oitenta e oito) casos.

Segundo o Censo de 2010, a população nascida no Paraguai que vive na RMSP é predominantemente jovem: por volta de 60% tem idade igual ou inferior a 29 anos. Três em cada quatro paraguaios residentes em São Paulo têm idade inferior a 39 anos. A faixa etária mais representada se situa entre 19 e 29 anos. Ainda que haja predomínio de homens, nota-se que não há grande disparidade entre os sexos, 52,6% de homens contra 47,4% de mulheres. No entanto, ao se analisar o sexo dos migrantes pela faixa etária, registra-se uma maior variação: há predomínio de homens nas faixas etárias mais jovens, do total com idade até 39 anos, 58,7% são homens, sendo que até 18 anos e entre 30 e 39 anos a preponderância de homens chega a quase 70%. Ao se visitar as oficinas de costura de paraguaios, nota-se nesses espaços o predomínio masculino. Conforme relatado, é mais frequente a saída dos jovens do sexo masculino para buscarem alternativas de sustento, enviar remessas para a família, enquanto as jovens mulheres (que também vêm, mas em menor intensidade) frequentemente ficam com os pais para ajudar no cuidado doméstico, ou migram apenas após terem contato com pessoa de confiança estabelecida, em geral um homem.

O gráfico da pirâmide etária dos paraguaios residentes na RMSP evidencia a preponderância de jovens, com idade entre 15 e 35 anos, a baixa quantidade de crianças e idosos. O reduzido número de crianças se deve ao fato de que os migrantes que vêm a São Paulo, em sua maioria, não trazem os filhos do país; o perfil é composto por jovens sem filhos que migram para o Brasil. No entanto, deve-se ressaltar, pela observação de campo, que é muito comum a paternidade e maternidade desses migrantes em idade bastante jovem. Nas visitas a campo, notou-se a constituição de famílias de paraguaios com idade inferior a 22 anos, que tinham entre um e dois filhos. Em alguns casos, os migrantes que constituíam família com filhos tinham se conhecido em São Paulo, outras vezes eles tinham migrado juntos do Paraguai. Ao se visitar o Parque da Luz, ou a Praça dos Paraguaiois (Praça Nicolau de Moraes Barros) num final de semana, seguramente se poderá encontrar essas jovens famílias com suas crianças. Muitas vezes, essas crianças, filhas de migrantes, nascem no Brasil, portanto, são brasileiras e não entram na pirâmide etária. A maior parte das crianças com que pudemos interagir em São Paulo frequentava a escola brasileira, não tinha grandes dificuldades para conseguir matrícula, sendo que os pais falavam o guarani e/ou o castelhano com os filhos. Muitas vezes, eles respondiam em língua portuguesa, justamente devido à experiência escolar.

Gráfico 2 – Pirâmide etária das pessoas nascidas no Paraguai, residentes na RMSP, Censo Demográfico de 2010



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

Elaboração: Daniel Ribeiro e Maria Mercedes - Expertise Social Ltda.

Ao contrário do senso comum brasileiro, que pensa que os paraguaios, em sua maioria, são indígenas, estereótipo reforçado pelo fato de falarem o guarani¹⁶, as pessoas dessa nacionalidade recenseadas em 2010 não se declaram como indígenas; na RMSP sequer houve um registro. Mais da metade se considera de cor ou raça branca (70,6%) e ao redor de um quarto se denomina pardo (27,1%). Em relação à religiosidade, o Censo de 2010 confirmou a expectativa de predomínio de católicos (76,4%). A coletividade paraguaia que vive na RMSP é devota da *Virgencita de Caacupé*; o artigo de Porfirio Leonor Ramírez neste dossiê aborda a questão em profundidade. Em todos os anos, na cidade de São Paulo, mais de dois mil migrantes se reúnem na Igreja Nossa Senhora da Paz, no Glicério, para fazerem suas orações à Santa. Em segundo lugar, com o registro de 8,5% do total, aparecem os sem religião, seguidos pelos ateus (2,5%). O restante dos paraguaios está distribuído entre diferentes igrejas, sobretudo (neo)pentecostais.

Tabela 4 – Distribuição percentual das pessoas nascidas no Paraguai, residentes na RMSP, conforme cor e/ou raça e religião e/ou culto.

Cor e/ou raça		
	Absoluto	Relativo (%)
Branca	2.926	70,6
Preta	11	0,3
Amarela	86	2,0
Parda	1.123	27,1
Índigena	-	-
Total	4.146	100,0
Religião e/ou Culto		
Católica Apostólica Romana	3.166	76,4
Sem religião	351	8,5
Ateu	105	2,5
Igreja Evangélica Assembleia de Deus	70	1,7
Igreja Congregação Cristã do Brasil	70	1,7
Outras Igrejas Evangélicas Pentecostais	70	1,7
Igreja Evangélica Batista	53	1,3
Evangélica não determinada	52	1,3
Outras	209	5,1
Total	4.146	100,0

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

Geração de dados: Daniel Ribeiro e Maria Mercedes - Expertise Social Ltda.

Elaboração própria

A tabela abaixo evidencia a distribuição percentual dos paraguaios residentes na RMSP por nível de instrução conforme período em que fixaram residência no país. De modo geral, os recenseados não têm alta escolarização, apenas 8,0% do total declarou ter cursado o ensino Superior Completo. Mais de um terço (35,4%)

sequer tem o Ensino Fundamental completo. Um pouco mais da metade relatou ter entre o Fundamental Completo e o Superior Incompleto. Ao se comparar o percentual dos com Ensino Superior, salta à vista o valor alcançado por aqueles que fixaram residência na RMSP até 1980: quase um quinto (19,7%), enquanto os grupos que chegaram posteriormente apresentam uma participação muito mais baixa de pessoas com maior escolarização. Em 2010, 42,8% dos paraguaios que residiam na RMSP e que tinham ensino superior completo estabeleceram residência antes dos anos 1980. Esses dados reforçam a hipótese desenvolvida na primeira parte deste texto, de que houve uma primeira leva de migrantes paraguaios composta por profissionais liberais, com maior qualificação, dentre os quais pode-se enumerar médicos, pessoas com trajetórias urbanas e que vieram ou com apoio do governo de Stroessner, devido à aproximação com o Brasil, ou fugidos da ditadura. No entanto, deve-se ressaltar, isso não quer dizer que a maior parte dos migrantes que chegaram antes dos anos 1980 pertencesse a esse grupo. O Censo mostra que 29,1% dos migrantes que chegaram até 1980 eram sem instrução e/ou com fundamental incompleto; quase 60% apresentavam, no máximo, o médio incompleto. A tabela evidencia uma mudança do perfil de escolarização dos paraguaios que rumaram a São Paulo. Nos grupos mais novos, que fixaram residência na RMSP no século XXI (o que representa 67,0% dos paraguaios na RMSP em 2010), o percentual dos menos escolarizados é mais elevado. Mais da metade (57,6%) dos que chegaram a São Paulo entre 2001 e 2005 não apresentavam sequer o fundamental completo, enquanto entre os vindos de 2006 a 2010, 70,5% tinham escolarização inferior ao ensino médio incompleto.

Tabela 5 - Distribuição percentual do nível de instrução conforme período em que fixou residência no Brasil das pessoas nascidas no Paraguai, residentes na RMSP, mediante os resultados gerais para a amostra do Censo Demográfico 2010.

Nível de Instrução	Período					Total (%)
	Até 1980	De 1981 a 1990	De 1991 a 2000	De 2001 a 2005	De 2006 a 2010	
Sem instrução e fundamental incompleto	29,1	39,4	26,0	57,6	31,9	35,4
Fundamental completo e médio incompleto	29,2	19,2	30,8	9,0	38,6	29,1
Médio completo e superior incompleto	22,1	36,3	34,6	29,5	23,7	27,4
Superior completo	19,7	5,2	8,6	4,0	5,8	8,0
Total relativo (Período)	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Total absoluto (Período)	742	232	394	692	2.086	4.146

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

Geração de dados: Daniel Ribeiro e Maria Mercedes - Expertise Social Ltda.

Elaboração própria

Analisando-se a distribuição dos paraguaios exclusivamente no município de São Paulo, nota-se a concentração em distritos que têm relação com a indústria de confecções. Pari, Bom Retiro, Vila Medeiros, Brás e Vila Maria concentram

quase a metade (44,4%) dos paraguaios em São Paulo. Os distritos do Bom Retiro e do Brás têm uma relação histórica e antiga com a indústria de confecções, sendo que essas regiões são conhecidas como postos de comercialização de vestimentas. Pari, Vila Medeiros e Vila Maria, como é sabido pelos estudos realizados com migrantes bolivianos, são regiões que concentram alto número de oficinas de costura, que se multiplicaram e espalharam pela cidade após os processos de reestruturação produtiva (este tema foi aprofundado em outro texto que acompanha este dossiê).

Em geral, a espacialização dessas oficinas tem relação direta com o circuito das encomendas e das confecções. Os imóveis, que concentram em um mesmo espaço moradia e trabalho, localizam-se de forma estratégica, balanceando os custos de mobilidade na cidade com os custos de aluguéis. Aqueles que ficam na região central (Brás, Bom Retiro e Pari, por exemplo) têm custos mais elevados de aluguel e custos mais reduzidos em termos de circulação pelos locais de referência para a execução da atividade produtiva, como buscar as encomendas de tecidos cortados, entregar as vestimentas prontas ou acessar as lojas e representantes de materiais de insumo para a costura (como aviamentos a máquinas). Já os imóveis que se espalharam para as regiões mais periféricas, de modo geral, seguiram uma tendência de se localizar em pontos estratégicos que unem vias de acesso (inclusive metrô e trem) aos mesmos locais de referência na região central, mas com custos menores de aluguel. É, portanto, devido a essa infraestrutura urbana que a maior parte das oficinas de costura que se espalharam para as regiões periféricas da cidade se concentraram nas zonas norte e leste. Com exceção do Grajaú, os distritos das regiões sul e oeste de São Paulo, por exemplo, não aparecem tendo peso entre os principais destinos desses migrantes na cidade. A própria concentração de paraguaios em Guarulhos tem a ver com a facilidade de acesso ao centro de São Paulo, imbricada no circuito das encomendas.

Tabela 6 – Distribuição percentual das pessoas nascidas no Paraguai residentes no município de São Paulo conforme os distritos de São Paulo, mediante os resultados gerais para a amostra do Censo Demográfico 2010.

Distrito	(%)
Pari	18,1
Bom Retiro	9,9
Vila Medeiros	8,2
Brás	4,7
Vila Maria	3,5
Bela Vista	3,5
Tucuruvi	2,9
Grajaú	2,3
Outros	46,8
Total	100,0

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

Geração de dados: Daniel Ribeiro e Maria Mercedes - Expertise Social Ltda. Elaboração própria

Os dados do Censo sobre as ocupações dos paraguaios residentes na RMSP evidenciam a importância da indústria de confecções para esse grupo de migrantes. Quase a metade (47,1%) dos recenseados afirmaram ter ocupação relacionada à indústria de confecções, sendo que 41,7% informaram ser operadores de máquina de costura. As atividades relacionadas ao comércio também têm grande importância entre os paraguaios residentes na RMSP. Como se pode verificar pela observação de campo em mercados populares, como a Feira da Madrugada no Brás, há um número alto de comerciantes paraguaios. Em muitos casos, comercializam vestimentas, que podem ter sido fabricadas por eles mesmos. Outra ocupação que aparece na lista com as principais ocupações dos paraguaios é a de trabalho doméstico. Foram entrevistadas algumas mulheres que, tendo migrado nos anos 1990, trabalham em casas de família.

Tabela 7 – Ocupação exercida no trabalho das pessoas nascidas no Paraguai¹, residentes na RMSP, mediante os resultados gerais para a amostra do Censo Demográfico 2010.

Ocupação	(%)
Operador de Máquina de Costura	41,7
Ocupações Maldefinidas ²	14,7
Balconistas e vendedor de Lojas	5,3
Trabalhador qualificado da preparação e confecção de roupas	3,5
Comerciantes de lojas	2,9
Trabalhador dos serviços domésticos em geral	2,9
Costureiros, Bordadeiros e Afins	1,8
Outras ocupações	27,0
Total	100,0

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

Geração de dados: Daniel Ribeiro e Maria Mercedes - Expertise Social Ltda.

Elaboração própria

O número de 2.974 migrantes nesta tabela difere do valor apresentado anteriormente (4.146) pois houve uma massa de pessoas que não respondeu à pergunta.

Trata-se de erro devido à desagregação detalhada dos microdados do Censo.

A heterogeneidade da comunidade paraguaia em São Paulo se relaciona fortemente com a história da sua migração para a cidade, os diferentes momentos e fatores que atuaram na conformação desse fluxo. Variados vínculos e formas de inserção na dinâmica da cidade foram construídos ao longo desses anos. De todo modo, como pudemos ver, a dinâmica mais recente se relaciona fortemente com o desenvolvimento da indústria de confecções, acompanhando os processos migratórios que envolvem bolivianos.

Considerações finais

Apesar de pouco percebida e debatida, a migração paraguaia para São Paulo já tem mais de 50 anos, trata-se de uma das principais populações que chegaram à cidade nos últimos anos. Ao longo deste texto, buscamos evidenciar os principais aspectos históricos que conformaram esse fluxo em São Paulo. As raízes dessa migração foram estabelecidas na ditadura de Stroessner: a perseguição massiva da oposição e a aproximação com o governo brasileiro foram aspectos que engendraram um primeiro tipo de migrante paraguaio que chegou a São Paulo. Em geral, pessoas com trajetórias urbanas, muitas das quais com qualificação elevada. O intercâmbio e incentivo à vinda de estudantes, a construção da Ponte da Amizade e da rodovia que corta o país ao meio, ligando Foz do Iguaçu à capital paraguaia foram outros aspectos que permitiram essa mobilidade.

Ao mesmo tempo, Stroessner empreendeu uma série de medidas que reestruturaram a organização fundiária do país. Brasileiros, a maior parte da região sul e do Mato Grosso do Sul rumaram ao Paraguai onde tiveram a oportunidade de se estabelecer. Os baixos custos das terras, que poderiam ser quitadas com a simples exploração da madeira que havia sobre elas e o elevado custo da soja no mercado internacional foram fatores que impactaram diretamente na dinâmica do êxodo rural paraguaio. Uma massa de trabalhadores saiu do campo rumo às cidades. Com o esgotamento da absorção dessa força de trabalho, a perspectiva da migração transnacional se fortalece.

Na primeira década dos anos 2000, as crises na Argentina e na Espanha foram fatores importantes para reestruturar os sentidos dos destinos migratórios dos paraguaios. Nesse momento, São Paulo passa a ganhar importância: a facilidade de acesso, os baixos custos para cruzar a fronteira e instalação no município, a possibilidade de trabalho em oficinas de costura que fornecem moradia e emprego, o aquecimento da economia brasileira no contexto de recessão global são alguns dos aspectos que engendraram o aumento da migração recente. De modo geral, trata-se de um perfil específico de migrantes: jovens, com menos de 39 anos de idade, em sua maioria homens, com baixa escolaridade, pessoas que vieram de regiões rurais do Paraguai, sendo o departamento de Caaguazú, ou mais especificamente o município de Repatriación uma das principais origens desses migrantes.

Ao longo do texto, buscou-se evidenciar aspectos gerais da história paraguaia que conformou as raízes para a consolidação de perfis de migrantes distintos que se instalaram em São Paulo. O objetivo não foi esmiuçar ou detalhar esse fluxo migratório, mas sim traçar um panorama para podermos aprofundar a discussão sobre o tema.

Notas

1 - Guampa é o recipiente, de couro ou madeira, que se utiliza para tomar o tererê. *Yopará* é uma língua resultante da fusão morfossintática, gramatical e semântica dos idiomas guarani e espanhol.

2 - Disponível em: <[http://portal.mj.gov.br/data/Pages/MJA5F550A5ITEMIDF7B2EE1D60D4405F80C9C91D4EA12FC3PTBRNN.htm](http://portal.mj.gov.br/main.asp?View={A5F550A5-5425-49CE-8E88-E104614AB866}&Team=¶ms=itemID={3B4D0158-E581-4344-9BD3-0E725970912F}&UIPartUID={2218FAF9-5230-431C-A9E3-E780D3E67DFE}> e <. Acesso em: 15 jun. 2014.

3 - As informações dos microdados do Censo de 2010 apresentadas foram processadas por Daniel Ribeiro e Maria Mercedes, da Expertise Social Ltda.-ME - Desenvolvimento Institucional e Estudos Sociais Aplicados.

4 - Há uma profunda e relevante discussão que não poderemos retomar neste momento que se refere ao lugar do Estado-nação como constituinte da identidade nacional, de vínculos de solidariedade social e de cidadania. Isto é, trata-se de questionamentos das noções de nação, sociedade, país e povo. Inclusive, há uma reflexão profunda de cunho epistemológico que questiona o lugar das ciências sociais na construção prática e política dessas noções. Ver Benedict Anderson (2008), Arjun Appadurai (1997), Andreas Wimmer e Nina Glick-Schiller (2003), dentre outros.

5 - Os dados do Censo de 2012 do Paraguai ainda não foram divulgados. No entanto, uma pesquisa quantitativa indica que os brasileiros continuam sendo o principal contingente populacional de estrangeiros no país, ver: Anuário Paraguayo – DGEEC, 2012, p. 58. Disponível em:<<http://www.dgeec.gov.py/Publicaciones/Biblioteca/anuario2012/anuario%202012.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2014.

6 - Companhias colonizadoras brasileiras que tinham como negócio vender terras em território paraguaio.

7 - O *bushel* de soja é a unidade de medida utilizada para as transações nas bolsas de valores da *commodity* soja, equivale a 60 libras ou 27,2155 kilos. Um *penny* equivale a um centavo de dólar estadunidense.

8 - O Estado de São Paulo, 7 de março de 1959, p. 2. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19590307-25720-nac-0002-999-2-not/busca/paraguaios>>. Acesso em: 24 fev. 2014.

9 - Segundo informações oficiais, a população total do Paraguai era de 1.328.452 pessoas em 1950; 1.819.103 em 1962; 2.357.955 em 1972; 3.029.830 em 1982; 4.154.588 em 1992; 5.163.198 em 2002 e, para 2012, projetava-se a população de 6.672.631. Disponível em: <http://www.dgeec.gov.py/sub_index/Pobreza/Paraguay%20Evolucion%20de%20la%20Poblacion%20Total%20Periodo%201950-2002%20Proyeccion%202012.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2014.

10 - O início da história de migração de paraguaios para o Brasil remonta ao período diretamente posterior à Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870). Migravam para as zonas rurais em regiões fronteiriças. O Mato Grosso do Sul foi o estado que recebeu o maior número de migrantes neste momento (PALAU, 2011). Parte da cultura e identidade sul-mato-grossense se deve justamente a esses fluxos migratórios, que impactaram diretamente na cultura, na culinária (chipa, sopa), na música (a harpa), na língua. O Mato Grosso do Sul foi o principal destino de fluxos migratórios paraguaios transnacionais após a Guerra da Tríplice Aliança, os paraguaios trabalhavam para a Companhia Mate Laranjeira; o segundo momento de intensificação da migração paraguaia para o estado foi com a ditadura de Alfredo Stroessner. Para mais informações, ver Marcos Leandro Mondardo (2013).

11 - A história deste médico foi relatada por um de nossos entrevistados. A câmara de vereadores de São Paulo lhe rendeu homenagens em 2007. Para maiores informações acesse: <<http://vejasp.abril.com.br/materia/os-melhores-especialistas>>; <<http://camaramunicipal.sp.qplaweb.com.br/iah/fulltext/justificativa/JPDL0106-2007.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2014.

12 - Ver notícia do Estado de São Paulo, 19 de setembro de 1982, pag. 36. Evidencia a chegada de coreanos irregulares a São Paulo que substituíram judeus nos negócios das confecções no Bom Retiro e Brás. Naquele período, os coreanos entravam no Brasil ou por Foz do Iguaçu ou por Ponta Porã, ambos municípios que fazem fronteira com o Paraguai. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19820206-32794-nac-0038-999-38-not/busca/vale+tudo+imigra%C3%A7%C3%A3o+clandestina>>. Acesso em: 15 jun. 2014.

13 - “Mercosul não muda vida de imigrantes sul-americanos”. Estado de São Paulo, domingo, 30 de julho de 1995, página A26. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19950730-37174-nac-0027-ger-a26-not/busca/Mercosul+n%C3%A3o+muda+vida>>. Acesso em: 15 jun. 2014.

14 - O nome é fictício, a trajetória é real. Foi realizada por nós uma entrevista com o migrante em 2013. Porfirio Leonor Ramírez, pesquisador paraguaio, em outra ocasião, também o entrevistou. Com autorização do entrevistado e do entrevistador, tivemos acesso à transcrição do material coletado por Ramírez, que tinha informações mais detalhadas do que as que obtivemos.

15 - O Acordo de Schengen é uma convenção entre países europeus sobre uma política de abertura das fronteiras e livre circulação de pessoas entre os países signatários. Um total de 30 países, incluindo todos os integrantes da União Europeia (exceto Irlanda e Reino Unido) e três países que não são membros da UE (Islândia, Noruega e Suíça), assinaram o acordo.

16 - A canção Índia, escrita pelo paraguaio José Asunción Flores, gravada no Brasil nas vozes de Cascatinha e Inhana e, posteriormente, Gal Costa, é uma guarânia, estilo musical tradicional do país.

Referências

- APPADURAI, Arjun. Soberania sem território: notas para uma geografia pós-nacional. São Paulo: In: *Novos Estudos Cebrap*, n. 49, p. 33-46, 1997.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- FREITAS, Patrícia Tavares de. *Imigração e Experiência Social: o circuito de subcontratação transnacional de força de trabalho boliviana para o abastecimento de oficinas de costura na cidade de São Paulo*. Campinas: Dissertação de mestrado, UNICAMP, 2009.
- MENEZES, Alfredo Mota. *A herança de Stroessner: Brasil e Paraguai 1955-1980*. Campinas: Papirus, 1987.
- MERA, Carolina. Diáspora coreana em América Latina. In: RAMÍREZ, Bonilla (Ed.). *Transiciones Coreanas*. Permanencia y cambio en Corea del Sur en el inicio del siglo XXI. México: El Colegio de México, 2009. Disponível em: <<http://ceaa.colmex.mx/estudioscoreanos/imagenes/mera.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2014.
- MONDARDO, Marcos Leandro. Ser paraguaio no Mato Grosso do Sul: da migração à construção de uma identidade transfronteiriça. In: *Revista Faz Ciência – UniOeste*. Volume 15, N. 21, Jan/Jun 2013, p. 69-91. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/fazciencia/article/download/8729/6732>>. Acesso em: 20 jan. 2014.

- MORAES, Ceres. *Paraguai: a consolidação da ditadura de Stroessner- 1954-63*. Porto Alegre: Edipucrs, 2000.
- OIM. *Perfil Migratório do Paraguay*, 2011.
- PALAU, Tomás. El marco expulsivo de la migración paraguaya. Migración interna y migración externa. In: HALPERN, Gerardo (org.). *Migrantes: perspectivas (críticas) en torno a los procesos migratorios del Paraguay*. Assunção: Ápe Paraguay, 2011.
- SCALABRINI INTERNATIONAL MIGRATION NETWORK. *Las políticas públicas sobre Migraciones y la sociedad civil en América Latina*. 2011.
- WIMMER, Andreas; SCHILLER, Nina G. Methodological Nationalism and Beyond. Nation-State Building, Migration and the Social Sciences. In: *Global Networks*, 2-4, p. 301-334, 2003.

RESUMO

O objetivo deste artigo é apresentar, de forma introdutória, a história da migração paraguaia para a Região Metropolitana de São Paulo e, em seguida, o perfil, segundo o Censo de 2010, das pessoas nascidas no Paraguai residentes na RMSP, de modo a realizar uma análise da heterogeneidade dessa população. Sugere-se que os aspectos que consolidaram essa migração para São Paulo foram engendrados na ditadura de Alfredo Stroessner, com a perseguição massiva dos opositores ao governo, com a aproximação e intercâmbio entre o governo brasileiro e o paraguaio e, por fim, com a reestruturação fundiária do Paraguai e o conseqüente êxodo rural. Segundo os dados estatísticos apresentados, a migração paraguaia cresceu exponencialmente a partir da segunda metade dos anos 2000, concomitante às crises em outros países de destino dos paraguaios. O perfil dos migrantes recentes é de jovens, majoritariamente homens, com baixa escolaridade, que trabalham com costura, vivem na Vila Medeiros, Bom Retiro e arredores e Vila Any, em Guarulhos.

Palavras-chave: migração paraguaia; perfil migratório; história migratória.

ABSTRACT

The objective of this paper is to present, in an introductory way, the history of Paraguayan migration to the Metropolitan Region of São Paulo (MRSP) and the profile, according to the IBGE-Census 2010, of people born in Paraguay and residents in the MRSP, as well as to perform an analysis of the heterogeneity of this population. It is suggested that the aspects that consolidated this migration to São Paulo were engendered in the dictatorship of Alfredo Stroessner, with the massive persecution of opponents of the government, the approach and exchange politics between Brazilian and Paraguayan governments, and finally, the land restructuring in Paraguay and the consequent rural exodus. According to the statistical data presented, Paraguayan migration has grown exponentially since the second half of the 2000s, concurrent to the crises in other countries of destination for Paraguayans. The recent migrant profile is young, male, with low education, working with sewing, living in Vila Medeiros, Bom Retiro and surroundings and Vila Any, Guarulhos.

Keywords: paraguayan migration; profile; history.



Foto: Tiago Rangel Côrtes.

Oficina de Costura de paraguaios na Vila Medeiros, São Paulo. Detalhe do tererê, companheiro de todas as horas.

Migrantes na costura em São Paulo Paraguaios, bolivianos e brasileiros na indústria de confeções

*Tiago Rangel Côrtes **
*Carlos Freire da Silva ***

A dinâmica atual da indústria de confeções em São Paulo se confunde com a história dos fluxos de migrantes que em diferentes momentos a compuseram. Em seu surgimento a partir da década de 1930 e desenvolvimento ao longo do século passado, esteve relacionada a diversos contingentes migratórios: sírios,

* Mestre em Sociologia pela USP e Técnico do Observatório do Trabalho/DIEESE.

** Pesquisador, doutor em Sociologia pela USP.

libaneses, judeus, coreanos; e também nacionais, principalmente do nordeste do país¹. A partir do final dos anos 1970, sobretudo ao longo da década de 1990 e de 2000, destaca-se a migração transnacional de trabalhadores que operam máquinas de costura. Dentre diversas nacionalidades, bolivianos e paraguaios têm afluído em intensidade para a região e se inserido nesse segmento produtivo, fenômeno importante para a vida urbana da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP).

O que tem despertado um grande debate público sobre esses fluxos, em especial em torno dos bolivianos, não é tanto o volume absoluto de pessoas, senão a forma particular de inserção na cidade: a tendência à especialização no setor de confecções e as condições precárias de trabalho às quais estão sujeitos (segundo inferências do Censo de 2010, 29,9% dos paraguaios e 42,6% dos bolivianos residentes na RMSP trabalham como operadores de máquina de costura²). As formas extremas de exploração dos migrantes no setor têm sido amplamente veiculadas pelas mídias, pesquisadas nas universidades, denunciadas por organizações de direitos humanos e causado ações do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) e do Ministério Público do Trabalho (MPT). Porém, a ênfase exclusiva ao caso de bolivianos tem causado algumas distorções no debate, como atribuir as condições de trabalho em São Paulo à origem nacional dos migrantes. Nesse sentido, a participação dos paraguaios no setor é algo relativamente pouco tematizada, embora não ignorada em diferentes estudos.

O objetivo deste artigo será justamente discutir os migrantes transnacionais que gravitam em torno das oficinas na RMSP. Partindo da hipótese de Sylvain Souchaud (2012) de que a inserção de migrantes no segmento não se constitui como um nicho étnico, mas sim um nicho de mercado para diferentes grupos, sugere-se a existência de uma afinidade no modo como se organizam os fluxos migratórios e a estrutura produtiva do segmento (FREIRE, 2008; CÔRTEZ, 2013). Como procuraremos demonstrar, as condições de trabalho, as violações e as situações a que são submetidos (e às quais se submetem) os trabalhadores não são características ligadas à origem nacional desses migrantes, mas decorrem da maneira como se associa a migração e a organização do trabalho na cadeia produtiva da indústria de confecções. Destaca-se especialmente a posição de poder e controle das grandes empresas varejistas e atacadistas, que auferem os maiores ganhos na cadeia, responsáveis por ditar o ritmo da produção, definir os estilos e tipos de vestimentas, em um modelo de gestão produtiva em que não são responsabilizadas pelos contratos de trabalho dos operadores das máquinas de costura.

O texto está dividido em dois momentos. No primeiro abordaremos o desenvolvimento recente da indústria de confecções. Procuraremos mostrar que, embora possa haver semelhanças entre as oficinas de costura atuais e os *sweatshops* do século XIX (GREEN, 1998), isso não quer dizer que as oficinas representem um anacronismo residual no setor. A situação atual de organização do segmento através da proliferação de pequenas células produtivas, em que

frequentemente coincidem espaços de moradia e trabalho que contam com migrantes muitas vezes em situações precárias, coincide com o processo de modernização e desenvolvimento global da indústria de confecções. Há uma afinidade entre os modos como se estruturam a produção pulverizada de vestimentas em oficinas de costura e os atuais fluxos migratórios transnacionais – dinamizados, no caso da RMSP, por bolivianos e paraguaios e, em menor medida, por peruanos e migrantes de outras nacionalidades.

Num segundo momento, traçaremos algumas comparações entre a organização de oficinas de costura de bolivianos, paraguaios e brasileiros e o perfil de seus trabalhadores. Como foi dito, embora a ênfase dada ao debate tenha pautado quase exclusivamente o caso dos bolivianos, a maior parte dos trabalhadores do segmento são mulheres brasileiras e, desde os anos 1980, há registros da participação de paraguaios, tendo crescido exponencialmente a partir de meados dos anos 2000. O grande diferencial das oficinas de migrantes se deve ao modo pelo qual se articulam as condições de trabalho, a moradia e a intermediação migratória. Ao mesmo tempo em que essas características favoreceram as oficinas de costura a se constituírem como um nicho de mercado para migrantes, facilitando a inserção dos trabalhadores na vida urbana de São Paulo, esses termos se situam na base das atuações dos órgãos de fiscalização do trabalho. Ao considerar a presença de paraguaios no setor, buscaremos deslocar a problematização étnica ou da origem nacional, com o objetivo de compreender as semelhanças e diferenças dos trabalhadores migrantes e brasileiros que operam máquinas de costura, ou que trabalham em torno dessa atividade específica.

Oficinas de costura e mobilidades migratórias

De acordo com as informações da Rais³, a *Confecção de artigos do vestuário e acessórios* representa o grupo de atividade de maior estoque de empregos formais na indústria de transformação da RMSP. Em 2012, constituía 7,5% do total dos empregos na indústria. Dos 93.697 registros de vínculos de emprego, 97,6% eram de brasileiros; dos 2,4% restantes, 1,7% era composto por bolivianos, 0,4% por paraguaios e os demais 0,3% dispersos entre mais de quinze diferentes nacionalidades. Essa simples constatação sobre o mercado de trabalho formal da RMSP indica duas questões importantes: primeiro, a relevância desse segmento industrial para a economia urbana da cidade; e, em segundo lugar, a presença de migrantes transnacionais, em especial bolivianos e paraguaios, sem deixar de considerar que o segmento é composto majoritariamente por trabalhadores brasileiros.

É necessário ponderar que essa indústria é marcada fortemente pelo trabalho informal (logo, não computado pelos dados da Rais), de modo que o

número de empregos no segmento é seguramente muito maior. Ao se analisar exclusivamente os operadores de máquinas de costura formais na RMSP em 2012⁴, havia 39.380 vínculos, dos quais 96,1% (37.289) eram compostos por brasileiros, 3,0% (1.185) por bolivianos e 0,7% (288) por paraguaios, e mais de 15 nacionalidades se dividiam entre os 0,2% (78) restantes. Quando contrastamos as informações da Rais com os microdados da amostra do Censo de 2010, que captam trabalhadores formais e informais, vemos que as estimativas para *Operador de máquina de costura* apresentam números bem maiores, seriam 156.695 pessoas na RMSP, sendo 91,1% brasileiros, 7,5% bolivianos (11.807 pessoas) e 0,8% paraguaios (1.242 pessoas).

Considerando a incidência de migrantes neste segmento específico da indústria, podemos pensar as oficinas como um mecanismo que opera em dois sentidos: primeiro, através das oficinas de costura se ativam redes de migração transnacionais, possibilitando a circulação de trabalhadores ao oferecer um caminho de inserção na dinâmica econômica da cidade. Em segundo, as oficinas possibilitam a gestão do trabalho na indústria de confecções associada a sua produtividade, pois oferecem uma forma de organização da produção adequada à sazonalidade e flexibilidade do setor; livra as empresas que coordenam as cadeias produtivas do peso da manutenção de um grande quadro fixo de trabalhadores para um mercado bastante flutuante; e desresponsabilizam as maiores empresas pelas condições de trabalho desenvolvidas no setor ao descaracterizar a relação de trabalho, que passa a se constituir juridicamente como uma relação de prestação de serviços (FREIRE, 2008; CÔRTEZ, 2013). Esses sentidos compõem um modo de inserção dos migrantes, através das oficinas, que engendra formas específicas de exploração do trabalho.

As oficinas de costura são mecanismos através dos quais se impulsionou a mobilidade migratória para a região nos últimos anos, de modo que há uma afinidade entre essas dinâmicas migratórias e a indústria de confecções da RMSP. Sobre o assunto, Sylvain Souchaud (2012) argumenta que a despeito da grande concentração de migrantes bolivianos no setor, isto não pode ser tomado como um nicho étnico, ou seja, a reincidência da atuação profissional de migrantes não decorre de características ligadas à origem nacional dos trabalhadores. Ao invés disto, o autor propõe que as oficinas se constituíram em um nicho econômico para migrantes de diferentes origens. De acordo com Souchaud, elas podem ser pensadas como lugares de inserção e ascensão social em que numerosos estrangeiros realizam seus projetos migratórios⁵, seja de tornar-se dono de oficina ou de acumular recursos para investir em seu país de origem. De fato, essa é uma característica a qual não podemos perder de vista, do contrário seria difícil entender um fluxo tão grande de pessoas que se põem a atravessar fronteiras para trabalhar com costura em São Paulo.

Devido a essa razão, o autor sugere que as oficinas de costura não podem ser interpretadas unicamente na perspectiva da exploração da mão de obra. A informalidade e a flexibilidade desses espaços seriam elementos que facilitariam

a integração dos migrantes ao mercado de trabalho (entre pessoas conhecidas, normalmente parentes ou amigos de amigos), falando a mesma língua e assimilando novos códigos sociais, teriam a oportunidade de aprender o ofício da costura (em geral, não se exige o conhecimento prévio), sem constrangimentos do empregador para a regularização da situação no país (SOUCHAUD, 2012, p. 80).

No entanto, os mesmos aspectos apontados por Souchaud como vantajosos, por permitirem a inserção na cidade, alguns casos de ascensão social e a realização dos projetos migratórios, podem implicar em uma problemática relação ampliada entre a intermediação da migração, a moradia no mesmo local de trabalho e a remuneração por produtividade. As oficinas dos migrantes têm como característica distintiva também serem recorrentemente espaços de moradia, com hospedagem e alimentação. Por vezes, até mesmo o deslocamento para a nova cidade pode ser financiado pelo dono da oficina. Esta relação não tem um significado homogêneo para o conjunto dos migrantes, mas é a partir dela que surgem situações limites como retenção de documentos, endividamentos, coações e restrições de mobilidade. Esses elementos compõem as denúncias de situações extremas de exploração, realizadas por entidades sociais de apoio aos migrantes e pelos próprios migrantes, assim como autuações do Ministério Público do Trabalho (MPT) e do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) de redução do trabalhador à condição análoga à de escravo⁶ (categoria do código penal mobilizada por auditores fiscais e procuradores do trabalho).

O lugar que vem sendo ocupado pelos migrantes na indústria de confecções em São Paulo ganhou corpo no processo de reestruturação produtiva a partir dos anos 1980 e foi intensificado nos anos 1990. De acordo com Branislav Kontic, antes a firma concentrava internamente diversas etapas do processo produtivo e de distribuição, em um modelo de produção em que a economia de escala garantida pela demanda estável ou crescente implicava um padrão de divisão técnica e social do trabalho com uma linha de produção em série, onde se separava o planejamento da execução, com a lógica de um operador por tarefa e máquina (KONTIC, 2001, p. 44-45).

Nos anos 1980, muitas das firmas que se inspiravam nessa estrutura organizacional faliram; outras saíram da região metropolitana de São Paulo, e instalaram suas empresas no nordeste e sul do país; outras tentaram se amoldar ao novo período, mudaram sua estrutura produtiva, diminuíram suas plantas e se especializaram em diferentes segmentos da produção. As empresas buscaram se adaptar às novas exigências do mercado. Neste processo, a subcontratação se generalizou e a etapa da costura, momento da produção caracterizado por ser altamente intensivo em força de trabalho, passou a ser majoritariamente um serviço externo contratado pelas empresas como estratégia de gestão de mão de obra.

Devido às novas condições do mercado, caracterizada pela produção flexível, que combina alta produtividade, pequena escala de produção, diversificação de produtos e exploração de nichos de mercado em função das variações de

tendências da moda, verificou-se uma profunda mudança nas formas de gestão da mão de obra (KONTIC, 2001, 2007; GARCIA e CRUZ-MOREIRA, 2004). A subcontratação de oficinas de costura não deve ser entendida como simples expediente para a redução de custos trabalhistas, mas sobretudo como um modo de gestão da produção. Com a compressão do intervalo de tempo entre o *design* da peça, sua confecção e consecutiva venda, as empresas responsáveis pela distribuição demandam produtos exclusivamente quando avaliam momento oportuno para venda no mercado.

O processo de reestruturação acompanhou uma fragmentação na cadeia das confecções entre empresas de acordo com os tipos de serviços prestados. No topo da cadeia estão as empresas ligadas à distribuição, são elas as grandes marcas e lojas de departamento que dominam o comércio varejista e estão presentes nos principais centros de consumo do país. Elas dinamizam toda a cadeia produtiva, pois as suas ordens de serviço ditam o ritmo de trabalho no outro extremo da cadeia – as oficinas de costura, fazendo oscilar períodos de muito volume de trabalho e prazos apertados e outras épocas em que a falta de encomendas é motivo de preocupação, de modo que as oficinas de costura são bastante dependentes do circuito de encomendas ativado pelas empresas do topo da cadeia (FREIRE, 2008). Em seguida, estão situadas as empresas confeccionistas que propriamente fabricam as roupas. Elas se concentram no Brás e no Bom Retiro, mas também se dispersaram pela zona leste e até para outros municípios da região metropolitana de São Paulo, como Guarulhos, e mesmo para fora da RMSPP, como no polo têxtil de Americana. Ao longo dos anos 1990, elas diminuíram suas estruturas, concentrando-se nas tarefas de criação, modelagem e corte dos tecidos, além das vendas diretas através das lojas-fábrica.

De acordo com Branislav Kontic (2001), os migrantes coreanos foram importantes na configuração atual do setor. Nos anos 1960 e 1970, chegaram à cidade e abriram pequenas empresas de confecção, onde mobilizavam força de trabalho dos próprios conterrâneos e comercializavam as vestimentas nas regiões em que moravam, especialmente no Bom Retiro. As condições de trabalho se assemelhavam às oficinas de bolivianos e paraguaios atualmente⁷. Conseguiram desenvolver uma estrutura produtiva bastante adaptada ao contexto global, logrando o oferecimento de produtos de qualidade, diferenciados, com valores bastante competitivos. De modo geral, a comunidade coreana apresentava alguns elementos que permitiram a sua atuação destacada no setor – capital inicial para investimento, um modo próprio de financiamento conhecido como sistema Kye, importação e revenda de máquinas industriais de costura, entre outros (KONTIC, 2001; CHOI, 1991). Os coreanos apresentam histórico de migração para as capitais do Paraguai, Bolívia e Argentina, sendo que em alguns casos passaram por estes lugares antes de se estabelecer no Brasil (CHOI, 1991; BUECHLER, 2003). Tanto migrantes paraguaios, como bolivianos que se estabeleceram há mais tempo no setor, relatam que no princípio trabalhavam diretamente como empregados de coreanos. Embora esta relação possa ter sido importante na origem dessas

dinâmicas migratórias vinculadas à costura, atualmente é impossível caracterizá-las como uma relação entre grupos específicos.

No final dos anos 1980 e nos 1990, muitos trabalhadores foram estimulados a abrirem suas próprias oficinas, com doação ou empréstimos de máquinas por seus patrões, a fim de prestarem serviços de costura. Seja no caso das oficinas de brasileiros, muitas delas de ex-operárias das fábricas que perderam seus empregos e passaram a realizar exatamente o mesmo trabalho em seus domicílios, mobilizando parentes e vizinhos para cumprir as encomendas; seja no caso das oficinas de migrantes paraguaios e bolivianos que agenciavam a vinda de parentes e conhecidos diretamente de seus países de origem; ambas se multiplicaram no mesmo período. Na prática, poucas oficinas se constituíram formalmente como empresas e no princípio esse processo foi acompanhado do crescimento da informalidade nas relações de trabalho (embora, como veremos adiante, tenha ocorrido um crescimento da formalização no setor ao longo da última década). O serviço da costura é remunerado por peça confeccionada, recebem-se os tecidos cortados e o demandante estipula o prazo que o prestador terá para realizar a tarefa. Como o segmento é marcado pela sazonalidade e flutuação da demanda, o risco em relação à garantia da reprodução da força de trabalho é exteriorizado para as oficinas de costura. Do mesmo modo que o dono da oficina recebe pagamento pelo volume da encomenda, os operadores das máquinas de costura costumam receber pagamento por peça confeccionada e não por jornada de trabalho.

É certo que a subcontratação não é propriamente uma novidade no setor. Podemos encontrar na pesquisa de Nancy Green (1998), sobre a indústria de vestuário em Nova York e Paris no final do século XIX, situações de *sweatshops* que podem parecer similares às descrições das condições de trabalho nas oficinas de costura atualmente em São Paulo. Ou mesmo em um contexto mais próximo, a pesquisa de Alice Abreu (1986) sobre trabalho em domicílio na indústria de confecções no Rio de Janeiro, demonstra como nos anos 1970 e 1980 as empresas ligadas à produção de moda com artigos de séries de pequenas escalas, já empregavam este tipo de expediente de trabalho. No entanto, as oficinas de costura subcontratadas se multiplicaram na medida em que o setor se modernizou e se globalizou⁸.

Nessas cadeias produtivas, as chamadas práticas do *fast fashion* (moda rápida, termo usado pelos grandes varejistas) se espalharam como uma política de produção em que as marcas, magazines e lojas de departamento passam a ofertar de forma rápida e variante novos modelos, apresentam ao consumidor novas coleções em períodos muito curtos, com as últimas tendências da moda, em um tempo recorde e com preços bastante acessíveis. O fortalecimento dessa política produtiva se deu pela forma como as vendas passaram a indicar o sentido da gestão da própria produção. Diferentemente do *pret-à-porter*, em que se oferecia uma coleção inteira de uma vez para toda uma temporada, no *fast fashion* o consumo passa a indicar à empresa em qual sentido e estilo se

deve produzir. As empresas ficam atentas às suas araras e ativam as encomendas conforme a variação nas vendas; trata-se de outra temporalidade produtiva.

No entanto, nem toda oficina de costura está submetida ao circuito das encomendas de costura. Algumas delas possuem alguma independência através da comercialização direta da produção no mercado popular como, por exemplo, na Feira da Madrugada do Brás, no comércio ambulante e nas galerias que funcionam na região central de São Paulo. Nesses casos, os donos das oficinas apresentam autonomia em relação às encomendas para gerir o tempo e o ritmo da fabricação, ou mesmo uma forma de manter a renda em períodos de baixa das encomendas. A produção varia conforme o ritmo das vendas de suas mercadorias diretamente nas feiras e galerias, que recebem comerciantes de todo o Brasil em busca de mercadorias para a revenda. De modo que estes espaços também apresentam uma grande concentração de paraguaios, bolivianos e de brasileiros que realizam produção própria. São lugares de destaque para a mobilidade migratória na cidade, que estão passando por uma transformação que acompanha o próprio crescimento do consumo popular nos últimos anos (FREIRE, 2014).

Brasileiros, bolivianos e paraguaios na costura

Perfis

A comparação entre as oficinas de brasileiros com a de migrantes bolivianos e paraguaios, bem como o perfil de seus trabalhadores, pode fornecer algumas indicações sobre as dinâmicas em curso nesse mercado de trabalho. Em termos da dependência das encomendas de costura, as oficinas dos migrantes não diferem muito das oficinas das ex-operárias das fábricas. Em ambas, recebem-se as peças de tecido cortadas, há determinado tempo para confeccioná-las, são remunerados de acordo com a produtividade e o volume das encomendas é flutuante. Não se pode associar o trabalho das oficinas de migrantes ou das brasileiras a determinado tipo de produção de vestimentas, ambas fabricam tanto para os grandes varejistas e grifes famosas, como para o mercado popular, distribuído na Feira da Madrugada, por exemplo.

De acordo com as estimativas sobre jornada de trabalho do Censo de 2010 para operadores de máquina de costura, é plausível que as oficinas de migrantes trabalhem por prazos relativamente menores. Isto é, que executem jornadas mais intensivas e extensivas que as oficinas de brasileiros e talvez até mesmo por preços mais baixos. Na tabela abaixo, verifica-se que 44,9% dos bolivianos e 38,4% dos paraguaios ocupados com costura excedem jornada de 44 horas semanais. Ainda que entre os brasileiros o percentual também seja alto (27,1%), os migrantes estão mais representados nas jornadas que extrapolam o período regulamentar conforme a CLT.

O maior número de horas trabalhadas não se traduz necessariamente em um maior rendimento. Entre os três grupos, a grande maioria recebia em 2010 de um a dois salários mínimos, mas destaca-se que para todos era muito elevado o percentual dos que auferiam apenas até um salário mínimo, sendo 31,0% dos bolivianos, 31,8% dos brasileiros e 44,5% dos paraguaios. Dos que ganhavam mais de dois salários mínimos, os brasileiros representavam 18,0%, enquanto bolivianos e paraguaios representam 12,1% e 10,6%, respectivamente. Ou seja, relativamente há um percentual maior de brasileiros entre os que ganhavam mais, apesar de exercerem jornadas menores comparativamente com os migrantes (Tabela 1).

Tabela 1 - Distribuição percentual dos ocupados com costura por país de nascimento segundo faixas de jornada de trabalho semanal e rendimentos*. RMSP, Censo 2010.

Característica		País de nascimento		
		Bolívia	Paraguai	Brasil
Jornada Semanal	Até 20h	9,8	17,3	17,9
	De 21h a 29h	0,2	-	1,8
	De 30h a 39h	3,6	-	6,9
	De 40h a 44h	41,5	44,3	46,3
	De 45h a 50h	28,3	16,0	17,5
	De 51h a 59h	7,1	4,0	1,9
	60h ou mais	9,5	18,4	7,7
Total		100,0	100,0	100,0
Faixa Salarial	Sem rendimentos	0,7	-	1,1
	De R\$ 0,01 até R\$ 127,50 (até 1/4 SM)	-	-	1,4
	De R\$ 127,51 até R\$ 255,00 (de 1/4 até 1/2 SM)	0,1	5,6	4,3
	De R\$ 255,01 até R\$ 510,00 (de 1/2 até 1 SM)	30,2	38,9	25,0
	De R\$ 510,01 até R\$ 1.020,00 (de 1 até 2 SM)	56,8	44,9	50,1
	De R\$ 1.020,01 até R\$ 1.530,00 (de 2 até 3 SM)	6,5	7,8	10,0
	De R\$ 1.530,01 até R\$ 2.550,00 (de 3 até 5 SM)	4,8	2,8	5,9
	De R\$ 2.550,01 até R\$ 5.100,00 (de 5 até 10 SM)	0,7	-	1,7
	De R\$ 5.100,01 até R\$ 10.200,00 (de 10 até 20 SM)	0,2	-	0,4
Total relativo		100,0	100,0	100,0
Total absoluto		11.807	1.242	142.739

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

Tabulação Expertise Social Ltda.

Elaboração Própria.

*Salário mínimo de 2010 equivalente a R\$ 510,00

Ao se comparar o perfil de brasileiros ocupados com costura com o de imigrantes, uma diferença marcante se refere à distribuição percentual de gênero dos trabalhadores. No caso dos brasileiros, há predominância de mulheres; no caso dos migrantes a presença de homens é majoritária nos dois casos. Segundo os microdados do Censo de 2010, das pessoas nascidas no Brasil e ocupadas com costura na RMSP, 90,8% são mulheres. Frequentemente, elas são migrantes internas, majoritariamente do nordeste do país. No caso dos migrantes transnacionais, há mais homens empregados que mulheres: 63,9%

dos paraguaios e 55,6% dos bolivianos empregados com costura são do sexo masculino (Tabela 2)⁹.

Em relação às faixas etárias, observa-se que 33,8% dos brasileiros ocupados com costura têm 50 anos ou mais. Entre os migrantes, apenas 1,2% dos bolivianos e 2,5% dos paraguaios estão na mesma faixa etária. Os migrantes ocupados no setor são bem mais jovens do que os brasileiros, especialmente no caso dos paraguaios, entre os quais 69,4% têm até 29 anos; os bolivianos nessa faixa seriam 63%, já os brasileiros apenas 17,8%. Na média, os brasileiros são mais velhos do que os migrantes transnacionais, que em sua maioria são mais jovens (Tabela 2).

Tabela 2 - Distribuição percentual dos operadores de máquinas de costura por país de nascimento segundo sexo, nível de instrução e faixa etária. RMSP, Censo 2010.

Característica		País de nascimento		
		Bolívia	Paraguai	Brasil
Sexo	Masculino	55,6	63,9	9,2
	Feminino	44,4	36,1	90,8
	Total relativo	100,0	100,0	100,0
Nível de instrução	Sem instrução e fundamental incompleto	36,2	32,1	46,7
	Fundamental completo e médio incompleto	26,0	43,3	25,2
	Médio completo e superior incompleto	36,7	24,6	26,8
	Superior completo	1,2	-	1,3
	Total relativo	100,0	100,0	100,0
Faixa etária	Até 12 anos	0,4	-	0,3
	De 13 a 18 anos	3,6	13,6	2,7
	De 19 a 29 anos	58,9	55,8	14,8
	De 30 a 39 anos	26,0	18,8	20,0
	De 40 a 49 anos	9,9	9,3	28,4
	De 50 a 59 anos	0,3	2,5	22,2
	60 anos ou mais	0,9	-	11,6
	Total relativo	100,0	100,0	100,0
Total absoluto		11.807	1.242	142.739

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

Tabulação Expertise Social Ltda.

Elaboração Própria.

Em termos de escolaridade, as estimativas dos microdados do Censo para nível de instrução apontam que o percentual de pessoas sem instrução ou com fundamental incompleto entre os brasileiros na costura, que corresponde a 46,7%, é maior do que entre os migrantes: 36,2% para os bolivianos e 32,1% para os paraguaios. A maior participação dos paraguaios conforme nível de instrução concentra-se no fundamental completo e médio incompleto, com 43,3%. Entre os bolivianos, a maior parcela estaria concentrada entre médio completo e superior incompleto, com 36,7% (Tabela 2). Destaca-se, de modo geral, que a

escolaridade dos brasileiros no setor é menor do que a dos migrantes, sendo que os bolivianos apresentam maiores concentrações nos estratos mais escolarizados e os paraguaios estariam em posição intermediária.

De modo sucinto, o perfil médio dos brasileiros ocupados com costura é predominantemente feminino, com idade superior a quarenta anos e nível de instrução relativamente menor. Já o perfil dos migrantes transnacionais é de maioria masculina, majoritariamente com escolaridade de médio completo e com uma concentração muito grande de homens jovens com menos de 29 anos. As características de gênero predominantemente masculino e idade abaixo dos 29 anos são ainda mais destacadas entre os migrantes paraguaios. Isso pode ser atribuído ao fato de que mais da metade dos migrantes paraguaios entraram no país depois de 2005, apresentando um crescimento relativo recente maior que o da migração boliviana. Sylvain Souchaud (2012), ao constatar essa diferença de idade, sugere que possa haver uma tendência de substituição da força de trabalho nacional pela de migrantes, na medida em que há poucos jovens brasileiros ocupando estas posições, o que poderia indicar falta de interesse pelo setor. Segundo o autor, isso indicaria uma tendência comum em outros contextos em que trabalhos menos remunerados e mais precários são ocupados por migrantes.

No entanto, isso ocorre dentro de uma reconfiguração do mercado de trabalho do setor. Talvez mais adequado fosse falar em uma recomposição, pois não é que um grupo esteja sendo preterido em concorrência com o outro. Além disto, existe um espaço neste setor que está sendo criado tanto pelas oficinas de brasileiros como dos migrantes que diz respeito à distribuição direta nos mercados populares, ou seja, não se trata exatamente da substituição de um lugar que já existia, mas também da alocação em novas posições que foram produzidas especialmente na última década.

Oficinas

As oficinas de costura, tanto de brasileiros como de migrantes, geralmente funcionam em um espaço determinado do ambiente domiciliar, na própria residência dos proprietários das oficinas (os oficineiros, como costumam ser chamados): em um cômodo reservado, na garagem, no terraço, no fundo de quintal, raramente em um espaço desagregado da casa. No entanto, enquanto as brasileiras empregadas em oficinas retornam a seus lares após o expediente, os migrantes moram e trabalham no mesmo espaço. Essa situação pode engendrar os maiores problemas no modo de inserção dos migrantes nas confecções. Os limites do tempo de trabalho ficam menos nítidos na confusão entre trabalho e vida doméstica. Desse modo, quando as encomendas são urgentes ou quando há bastante trabalho, é comum que as jornadas se estendam noite adentro. Por vezes, esta forma de remuneração pode até ser considerada vantajosa pelos

migrantes, como nos relataram alguns paraguaios em visitas às oficinas. Disseram aproveitar, quando havia muitas encomendas, para trabalhar o máximo possível, com o intuito de aumentar seus rendimentos e conseguir enviar mais dinheiro ao Paraguai, ou então para atender a um pedido em troca de um churrasco no domingo, uma tradição paraguaia que também está presente entre os bolivianos.

Os ganhos de cada um dependem diretamente do desempenho produtivo individual. A falta de encomendas afeta os rendimentos dos trabalhadores, assim como ter uma baixa produtividade por conta da falta de experiência ou por motivos de saúde. Mesmo quando a moradia não é cobrada, espera-se certa produtividade que compense a hospedagem. É uma relação de trabalho individualizada que leva em conta o desempenho produtivo de cada um. Portanto, esta abrangência sobre as condições de vida reflete diretamente nas formas de controle sobre o trabalho. A maior parte dos migrantes transnacionais que trabalham em oficinas mora no mesmo local de trabalho, sobretudo aqueles que chegaram mais recentemente. Esse é um fator muitas vezes visto como proveitoso porque reduz os custos de instalação na cidade, principalmente diante da dificuldade colocada aos migrantes para locar um imóvel, ao mesmo tempo em que dispensa os gastos com transporte. As oficinas também oferecem alimentação, é comum entre elas alguém exercer a função de cozinheiro, geralmente as mulheres, ficando responsáveis por preparar a comida para todos os demais. De certa forma, essa redução dos custos de vida não se separa da renda auferida e distribuída desigualmente entre oficinheiros e costureiros, bem como das próprias estratégias de engajamento dos migrantes nessas formas de trabalho.

As oficinas de costura, de um modo geral, empregam um número pequeno de trabalhadores; em relação aos migrantes, com base nas observações de campo, podemos dizer que costumam empregar entre cinco e dez pessoas, raramente excedendo a 15 funcionários. O número de trabalhadores está diretamente relacionado à capacidade da oficina para responder às demandas, assim como à renda do oficinheiro. A mobilização de vínculos de proximidade, de parentes, amigos e conhecidos na constituição das oficinas é comum para os três grupos, a diferença no caso dos migrantes é que ela pode envolver a circulação a partir do país de origem (embora também ocorra a mobilidade de trabalhadores migrantes entre oficinas na cidade). Entre os migrantes ocupados na costura, existem grandes desigualdades que refletem o tempo em que estão na cidade, se são oficinheiros ou empregados, o tamanho da oficina, se tem um ponto de distribuição própria, se tem clientes com boas encomendas.

Segundo os microdados do Censo 2010, em termos de posição na ocupação para os operadores de máquina de costura, 30,7% dos brasileiros no setor são empregados com carteira de trabalho assinada, enquanto o percentual de bolivianos na mesma condição seria de 10,4% e de 8,5% para os paraguaios. Embora o ramo da indústria seja marcado pela informalidade, ela é ainda maior entre os migrantes. Trabalhadores por conta própria e empregados sem carteira

brasileiros representariam 67,7%, enquanto para bolivianos seria 88,3% e 90,1% no caso dos paraguaios. Destaca-se também que entre os bolivianos o percentual dos que se declaram trabalhadores por conta própria (60,2%) é maior do que entre brasileiros e paraguaios. Mas de um modo geral, as informações indicam que é grande o percentual dos ocupados com costura que trabalham autonomamente (Tabela 3).

Tabela 3 - Distribuição percentual dos operadores de máquinas de costura por país de nascimento segundo posição na ocupação. RMSP, Censo 2010.

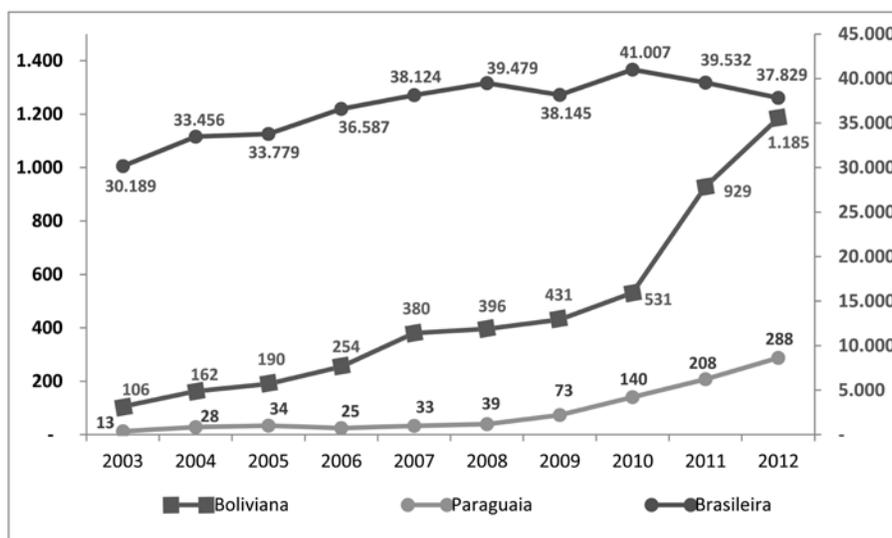
Posição na ocupação e categoria no emprego principal	País de nascimento		
	Bolívia	Paraguai	Brasil
Empregada(o) com carteira de trabalho assinada	10,4	8,5	30,7
Empregada(o) sem carteira de trabalho assinada	28,1	45,0	23,4
Conta própria	60,2	45,1	44,3
Empregadora(or)	0,8	1,4	0,6
Não remunerada(o)	0,5	-	1,0
Total relativo	100	100	100
Total absoluto	11.807	1.242	142.739

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.
 Tabulação Expertise Social Ltda.
 Elaboração Própria.

A visibilidade das oficinas de migrantes devido a casos extremos de exploração e condições precárias de trabalho, bem como a repercussão midiática da vinculação a grandes marcas e lojas de departamento, parece ter criado uma pressão para a formalização das oficinas. A atuação de entidades de apoio aos migrantes como o Centro de Apoio ao Migrante (CAMI), Centro de Direitos Humanos e Cidadania do Imigrante (CDHIC), Centro Pastoral do Migrante, entre outras, também ocorre nesse sentido, com campanhas de orientação para os oficineiros. No princípio, nas empresas confeccionistas do Brás e do Bom Retiro, encontrava-se com frequência anúncios de “precisa-se de oficinas de costura”, atualmente os mesmos anúncios costumam ser acompanhados da sentença “com CNPJ”. Trata-se de uma medida de precaução das empresas para que sua relação com as fornecedoras seja caracterizada formalmente como de prestação de serviços, e não se confunda com uma relação de trabalho ou mesmo um vínculo de emprego. A crescente exigência de formalização das oficinas para contratação como prestadora de serviços ocorre no marco da gestão dos riscos das empresas, para não serem responsabilizadas pelas condições de trabalho. Trata-se de diminuir a possibilidade de receber multas, penalizações ou de terem as marcas vinculadas às ações de auditores fiscais (MTE) e procuradores do trabalho (MPT).

A evolução no registro de trabalhadores formais da Rais para operadores de máquinas de costura na RMSP demonstra o crescimento acentuado entre os migrantes, sobretudo depois de 2010. No gráfico abaixo, vemos que desde 2003 até 2012 houve um crescimento no registro de trabalhadores formais operadores de máquina de costura para os três grupos, de um quarto para brasileiros, mas em uma variação relativa bem mais elevada entre bolivianos (10 vezes mais) e, principalmente, paraguaios (21 vezes), no entanto o número de início era muito baixo (13 vínculos). O crescimento mais substantivo em termos absolutos entre os migrantes transnacionais, deu-se a partir de 2010, quando mais do que dobrou o registro formal para bolivianos e paraguaios na costura, enquanto apresentou uma leve queda de 7,7% para os brasileiros no mesmo período.

Gráfico 1 – Evolução do registro formal de operadores de máquinas de costura* para brasileiros (eixo à direita), paraguaios e bolivianos (eixo à esquerda). RMSP, 2003 a 2012.



Fonte: Rais

Elaboração própria.

*Foram consideradas duas famílias ocupacionais para selecionar os operadores de máquinas de costura (CBO 2002), são elas: (código 7632) operadores de máquinas para costura de peças do vestuário; (código 7633) operadores de máquinas para bordado e acabamento de roupas.

O Microempreendedor Individual (MEI), figura jurídica criada em 2009, é um mecanismo de registro das oficinas enquanto empresas autônomas, as quais podem obter um CNPJ e estabelecer vínculos formais com os demandantes. O MEI permite a abertura de uma empresa que não exceda faturamento de 60

mil reais anuais, com burocracia simplificada, podendo ser realizada através da internet, e com contratação de no máximo um empregado. A *Confecção de peças de vestuário, exceto roupas sob medida* foi a quinta maior categoria do MEI para o município de São Paulo, no resultado acumulado até 2014. Quando verificamos o total dos MEIs em atividade, segundo a nacionalidade, no município de São Paulo, vemos que os bolivianos constituem a maioria absoluta dos imigrantes que abriram este tipo de empresa, com 5.155 empresas ativas; os paraguaios se situam em quarto lugar, com 395 empresas ativas, o equivalente a 4,1% dos imigrantes inscritos no MEI até março de 2014 (tabela 4).

Tabela 4. Distribuição e frequência dos estrangeiros inscritos no MEI, segundo nacionalidade. Município de São Paulo, acumulado até maio de 2014.

Nacionalidade	Frequência	Distribuição (%)
Boliviana	5.155	54,1
Chinesa	811	8,5
Peruana	605	6,3
Paraguaia	395	4,1
Demais	2.564	26,9
Total	9.530	100,0

Fonte: Portal do Empreendedor, MDIC (extraído em 10/05/2014).
Elaboração própria.

Em que medida a maior formalidade altera os problemas relativos às condições de trabalho no interior das oficinas e qual o seu alcance, ainda não é possível avaliar. O incremento da formalidade aumenta a segurança jurídica para as empresas tomadoras de serviço, mas pouco afeta a lógica das encomendas de prazos curtos e preços baixos pagos por lote. Em todo caso, não se pode dizer que não tenha nenhum impacto sob suas dinâmicas. A situação do conjunto das oficinas não é homogênea. Em dois casos de oficinas paraguaias visitadas em 2013, com 8 e 11 funcionários, sendo uma no bairro da Luz e a outra no bairro do Bom Retiro, os trabalhadores recebiam por jornada (sendo que em uma marcavam ponto), havia refeitórios, extintores e os alojamentos ficavam em imóveis diferentes dos espaços de trabalho, ainda que muito próximos, um do outro lado da rua e o outro em andares diferentes do mesmo prédio. As duas oficinas eram empresas formalmente constituídas. Outro caso de oficina de paraguaios, também no Bom Retiro, onde trabalhavam 12 costureiros, apresentava um cenário bem distinto: instalações elétricas precárias; pouca ventilação; cadeiras sem encosto; fogão e pia no mesmo espaço das máquinas de costura; paredes com infiltrações e mofo. A despeito das condições de trabalho, não seria um grande impedimento essa oficina mobilizar um CNPJ para desenvolver suas atividades como prestadora de serviços.

Conclusão

Neste artigo, buscamos discutir a inserção de migrantes que trabalham em oficinas de costura na RMSP. Abordamos como o desenvolvimento recente do segmento se associou com a migração transnacional e a maneira que se situam nesta cadeia produtiva. Em seguida, tratamos de tecer algumas comparações entre os perfis de trabalhadores brasileiros, paraguaios e bolivianos e suas oficinas de costura. De um modo geral, procuramos deslocar a ênfase exclusiva na dimensão étnica ou de origem nacional dos trabalhadores, com o objetivo de compreender semelhanças e diferenças entre as dinâmicas em curso neste mercado de trabalho.

Com isso, não pretendemos reduzir as peculiaridades da migração boliviana ou paraguaia à forma de organização da produção na indústria de confecções em São Paulo. Não foi o objetivo discutir os sentidos da experiência migratória que sempre envolve uma dimensão mais ampla acerca das relações entre origem e destino, assumindo significados específicos para cada grupo em questão. Aqui nos limitamos a refletir sobre o espaço de atividades em torno dos quais diferentes fluxos migratórios se apoiam, seja como uma primeira forma de inserção, como uma passagem temporária ou ainda como uma estratégia de engajamento a longo prazo, sem nunca confundir a migração com a atividade que os migrantes desenvolvem.

Do mesmo modo, o desenvolvimento recente da indústria de confecções não se restringe à atuação de um grupo de migrantes especificamente, sendo antes a confluência e composição entre pessoas de diferentes origens que encontram na costura um lugar de trabalho. Neste sentido, não se trata de uma sucessão consecutiva em que um grupo substitui o outro. A participação dos paraguaios é tão antiga quanto à boliviana, embora em uma escala menor. A ênfase exclusiva em relação aos bolivianos acaba por obscurecer questões que são relativas ao setor de atividade e não à origem de seus trabalhadores, como as precárias condições de trabalho também recorrentes entre os paraguaios e a própria participação de mulheres brasileiras que são a maioria no segmento.

A crítica às condições de trabalho não pode recair unicamente como uma questão dos migrantes que estão engajados na atividade de costura, pois não são determinadas apenas no interior das oficinas. O ritmo de trabalho é dado antes pelas temporalidades que caracterizam a competição no setor. Ao discutir a exploração do trabalho, não estamos colocando isto em uma acepção moral, haja vista que ela é inerente aos processos produtivos na sociedade capitalista. Neste sentido, a perspectiva da ascensão social que ocorre entre algumas pessoas neste circuito e o migrante como sujeito nessa dinâmica, conforme expressa a ideia de projetos migratórios, não são contrapontos à exploração do trabalho. A perspectiva de ascensão social, seja ao tornar-se dono de oficina, seja ao acumular recursos para investir em outras atividades na própria cidade ou no país de origem, é um aspecto que compõe um conjunto de possibilidades, também relevante em termos da subjetivação em torno dessas formas de trabalho entre os migrantes.

As condições dos migrantes neste setor de atividade não são homogêneas, para se pensar as estratégias de engajamento dos migrantes deve-se levar em conta os múltiplos aspectos que compõem a dinâmica das oficinas de costura. As possibilidades para um migrante recém-chegado que trabalha como costureiro não são as mesmas daqueles que chegaram no decorrer dos anos 1980 e 1990, e que hoje se encontram como donos de oficinas. Como também não são iguais entre oficineiros que apenas trabalham com encomendas reféns da sazonalidade das demandas e aqueles que possuem um ponto nos mercados populares do centro e linhas de comercialização próprias.

Notas

1 - Para mais informações, ver a pesquisa de Branislav Kontic (2001) e Garcia e Cruz-Moreira (2004) que tratam, dentre outros temas, da relação histórica de migrantes transnacionais com a indústria têxtil e de confecções.

2 - Esse percentual considera toda a população nascida nesses países e residentes na RMSP, não se trata apenas da População Economicamente Ativa. Considerando-se apenas as pessoas ocupadas, tem-se 64,3% dos bolivianos e 41,7% dos paraguaios residentes na RMSP como *Operadores de máquinas de costura*. Esses percentuais não englobam *Trabalhadores qualificados da preparação de confecções, Costureiros, bordadeiros e afins*, dentre outras ocupações.

3 - Informações do Registro Anual de Informações Sociais (Rais) geradas no sistema online Dardo do Ministério do Trabalho e Emprego. A Rais é um registro administrativo obrigatório que todas as empresas devem realizar para o MTE. Esse dado se refere ao número de vínculos ativos em 31/12/2012 dos trabalhadores da indústria de transformação por grupo CNAE (Classificação Nacional de Atividade Econômica, versão 2.0), sendo que a *Confecção de artigos do vestuário e acessórios* ocupava posição de destaque. Entre 2006 e 2012, este é o grupo com a maior participação de vínculos ativos na indústria de transformação da RMSP.

4 - Analisou-se apenas as duas principais famílias da CBO (Classificação Brasileira de Ocupações) em que atuam os operadores de máquinas de costura na RMSP em 2012, a de *Operadores de máquinas para costura de peças do vestuário* e *Operadores de máquinas para bordado e acabamento de roupas*.

5 - Para uma discussão detalhada sobre “projeto migratório”, Iara Rolnik Xavier (2010) trabalhou o conceito em sua pesquisa sobre a migração boliviana em São Paulo.

6 - Isso não deve ser tomado como uma característica das oficinas de costura em geral ou como uma categoria analítica das migrações em torno do setor. Trata-se do artigo 149 do código penal brasileiro que por vezes é mobilizada para as autuações em oficinas de costura. Neste sentido, são situações limites que assim foram encaminhadas por procuradores e auditores fiscais no campo jurídico. Para maiores informações, ver dossiê de matérias publicadas pela ONG Repórter Brasil sobre casos de exploração de força de trabalho migrante em oficinas de costura da RMSP, disponível em: < <http://reporterbrasil.org.br/2012/07/especial-flagrantes-de-trabalho-escravo-na-industria-textil-no-brasil/>>. Acesso em: 30 jun. 2014.

7 - As primeiras notícias sobre trabalhadores migrantes em situação precária nas confecções de São Paulo falam justamente dos coreanos, que durante um período de restrição à migração, entravam irregularmente no país através do Paraguai a fim de trabalhar para seus compatriotas na costura (ver: O Estado de São Paulo. *Costurar escondido o meio de sobrevivência* –

02/02/1982). Para mais informações sobre a migração coreana e as confecções, ver: Choi (1991); Kontic (2001); Buechler (2003); Freitas (2009) e Souchaud (2012).

8 - Segundo publicação da CNI/ABIT (2012), em 2009, o Brasil apareceu em quarto lugar, com 2,9% da produção mundial de vestuário. A maior parte da produção global estaria concentrada em países asiáticos: a China com 48,96%, a Índia com 7,00%, e o Paquistão com 3,81%. Com exceção da Itália, que aparece em sétimo (com 2,4%), nota-se que os países do capitalismo avançado não figuram entre os quinze maiores produtores de vestuário do globo. De todo modo, ainda que o Brasil esteja na quarta posição em termos de produção, isso não quer dizer que o país seja um grande exportador, na realidade o país importa mais do que exporta e a sua produção é destinada majoritariamente para o mercado nacional. Desde os anos 1970, inúmeras pesquisas em diferentes contextos vêm identificando a utilização de oficinas de costura, que recorrentemente empregam migrantes, muitas vezes em situação irregular no país. Para citar apenas alguns exemplos, podemos elencar os respectivos autores e seus estudos: Green (1998) - estudo comparativo da indústria de vestuário na França (Paris e interior) e nos EUA (Nova Iorque e Califórnia), dos anos 1880 aos 1980; Sassen (In: Portes, et. al., 1989) - análise do setor em Nova Iorque, dos anos 1970 aos 1980; Morokawasic-Muller (1990) trata de migrantes na indústria de confecções em Paris; Bonacich tem uma longa trajetória com estudos sobre a indústria de confecções e a migração, sendo Los Angeles a sua maior referência, seus estudos apontam o emprego de migrantes de diversos países diferentes (2000, 2002); Ruggiero (2000) aborda os migrantes chineses que trabalham em oficinas em Milão, dentre outros estudos.

9 - O mesmo quadro de análise do perfil realizado para o Censo foi feito para a Rais, que trata exclusivamente dos trabalhadores formais. De modo geral, as mesmas características encontradas na totalidade dos operadores de máquinas de costura podem ser observadas no recorte exclusivo dos trabalhadores formalizados.

**Distribuição percentual dos operadores *formalizados* de máquinas de costura por nacionalidade segundo sexo, escolaridade e faixa etária*.
RMSP, Rais 2012.**

Característica		Nacionalidade		
		Boliviana	Paraguaiá	Brasileira
Sexo	Masculino	66,9	68,8	13,1
	Feminino	33,1	31,3	86,9
	Total	100,0	100,0	100,0
Faixa etária	Analfabetos e até 5ª Incompleto	0,9	0,3	2,1
	5ª Completo Fundamental	2,2	3,1	5,1
	6ª a 9ª Fundamental	4,3	8,0	10,7
	Fundamental Completo	29,3	33,3	22,5
	Médio Incompleto	12,7	13,5	12,1
	Médio Completo	48,7	40,6	46,6
	Superior Completo e Incompleto	1,9	1,0	0,9
	Total	100,0	100,0	100,0
	15 a 17	0,1	0,3	0,7
	18 a 24	25,8	25,3	9,7
25 a 29	24,7	29,9	10,2	
30 a 39	36,2	28,8	25,4	
40 a 49	10,5	12,2	30,4	
50 a 64	2,6	3,5	22,8	
65 ou mais	-	-	0,9	
Total	100,0	100,0	100,0	
Total absoluto		1.185	288	37.829

Fonte: Rais. Elaboração própria.

*Foram consideradas duas famílias ocupacionais para selecionar os operadores de máquinas de costura (CBO 2002), são elas: (código 7632) *operadores de máquinas para costura de peças do vestuário*; (código 7633) *operadores de máquinas para bordado e acabamento de roupas*.

Referências

- ABREU, Alice Rangel de Paiva. *O avesso da moda: trabalho a domicílio na indústria da confecção*. São Paulo: Ed. Hucitec, 1986.
- BONACICH, Edna; APPELBAUM, Richard. *Behind the label: inequality in the Los Angeles apparel industry*. Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 2000.
- BONACICH, Edna. Labor's responde to global production. In: GEREFFI, G.; SPENER, D. e BAIR, J. *Free trade and uneven development*. Philadelphia: Temple University Press, 2002, p. 123-138.
- BUECHLER, Simone. *Sweating it in the Brazilian Garment Industry: Bolivian workers and global economic forces in São Paulo*. Nova Iorque: Metropolitan Studies, New York University, 2003.
- CHOI, Keum Joa. *Além do arco-íris: a imigração coreana no Brasil*. São Paulo: dissertação de mestrado, FFLCH-USP, 1991.
- CÔRTEZ, Tiago Rangel. *Os migrantes da costura em São Paulo: retalhos de trabalho, cidade e Estado*. São Paulo: dissertação de mestrado, FFLCH-USP, 2013.
- FREIRE DA SILVA, Carlos. *Trabalho informal e redes de subcontratação: dinâmicas urbanas da indústria de confecções em São Paulo*. São Paulo: dissertação de mestrado, FFLCH-USP, 2008.
- FREIRE DA SILVA, Carlos. *Das calçadas às galerias: mercados populares do centro de São Paulo*. São Paulo: tese de doutorado, FFLCH-USP, 2014.
- FREITAS, Patrícia Tavares de. *Imigração e Experiência Social: o circuito de subcontratação transnacional de força de trabalho boliviana para o abastecimento de oficinas de costura na cidade de São Paulo*. Campinas: Dissertação de mestrado, UNICAMP, 2009.
- GARCIA, Renato; CRUZ-MOREIRA, Juan. O Complexo têxtil-vestuário: um cluster resistente. In: COMIN, Álvaro (org.). *Caminhos para o Centro: estratégias de desenvolvimento para a região central*. São Paulo: CEBRAP/EMURB/CEM, 2004.
- GREEN, Nancy L. *Du sentier à la 7e avenue*. Paris: Seuil, 1998.
- KONTIC, Branislav. *Aprendizado e metrópole: a reestruturação produtiva da indústria de vestuário em São Paulo*. São Paulo: dissertação de mestrado, sociologia – USP, 2001.
- KONTIC, Branislav. *Inovação e redes sociais: a indústria da moda em São Paulo*. São Paulo: tese de doutorado, sociologia, USP, 2007.
- MOROKAVASIC - MULLER, Mirjana. The underside of fashion: immigrants in the parisian garment industry". Universidade da Califórnia: Los Angeles, 1990. (paper apresentado no Institute for Social Science Research). Disponível em: <<http://www.escholarship.org/uc/item/4217p95h#page-2>>. Acesso em: 11 jun. 2013.
- RUGGIERO, Vincenzo. *Crime and Markets: Essays in Anti-Criminology*. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- SASSEN, Saskia. New York city's informal economy. In: PORTES, Alejandro; CASTELLS, Manuel ; BENTON, Lauren. *The Informal Economy. Studies in Advanced and Less Developed Countries*. Baltimore and London. The John Hopkins Press Ltd, 1989.
- SOUCHAUD, Sylvain. A confecção: nicho étnico ou nicho econômico para a imigração latino-americana em São Paulo? In: BAENINGER, Rosana (Org.). *Imigração boliviana no Brasil*. Campinas: NEPO/Unicamp, 2012.
- XAVIER, Iara Rolnik. *Projeto migratório e espaço: os migrantes bolivianos na RMSP*. Campinas: Dissertação de Mestrado, UNICAMP, 2010.

RESUMO

O objetivo deste texto é discutir a inserção de migrantes transnacionais na costura. Defende-se que os problemas relacionados às condições de trabalho, às violações e situações a que são submetidos os trabalhadores não decorrem da origem nacional dos migrantes, mas sim do modo como se associa a migração à organização do trabalho nessa indústria reestruturada. A primeira parte do texto aborda a afinidade existente entre os modos como se estruturam a produção pulverizada de vestimentas em oficinas de costura e os atuais fluxos migratórios transnacionais. Num segundo momento são traçadas algumas comparações entre a organização de oficinas de costura de bolivianos, paraguaios e brasileiros e o perfil de seus trabalhadores, sendo que o grande diferencial das oficinas de migrantes se deve ao modo pelo qual se articulam as condições de trabalho, a moradia e a intermediação migratória. Ao considerar a presença de paraguaios no setor, busca-se deslocar a problematização étnica ou da origem nacional desses trabalhadores e evidenciar o funcionamento desse mecanismo de exploração de trabalho que, ao mesmo tempo, permite a inserção de migrantes transnacionais na vida urbana de São Paulo.

Palavras-chave: indústria de confecções; migração transnacional; subcontratação.

ABSTRACT

The objective of this paper is to discuss the insertion of transnational migrants in the sewing industry. It is argued that the problems related to working conditions, violations and the situations that workers are subjected to do not derive from their national origin, but from the way migration is associated with the productive processes of this restructured industry. The first part of the text deals the structure of the sprayed production of garments in sewing workshops and its relation to the current transnational migration. Secondly, some comparisons are drawn between how workshops of Bolivians, Paraguayans and Brazilians are organized and the profile of their workers. It is argued that the major difference of migrant workshops is due to the way in which they articulate the conditions of work, housing and immigration intermediation. When considering the presence of Paraguayans in this industry, the paper seeks to shift from the ethnic or national problematic and highlight the functioning of this labor exploitation mechanism which, at the same time, allows for the inclusion of transnational migrants in the urban life of São Paulo.

Keywords: garment industry; transnational migration; subcontracting.



Foto: Carlos Freire da Silva

Rodoviária de Caaguazú, de onde partem muitos migrantes que rumam a São Paulo para trabalhar em oficinas de costura.

O que se passa em Caaguazú?

*Carlos Freire da Silva **

*Tiago Rangel Côrtes ***

Em uma oficina de costura na Vila Medeiros, zona norte de São Paulo, conhecemos Moisés¹, de 23 anos. Ele havia chegado pouco menos de dois anos antes e trabalhava como overloquista. Decidiu migrar para a capital paulista depois de conversar com um vizinho que já estava na cidade e lhe falou como seria o trabalho. Por meio do vizinho conheceu o dono da oficina na qual iria morar e trabalhar. Depois de instalado em São Paulo, Moisés traria seu irmão mais novo para juntar-se a ele no ofício. Naquela oficina de cerca de dez pessoas, todos eram vindos do Departamento de Caaguazú, no Paraguai, e mais especificamente do pequeno distrito de Repatriación. Guiados por Moisés, visitamos várias outras oficinas na Vila Medeiros e, à medida que conversamos com os migrantes paraguaios era recorrente a origem do mesmo departamento situado bem no centro do país.

* Pesquisador, doutor em Sociologia pela USP.

** Mestre em Sociologia pela USP e Técnico do Observatório do Trabalho/DIEESE.

Naquela semana que antecedia a páscoa de 2013, estávamos acompanhando uma série de visitas às oficinas de costura com os agentes da Missão Paz – Pastoral do Migrante, especialmente em regiões que concentram muitos migrantes paraguaios; além da já mencionada Vila da zona norte, também fomos aos bairros do Bom Retiro e da Luz e à Vila Any, em Guarulhos. Ainda que não fosse o único local de origem, chamava atenção a recorrência com que Caaguazú era mencionada, sobretudo entre o perfil mais jovem e masculino no ofício da costura que caracteriza o crescimento acentuado da migração paraguaia desde meados dos anos 2000. De uma maneira ainda mais delimitada, especialmente a própria cidade que dá nome ao departamento e o pequeno distrito de Repatriación, ou “Repa” como dizem, era bastante mencionado pelos jovens paraguaios.

Não há uma base estatística que permita determinar a origem dos migrantes paraguaios residentes em São Paulo. Mas a pesquisa apontou que Caaguazú não é uma região de origem tradicional dos migrantes paraguaios em São Paulo. Quando se trata dos migrantes que estão há mais tempo na cidade, sobretudo antes dos anos 2000, a origem principal seria a região de Assunção e os municípios vizinhos. Tanto entre aqueles que vieram nos anos 1970 e se engajaram em diversas profissões, como em relação aos primeiros que vieram trabalhar com costura ainda no início dos anos 1980, a capital paraguaia e arredores eram as procedências mais comuns. Já o crescimento mais recente não parece ter se dado a partir de Assunção.

O que se passa em Caaguazú? Esta questão foi se colocando à medida que aprofundávamos a pesquisa. Tomando como hipótese a centralidade que a localidade tem assumindo na migração paraguaia para São Paulo recentemente, procuramos discutir os motivos e as razões que têm levado muitas pessoas a migrarem deste departamento. Para tanto, reencontramos Moisés em janeiro de 2014 na zona rural de Repatriación. Após um período de intenso trabalho na costura, juntamente com o irmão, eles decidiram voltar para a casa dos pais e continuar trabalhando na lavoura. A partir da trajetória de Moisés, buscaremos descrever o processo em curso na localidade que tem feito com que tantos jovens da região estejam se direcionando para São Paulo atualmente.

Em um primeiro momento, procuramos fazer uma caracterização geral de Caaguazú e Repatriación através da trajetória de Moisés, do registro da viagem e de algumas referências históricas. Em seguida, detalhamos o processo de evasão do campo de pequenos agricultores paraguaios e o avanço do monocultivo da soja realizado por brasileiros em território paraguaio. A atuação dos chamados “brasiguaios” neste setor do agrobusiness no Paraguai é algo bastante marcante na região fronteira dos departamentos de Alto Paraná, Canindeyú e Amambay desde os anos 1970 (MENEZES, 1987; ALBUQUERQUE, 2005, 2009; SOUCHAUD, 2011). Atualmente, o departamento de Caaguazú e especialmente o município de Repatriación aparecem como uma fronteira de expansão da soja, o que tem alterado profundamente as formas de cultivo e

propriedade da terra na região. Trata-se de um processo conflitivo entre atores muito desiguais que tem se intensificado nos últimos anos, à medida que avança a fronteira agrícola da soja transgênica².

Por fim, tratamos da dinâmica de migração que se expressa em várias referências urbanas na cidade de Caaguazú. As várias casas de câmbio, empresas de remessas e agências de viagens demonstram uma relação com a migração estruturada e que parece ter um peso importante em termos sociais, econômicos e culturais para a região. Procuramos discutir como a manutenção do vínculo com o local de origem é fundamental para o sentido da experiência migratória, que se vê presente na dinâmica da cidade a partir dos investimentos daqueles que se encontram fora.

A terra vermelha

O departamento de Caaguazú se situa a meio caminho de distância entre Assunção e Ciudad del Este e é cortado pela estrada que liga as duas principais cidades do país. De acordo com estimativas da *Encuesta Permanente de Hogares*, em 2011 o departamento teria pouco mais de 481 mil habitantes, cuja maioria da população ocupada estaria no setor primário da economia (51%) (DGEEC, 2011). Segundo o *Atlas Censal del Paraguay*, em 2002 mais de 68% da população da região vivia em área rural (DGEEC, 2002). Em guarani, língua oficial do Paraguai, o termo *caaguazú* significa *mata grande*, não à toa a região já foi considerada a capital da extração de madeira no Paraguai, mas atualmente essa economia se encontra em declínio devido ao esgotamento do recurso. Os cultivos de algodão, erva mate, cana-de-açúcar, mandioca e, cada vez mais, a soja, além da pecuária, são a base da economia local. A terra vermelha, altamente valorizada para agricultura, predomina na paisagem, parecida com as propriedades do solo do norte e oeste do estado do Paraná e do oeste paulista, no Brasil.

O pai de Moisés, originário de Cordilheira, no oeste do Paraguai, chegou a Caaguazú no início dos anos 1990. Mudara-se para a região em busca de terra tendo em vista as colônias de assentamento rural promovidas pelo governo paraguaio. O pai de Moisés conheceu sua esposa em Repatriación: *“Eu nasci em Repatriación quando meu pai estava lutando pela terra”*³. Moisés é de uma família de seis irmãos, três homens e três mulheres, sendo ele o primeiro entre os homens. A família foi cadastrada em programa de reassentamento, foram três anos até conseguirem assegurar a propriedade de um lote de oito hectares na *Colonia del Triunfo*, pelo qual pagaram em prestações. Repatriación é um distrito de Caaguazú que recebeu o nome justamente por causa das colônias de assentamento, inicialmente destinadas às famílias paraguaias repatriadas da Argentina, do Brasil e de outros países na década de 1960. Quando o pai de Moisés chegou à área, seu lote na *Colonia del Triunfo* ainda era um bosque, com intensa mata.

Até meados do século XX, a população paraguaia era extremamente concentrada em Assunção e nas regiões mais próximas à capital, no departamento Central. No período da ditadura Stroessner, o governo iniciou a chamada “Marcha ao Leste”, promovendo incentivos para que a parte leste do país fosse ocupada. De acordo com José Lindomar Albuquerque (2009), na perspectiva de reassentar camponeses ao leste foi criado o *Instituto de Bienestar Rural* (IBR), atualmente *Instituto Nacional de Desarrollo Rural y de la Tierra* (INDERT), para implementação das colônias oficiais de reforma agrária. Ao mesmo tempo, o governo reformulou, em 1963, o estatuto agrário do país para permitir a venda de terras a estrangeiros na zona de fronteira. A Marcha ao Leste promovida pelo governo paraguaio teria se encontrado justamente com o movimento de expansão agrícola no Brasil a oeste:

Dessa forma, os departamentos fronteiriços de Alto Paraná, Canindeyú, Amambay foram ocupados principalmente por colonos brasileiros, enquanto que os departamentos vizinhos de Caaguazú e Caazapá foram colonizados por campesinos paraguaios, que se deslocaram dos departamentos centrais (ALBUQUERQUE, 2009, p. 141).

No movimento ao leste, enquanto os departamentos que fazem fronteira com o Brasil teriam sido ocupados predominantemente a partir de empresas colonizadoras brasileiras que negociavam extensas áreas de terra junto ao IBR e as revendiam para colonos brasileiros, em departamentos interioranos, como Caaguazú, não situados nas fronteiras, a ocupação deu-se principalmente por colonos paraguaios que adquiriam as terras diretamente do IBR. De acordo com Alfredo Mota Menezes, os colonos brasileiros chegaram à região de fronteira em condições vantajosas para ocuparem a terra, tanto em termos de crédito, quanto de técnicas agrícolas, de forma que mesmo quando os lotes eram destinados aos paraguaios, eles acabavam sendo revendidos aos brasileiros (1987, p. 147-150).

Nos departamentos do Alto Paraná, Amambay e Canindeyú, as melhores terras agricultáveis foram revendidas a baixo custo a migrantes brasileiros, que desde os anos 1960/1970 chegavam em massa no país e com dinheiro para comprá-las. Em alguns casos, as Companhias Colonizadoras vendiam as terras a prazo, permitindo que os brasileiros quitassem a dívida após tomar posse da propriedade, sendo que apenas a renda proveniente da extração da madeira dos lotes era suficiente para quitar o valor de todo terreno recém-comprado (PALAU, 2011; MENEZES, 1987). Eram áreas de floresta densa que passaram por um rápido processo de desmatamento por conta da extração da madeira e subsequente expansão da fronteira agrícola.

Em Caaguazú, diferentemente do que ocorreu com os departamentos de fronteira, o reassentamento de colonos paraguaios parece ter sido mais efetivo,

dentro de um processo de migração rural-rural no interior do próprio país que se estendeu durante os anos 1990, como se vê no caso do pai de Moisés. Não apenas com a diferença da nacionalidade de quem foi assentado na terra como também na forma como ela foi ocupada, em lotes menores e com uma produção diversificada, como esclarece Moisés:

No assentamento tem que pagar para que o título seja teu. São oito hectares. Planta-se muitas coisas. Por exemplo, feijão para consumo, amendoim para consumo e milho. Depois planta mandioca para o consumo e para a venda, e algodão somente para a venda. Milho se vende, mas é mais para o consumo. Não se faz farinha porque tem uma fábrica grande na região e se compra, é mais barato e não se perde tempo.

Além dos gêneros alimentícios que cultivam para consumo e venda, a família de Moisés cria galinhas e possui um pequeno rebanho de oito cabeças de gado. Os pequenos assentamentos com colonos paraguaios foram mais comuns em Caaguazú, embora a presença de agricultores brasileiros que cultivam soja na região não seja uma novidade. Atualmente, a fronteira de expansão do monocultivo da soja chega com força a departamentos do interior, como Caaguazú, o que tem colocado em confronto formas diferentes de propriedade da terra.

A chegada da soja

No trajeto entre o pequeno núcleo urbano do distrito de Repatriación e a Colonia del Triunfo, cruza-se por inúmeras pequenas propriedades de colonos paraguaios. De acordo com o Censo de 2002, o distrito teria apenas 2.177 habitantes em área urbana, representando menos de 8% da população do total de 29.503 pessoas (DGEEC, 2002). Na área rural, as casas ficam próximas à estrada de terra, conservam árvores ao seu redor para fazer sombra, são entrepostas pelas lavouras relativamente pequenas que apresentam uma diversidade de cultivos: mandioca, milho, algodão, amendoim, erva mate; a roça se dispõe em quadras distintas ou em fileiras intercaladas. É muito comum ver o gado pastando na frente das casas ou na beira da estrada, distantes um do outro e amarrados pelo cifre para não invadirem as lavouras, não se vê grandes rebanhos.

No caminho que Moisés percorre em pouco menos de uma hora de moto, esta paisagem só é interrompida pelas imensas plantações de soja. Enormes áreas verdes que só têm como contraste o vermelho da estrada de terra e a divisão onde termina a soja e recomeçam as pequenas propriedades dos colonos paraguaios. Segundo Moisés, os lotes dos colonos vizinhos às plantações de soja acabam afetados quando são pulverizados os pesticidas, todas as galinhas do quintal morrem e os moradores têm que se ausentar de casa durante um

tempo ou se arriscam a serem contaminados pelos agrotóxicos. Trata-se da *fumigación*, termo em espanhol para a aplicação dos defensivos agrícolas que está se tornando sinônimo de conflito entre produtores de soja e camponeses. Muitos acabam vendendo seus lotes por conta disto. A marcha verde da plantação de soja se expande agregando as suas bordas. Os proprietários frequentemente moram nas cidades ou em fazendas não necessariamente contíguas às áreas de plantação.

A expansão da monocultura da soja no Paraguai se associa fortemente à atuação de brasileiros. Historicamente, o sentido do fluxo de migrantes brasileiros para o Paraguai foi muito mais impactante na dinâmica econômica e social do Paraguai do que o fluxo contrário, de paraguaios para o Brasil. A expressão “brasiguai” aponta justamente o peso desta migração brasileira no país, constituindo uma identidade híbrida entre migrantes e seus descendentes que assume diversas conotações (ALBUQUERQUE, 2005). Segundo Palau (2011), os fluxos de brasileiros para o Paraguai ganharam centralidade a partir dos anos 1960, mas sobretudo a partir dos anos 1970, grandes contingentes chegaram ao país. A Tabela 1, elaborada pelo autor, revela a importância dos brasileiros como o principal grupo de migrantes no Paraguai: os dados do Censo mostram que, desde os anos 1970, o Brasil é quem mais envia migrantes para o país (mais de 40% do total nos Censos de 1972, 1982, 1992 e 2002).

Tabela 1 - Nascidos em outros países residentes no Paraguai entre 1972 e 2002

País de nascimento	1972		1982		1992		2000	
	N. Absoluto	Percentual						
Brasil	34.276	43,0%	98.730	58,4%	108.526	56,8%	81.592	47,1%
Argentina	27.389	34,4%	43.670	25,8%	49.166	25,8%	63.153	36,5%
Uruguai	763	1,0%	2.310	1,4%	3.210	1,7%	3.239	1,9%
Japão	3.876	4,9%	3.317	2,0%	2.581	1,4%	-	-
Coreia	365	0,5%	2.744	1,6%	5.031	2,6%	-	-
China	122	0,2%	-	0,0%	1.904	1,0%	-	-
Outros	12.895	16,2%	18.369	10,9%	20.489	10,7%	25.192	14,5%
Total	79.686	100,0%	169.140	100,0%	190.907	100,0%	173.176	100,0%

Fonte: Censo Paraguai – DGEEC

Elaborado por Tomás Palau, 2011, p. 50.

Como se pode notar na tabela, na década de 2000, o Censo paraguaio identificou a redução do número de brasileiros no Paraguai, que indicaria antes uma característica do avanço do cultivo de soja em sua lógica concentradora de terras. Estudo da OIM (Organização Internacional para as Migrações), baseado no Censo de 2000 do Brasil, revelou que 50 mil brasileiros que viviam no Paraguai retornaram ao país de origem. Para a OIM, este retorno advém da própria intensificação do modelo do agronegócio, gerido por grandes empresas brasileiras mecanizadas e com altas tecnologias, que compeliram pequenos produtores. Foram pressionados a saírem das terras tanto as populações paraguaias que produziam em minifúndios, como os *brasiguaios* que haviam rumado ao Paraguai nos anos 1970, que retornam ao país nos anos 2000 (OIM, 2011, p. 12).

O mesmo sentido indica a pesquisa de José Lindomar Albuquerque (2009). Recorrendo aos dados do Ministério das Relações Exteriores de 2002, o autor demonstra que dos 545.886 brasileiros que se encontravam em outros países da América do Sul, 459.147 estavam no Paraguai, isto significa que 84,1% dos brasileiros que viviam em outros países sul-americanos estariam no Paraguai. Segundo Albuquerque, dois foram os fluxos que levaram brasileiros ao país vizinho: o primeiro vindo do Rio Grande do Sul, que ocupou regiões fronteiriças nos estados do Paraná, Santa Catarina e Mato Grosso do Sul; outro vindo do nordeste do país e de Minas Gerais, que foram trabalhar no desmatamento das fazendas e no plantio e colheita de menta e café. Ambos seriam compostos principalmente por famílias de camponeses. Enquanto os nordestinos e mineiros se tornaram peões, arrendatários e posseiros nessas frentes de expansão, os sulistas se constituíram majoritariamente como colonos, pequenos e médios proprietários (ALBUQUERQUE, 2009, p. 139).

Os imigrantes brasileiros, que conseguiram ascender socialmente ao longo das últimas décadas, controlam setores importantes da economia, da política e da cultura local em algumas cidades paraguaias (Santa Rita, Santa Rosa del Monday, Naranjal, San Alberto, etc.). A partir do final da década de 1970 e início dos anos 1980, ampliam-se os processos de mecanização e de concentração da propriedade da terra nessa faixa de fronteira. Uma família de agricultores podia aumentar o plantio sem necessitar contratar mais mão de obra. Nesse contexto, aumentam as compras de terra aos camponeses paraguaios e aos pequenos produtores brasileiros. A pequena produção diversificada e de subsistência (milho, mandioca, etc.) passa a ser substituída pelo plantio de soja. Nesse processo, começam os deslocamentos de camponeses paraguaios e brasileiros para outras frentes agrícolas no interior do Paraguai e para as periferias das cidades de fronteira (ALBUQUERQUE, 2009, p.143).

A expansão dos plantios de soja na atualidade para departamentos além da fronteira onde existem muitas colônias camponesas teria ampliado as áreas de contato e atrito entre brasileiros e paraguaios. A concentração de terras nas regiões tradicionalmente ocupadas por brasileiros na fronteira, além da valorização da soja no mercado internacional na última década, teriam impulsionado a maior dispersão do cultivo para outros departamentos, aumentando sua presença em lugares como Caaguazú. A legislação restritiva à compra de terras por membros de países vizinhos fora de uma faixa de 50 km da fronteira, instituída em meados dos anos 2000, não impediu os investimentos na expansão de áreas para o cultivo da soja (ALBUQUERQUE, 2005).

Um dos casos mais emblemáticos deste conflito de terras no Paraguai, que envolve a migração de brasileiros e a expansão do cultivo de soja ficou conhecido como o “Massacre de Curuguaty”⁴, em 15 de junho de 2012. No departamento de Canindeyú, durante um processo de reintegração de posse de um agricultor brasileiro nacionalizado paraguaio conhecido como o “rei da soja”, dezessete pessoas foram mortas, sendo 6 policiais e 11 camponeses sem terra, os *carperos* como são conhecidos. O episódio, cuja responsabilidade nunca chegou a ser esclarecida, acabou com a deposição pela oposição do presidente eleito Fernando Lugo, em 2012, sob a justificativa de que ele não cumpriu com os deveres constitucionais no episódio. Convocadas novas eleições, assumiu o atual presidente Horácio Cartes em 2013, mais alinhado aos interesses dos agricultores de soja brasileiros. O conflito agrário no Paraguai atualmente é bastante intenso, acompanhando a chegada da soja em novas fronteiras, também distantes do limite entre Brasil e Paraguai.

O êxodo rural e a migração transnacional

De acordo com o sociólogo paraguaio Tomás Palau (2011), a população do Paraguai se tornou majoritariamente urbana na passagem da década de 1980 para 1990. Os contingentes que saíam do campo iam para as cidades em busca de oportunidades, especialmente Assunção e Ciudad del Este. Devido à saturação da absorção da força de trabalho que chegava às duas principais cidades do país, a migração transnacional se fortaleceu como alternativa. Antes de os paraguaios iniciarem suas empreitadas migratórias transnacionais, é comum executarem internamente e em grande intensidade a mobilidade rural-rural, assim como a rural-urbana. Segundo Palau, estavam diretamente ligados à forma como se organizava a produção agrária, a expansão de modo concentrador da distribuição de terras para a produção de soja e o êxodo rural. Neste sentido, o autor conclui que a produção de soja transgênica em grandes latifúndios seria o principal fator do aumento da migração rural-urbana.

No entanto, o êxodo rural não foi acompanhado de uma urbanização capaz de oferecer emprego na mesma medida. Em Caaguazú, a maioria da população ainda vive em área rural. A cidade que dá nome ao departamento, e que serve de referência como centro urbano para Repatriación a 11 km de distância, possui pouco menos de 50 mil habitantes (DGEEC, 2002). Trata-se de uma cidade de ruas largas, a maioria delas pavimentadas e muito arborizadas. Ao final da tarde, a população local tem o hábito de colocar cadeiras nas calçadas e ficar conversando enquanto circula de mão em mão a *guampa* com o *Tererê*. Existem muitas serrarias na cidade, que fazem lembrar a importância que a economia da madeira teve para a região. Mas a cidade oferece poucas alternativas de trabalho para os jovens que começam a se inserir no mercado de trabalho.

A primeira experiência migratória de Moisés ocorreu no interior do Paraguai, logo depois que ele terminou seus estudos e o serviço militar obrigatório aos 18 anos. O êxodo rural não se dá necessariamente por conta da perda de terras, mas também por conta da baixa renda na agricultura e a perspectiva de ganhos maiores na cidade, sobretudo para os mais jovens.

Queria permanecer no campo, mas havia a possibilidade de estudar. Já que tenho um parente em Assunção, eu liguei e disse que queria ir trabalhar. Trabalhar no campo não é como trabalhar na cidade que é ter dinheiro todo fim de semana e todo o fim de mês e às vezes quando necessita, não! Então eu chamei e ele disse que havia a possibilidade de ficar na casa da tia em Assunção e procurar um trabalho.

O primeiro emprego que teve foi como ajudante de remessas em uma fábrica de artigos têxteis em 2009. A intenção de Moisés em Assunção era conseguir um trabalho para poder pagar o curso de farmacêutico, o qual chegou a frequentar durante três meses. Mas não conseguiu conciliar trabalho e estudo e acabou parando o curso. Depois, ele conseguiu outro trabalho melhor remunerado como ajudante de cozinha em um restaurante. Foi promovido a cozinheiro e permaneceu no emprego por dois anos. Enquanto trabalhava, fez um curso público de eletrônica básica.

No final de 2011, se desentendeu com o dono do restaurante e voltou para Repatriación. Foi então que Moisés percebeu o grande número de pessoas em *Repa* que estariam vindo trabalhar em São Paulo. No Paraguai, dado o grande número de conterrâneos na Argentina, na Espanha e também no Brasil, a possibilidade de passar algum período da vida como migrante no exterior está bastante presente no horizonte de expectativas, sobretudo dos jovens que buscam inserção no mercado de trabalho. Após estabelecido contato com o dono de uma oficina de costura, Moisés cruzou a fronteira de carro, junto com o oficinheiro. Moisés nunca regularizou sua situação no Brasil, no entanto a documentação nunca foi um problema para ele. Permaneceu dois anos até decidir voltar, quando, para ele, a desvalorização do real deixou o câmbio desfavorável.

Atualmente, Moisés trabalha na lavoura, auxiliando seu pai; o irmão do meio trabalha em uma oficina mecânica em Caaguazú; o mais novo, que trabalhava com ele em São Paulo, conseguiu um emprego em uma fábrica brasileira de materiais esportivos em Ciudad del Este. Suas irmãs caçulas também auxiliam no trabalho no campo. Depois de dois anos de trabalho intenso atrás de uma máquina de costura, o saldo financeiro da experiência migratória de Moisés foi de duas vacas, que conseguiu comprar por 1.250 reais; 750 reais revertidos para o pai investir na chácara e outros mil que economizou, o que totaliza três mil reais de saldo acumulado em São Paulo.

Mandei dois mil reais para meu pai, o que equivale a quatro milhões de guaranis. Com dois milhões e meio, meu pai comprou duas vacas para mim; um milhão e meio dei a ele para fazer seu trabalho na chácara e lhe ajudar. Mil reais (dois milhões de guaranis) sobraram para mim, para eu comprar minhas coisas.

Segundo Hugo Oddone (2011), a questão da migração é parte constitutiva da economia do Paraguai, tanto em termos dos migrantes que o país recebe, como dos migrantes que envia para o exterior. De acordo com as informações apresentadas por Oddone, a participação dos estrangeiros é bastante expressiva na composição da economia, no entanto, ela ocorreria com o aumento da pobreza e a promoção da desigualdade; por seu turno, os paraguaios migrantes no exterior têm um grande peso no ingresso de divisas através das remessas, mas esta contribuição apresenta um sentido bastante diferente:

La emigración ha pasado a contribuir con la economía en una medida mucho más equitativa que la inmigración, proveyéndole de la tercera fuente importante de ingreso de divisas: las remesas en dinero de los emigrados que, además, ayudan a las familias pobres del país a atenuar su pobreza. Cerca del 60% de las personas mayores de 10 años encuestadas y alrededor de 100.000 hogares del territorio nacional reciben remesas en un promedio de poco más de US\$ 150 (DGEEC, 2010), fruto del trabajo de sus familiares que viven en el exterior en condiciones precarias, en situación de vulnerabilidad y sin respeto a derechos fundamentales fuera y dentro del país, donde se les niega el derecho a voto (ODDONE, 2011, p. 80-81).

A cidade de Caaguazú, a despeito da pouca diversidade econômica, apresenta uma infraestrutura notável relacionada à sua inserção transnacional. Há uma grande concentração de casas de câmbio para peso, real, dólar e euro; há diversas empresas de remessas e agências de viagem que oferecem, além de passagens, orientação em relação a serviços consulares para obtenção de vistos e até mesmo crédito para viagem, em que se requer o título da casa do trabalhador como garantia; também existem as *lanhouses*, indispensáveis para manutenção de contato com os parentes no exterior. Toda esta economia urbana aponta a forte relação que se estabelece entre a cidade e os migrantes paraguaios que se encontram no exterior. O município de São Paulo certamente é uma referência importante, mas não única, sendo bastante recorrente também a Argentina e a Espanha. Nota-se os investimentos imobiliários dos migrantes pelo contraste na cidade entre algumas casas, a depender bastante das peculiaridades da experiência migratória de cada um. Isto não quer dizer que todos que migram têm experiências exitosas no exterior e que conseguem mudar substancialmente sua condição ao regressarem.

Conclusão

A trajetória dos migrantes paraguaios vindos de Caaguazú coloca em contato dois temas que a princípio parecem incomunicáveis: a expansão da soja promovida pelos “brasiguaios” e a migração de jovens para o trabalho na costura em São Paulo. A fronteira de expansão da soja no Paraguai é um tema bastante discutido no meio acadêmico, constituindo um debate estruturado que conta com diversas publicações a respeito. Do mesmo modo, a questão do êxodo rural e a migração paraguaia. Já a relação do êxodo rural em decorrência das novas fronteiras de expansão da monocultura da soja com a migração de jovens paraguaios para trabalhar na costura em São Paulo, nos parece algo novo neste debate.

Em busca da terra vermelha, a marcha para leste promovida pelo governo ditatorial de Stroessner se encontrou com a expansão a oeste da fronteira agrícola brasileira, algo já bastante debatido e conhecido na discussão sobre os migrantes brasileiros se expandindo para além dos limites da fronteira com o Paraguai. No entanto, o departamento de Caaguazú e, particularmente, o distrito de Repatriación foram ocupados majoritariamente por colonos paraguaios em pequenas propriedades. A expansão do cultivo de soja sobre estas “novas” fronteiras coloca em confronto duas formas de propriedade. A própria lógica concentradora de terras característica do cultivo da soja projeta os produtores para novas áreas, causando conflitos com pequenos produtores paraguaios que cultivam gêneros variados.

O argumento central desenvolvido se refere ao impacto da monocultura da soja na desterritorialização da população que vivia na região. Trata-se de um processo de êxodo rural em curso que não encontra uma urbanização correspondente em termos de oportunidades de emprego nas cidades, colocando a migração transnacional como um recurso recorrente. Ao descrever o município de Caaguazú, buscou-se justamente evidenciar a importância das trajetórias de migrantes que enviam remessas para a região. Não é à toa que em diminuta cidade, com economia basicamente agrária, haja tantas e tantas empresas de câmbio, agências de viagem e *lanhouses*.

Departamentos do Paraguai e suas capitais



Elaborado por: Sylvain Souchaud (2011, p. 148)

Notas

- 1 - De acordo com o procedimento adotado para todas as pessoas citadas, o nome é fictício.
- 2 - A exportação da soja tem sido uma das bases para o crescimento econômico recente do Paraguai. Juntamente com a influência econômica, os brasileiros também exercem grande peso na política paraguaia. O link traz um vídeo que apresenta o Paraguai para brasileiros segundo a visão do Canal Agro Paraguay. <<http://www.youtube.com/watch?v=qJ06wUtSIA8&feature=share>>. Acesso em: 20 set. 2014.
- 3 - Algumas das falas apresentadas foram ditas em “portunhol” ou mesmo espanhol. Optou-se por traduzir para o português.
- 4 - Para mais informações, ver: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/06/120626_paraguai_semterras_jf.shtml>; <<http://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2014/03/brasiguaios-impedem-demarcacao-de-areas-para-sem-terra-no-paraguai.html>>. Acesso em: 20 set. 2014.

Referências

- ALBUQUERQUE, José Lindomar C. *Fronteiras em movimento e identidades nacionais: a imigração brasileira no Paraguai*. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.
- ALBUQUERQUE, José Lindomar C. A dinâmica das fronteiras: deslocamento e circulação dos “brasiguaios” entre os limites nacionais. In: *Horizontes antropológicos*. Porto Alegre: v. 15, n. 31, Junho de 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832009000100006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 set. 2014.
- DGEEC. *Atlas Censal del Paraguay*. Asunción, 2002. Disponível em: <<http://www.dgeec.gov.py/Publicaciones/Biblioteca/Atlas%20Censal%20del%20Paraguay/8%20Atlas%20Caaguazu%20censo.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2014.
- DGEEC. *Encuesta Permanente de Hogares: Caaguazú*, 2011. Asunción, 2011. Disponível em: <<http://www.dgeec.gov.py/Publicaciones/Biblioteca/EPH2011/eph2011/5.%20caaguazu.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2014.
- MENEZES, Alfredo Mota. *A herança de Stroessner: Brasil e Paraguai 1955-1980*. Campinas: Papyrus, 1987.
- ODDONE, Hugo. Impactos de la migración en el desarrollo nacional: una aproximación histórico-social. In: HALPERN, Gerardo (org.). *Migrantes: perspectivas (críticas) en torno a los procesos migratorios del Paraguay*. Asunción: Ápe Paraguay, 2011.
- OIM. *Perfil Migratório do Paraguay*, 2011.
- PALAU, Tomás. El marco expulsivo de la migración paraguaya. Migración interna y migración externa. In: HALPERN, Gerardo (org.). *Migrantes: perspectivas (críticas) en torno a los procesos migratorios del Paraguay*. Asunción: Ápe Paraguay, 2011.
- SOUCHAUD, Sylvain. A visão do Paraguai no Brasil. In: *Contexto internacional*, vol. 33, n. 1, janeiro/junho, 2011.

RESUMO

Este artigo parte da constatação de que muitos dos migrantes paraguaios que se inseriram em São Paulo a partir da década de 2000 são de Caaguazú, uma região em que a economia é predominantemente rural. Desse modo, busca-se, a partir da trajetória de um jovem migrante, compreender as razões que têm levado muitas pessoas desta região a migrarem para São Paulo em busca de novas oportunidades. Serão abordadas questões relativas ao monocultivo da soja, à concentração de terras e ao êxodo rural. Além disso, trataremos dos impactos da migração na economia local de Caaguazú. O trabalho de campo foi realizado em São Paulo, onde se deu o primeiro contato com o migrante em uma oficina de costura, e em Repatriación, sua cidade natal, para a qual ele retornou para lavrar a terra após o trabalho com a costura.

Palavras-chave: monocultivo da soja; Caaguazú; êxodo rural.

ABSTRACT

This paper stems from the observation that many of the Paraguayan migrants who were inserted into São Paulo from the 2000s are from Caaguazú, a region where the economy is predominantly rural. Thus, from the trajectory of a young migrant, we seek to understand the reasons which have led many people from this region to migrate to São Paulo in search of new opportunities. Issues related to the monoculture of soybean, the concentration of land and the rural exodus will be addressed. In addition, we will discuss the impacts of migration on the local economy of Caaguazú. Fieldwork was conducted in São Paulo, where we made the first contact with the migrant in a sewing workshop, and Repatriación, his hometown, to which he returned for work in the rural area.

Keywords: soybean monoculture; Caaguazú; rural exodus.



Foto: Carlos Freire da Silva
Caaguazú, placa indica o rumo de Ciudad del Este.

Ciudad del Este Do comércio de fronteira ao centro de São Paulo

*Carlos Freire da Silva **

No dia 27 de março de 1965 foi inaugurada a famosa Ponte da Amizade que faz a ligação entre Paraguai e Brasil, passando sobre o rio Paraná. Na cerimônia estavam presentes os presidentes de ambos os países, nos dois casos militares que haviam sido alçados ao poder através de golpes de Estado, respectivamente, o general Alfredo Stroessner e o marechal Castello Branco. Ambos caminharam para selar as mãos exatamente no meio da ponte¹. Construída pelo Departamento Nacional de Estradas e Rodagens (DNER) do governo brasileiro, teria mais de meio quilômetro de extensão e, na época, era considerada o maior vão livre em

* Pesquisador, doutor em Sociologia pela USP.

concreto armado do mundo. A inauguração da ponte da Amizade marcaria a consolidação da política de reaproximação entre os dois países, após um longo período de pouca ligação desde a guerra do Paraguai.

Compondo a região da tríplice fronteira com a cidade de Puerto Iguazu, do lado Argentino, a ponte da Amizade liga Ciudad del Este, no lado paraguaio, à Foz do Iguazu, no lado brasileiro e, a partir de sua inauguração, marcaria profundamente o desenvolvimento de ambas as cidades e da própria história das relações entre Paraguai e Brasil. Desde então, muita coisa se passou através da Ponte da Amizade, e a consolidação do comércio de Ciudad del Este é algo que informa extensamente as imagens construídas sobre o país vizinho. Uma vasta gama de representações com maior ou menor base real ou imaginada sobre o comércio fronteiriço constrói uma imagem sobre o Paraguai e os paraguaios. Geralmente, quando se fala sobre Paraguai no Brasil, as imagens mais imediatas são referentes à Ciudad del Este.

Embora poucos migrantes paraguaios em São Paulo sejam naturais de lá – a maior parte dos mais recentes são do departamento de Caaguazú, no centro do país, enquanto os grupos que estão aqui há mais tempo são, sobretudo, de Assunção e das cidades próximas – eles estão sujeitos aos preconceitos associados ao comércio fronteiriço. Isso a tal ponto que, em reação às constantes associações difundidas nos meios de comunicação brasileiros que ligam o Paraguai à ideia de falsificação e contrabando, foi fundada em 2009 uma associação de paraguaios e descendentes que visa a questionar estas colocações e difundir uma imagem positiva do Paraguai. Trata-se da “*Paraguay Teete*”, que em guarani quer dizer autêntico, verdadeiro². Metáforas pejorativas e discriminatórias associam “do Paraguai” e “paraguaio” às ideias de contrabando, pirataria, falsificação e baixa qualidade. Trata-se de um olhar construído sobre o Paraguai que além de parcial e depreciativo, pouco informa sobre o próprio circuito comercial de Ciudad del Este, como ele se desenvolveu e as transformações recentes pelas quais este circuito vem passando.

O objetivo deste artigo é problematizar as imagens que se tem do Paraguai (e dos paraguaios) no Brasil a partir de representações sobre Ciudad del Este. Para tanto buscamos examinar como se deu o desenvolvimento desta dinâmica comercial, particularmente em sua relação com São Paulo, em torno da reaproximação diplomática entre os dois países, do turismo de compras dos sacoleiros brasileiros e de outras dinâmicas migratórias que ligam o desenvolvimento de Ciudad del Este e São Paulo, em especial através da migração chinesa e libanesa. Em cidades de fronteira, o desenvolvimento do comércio baseado nas vantagens diferenciais entre países é algo bastante comum³; no caso de Ciudad del Este, a peculiaridade foi a escala desses fluxos, com milhares de pessoas que fizeram das idas e vindas uma forma de ganhar a vida, e a maneira como isto alimentou as representações sobre o país vizinho. Pelo fato deste processo ter ocorrido justamente em um momento marcado pela crescente globalização e a massificação do consumo, no Brasil se associou alguns aspectos

desta dinâmica comercial ao Paraguai. No entanto, veremos que este processo remete a dinâmicas mais amplas de produção e circulação de mercadorias, nas quais Ciudad del Este se constituiu em um entreposto de triangulação durante algum período e do qual, atualmente, São Paulo vem ganhando centralidade.

A formação de Ciudad del Este como polo comercial⁴

Ciudad del Este é a segunda cidade mais populosa do Paraguai com 312.652 habitantes⁵, atrás apenas da capital do país. Situada a 334 km de Assunção, foi fundada em 1957 com o nome de Puerto Presidente Stroessner, e passaria a ter o nome atual apenas depois da queda do governo militar em 1989. Pode-se afirmar que a fundação do município foi induzida pela política de reaproximação entre os governos do Paraguai e do Brasil na década de 1950, após um longo período de distanciamento posterior à Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870). Até então haviam sido poucas as relações após o conflito que redefiniu limites de fronteira entre os dois países. O Paraguai se voltou prioritariamente para a Argentina como principal parceiro comercial e como via de comunicação com o restante do mundo, através do Rio da Prata. A visita de Getúlio Vargas, em 1941, o primeiro presidente brasileiro a estar presente no país vizinho, foi um marco inicial desta reaproximação⁶. Em decorrência, foram realizados programas de intercâmbio cultural e militar, além das primeiras negociações para concessão de um porto franco ao Paraguai em território brasileiro. No entanto, a reaproximação se concretizaria apenas no período de Juscelino Kubitschek (1956-1961) e com a ascensão de Alfredo Stroessner à frente do governo paraguaio, a partir de 1954 (MENEZES, 1987; SILVA, 2006).

O golpe de Estado que acabou levando à ditadura militar do general Alfredo Stroessner diz muito sobre as peculiaridades da história política paraguaia. De acordo com o historiador Alfredo da Mota Menezes (1987), depois de uma guerra civil em que foram expulsos do país os membros do partido liberal e do partido febrerista em 1947, todas as disputas políticas passaram a se realizar apenas no interior do partido colorado, em um regime partidário único que perdurou até 1962. Segundo o historiador, em um período marcado por sucessivos golpes de Estado entre os próprios partidários colorados, Stroessner assumiu o governo. As divergências eram principalmente sobre a condução da política econômica externa: se alinhada à dependência da Argentina ou à tentativa de criação de uma alternativa junto ao Brasil. O golpe ocorreu justamente pouco antes de uma visita do presidente argentino, Juan Perón, ao Paraguai em 1954. Depois de destituído o presidente Federico Chávez, foi convocada uma eleição na qual Stroessner foi o único candidato. De acordo com Menezes, no governo militar, houve um afastamento em relação ao peronismo e a tudo que era pró-Argentina, o que marcou uma política de aproximação com o Brasil. Além disto, parte da

formação militar de Stroessner fora realizada na Escola Superior de Guerra no Rio de Janeiro, o que pode ter facilitado esse alinhamento, principalmente depois de iniciada a ditadura militar brasileira.

A reaproximação com o Brasil viria primeiramente através da construção de estradas no oeste do Paraná e de facilidades alfandegárias para permitir ao Paraguai ter acesso franco ao porto de Paranaguá para desenvolver seu comércio exterior. O acordo incluía ainda a realização dos estudos para a abertura da rodovia e o financiamento de sua construção até Ciudad Coronel Oviedo, no centro do Paraguai (SILVA, 2006). Assim, o país teria uma alternativa para a importação e exportação marítima além da navegação do rio da Prata, com a consequente dependência da Argentina. A própria construção da Ponte da Amizade é uma das medidas ligadas à viabilização de uma rota alternativa do Paraguai para o Atlântico através do território brasileiro, cujo tratado de construção foi assinado em 1956, levando nove anos para ser concluída. Posteriormente, a reaproximação teve andamento com as negociações para a construção da usina hidroelétrica binacional Itaipu, cujo tratado de construção foi assinado em 1973, e sua conclusão ocorreu em 1983. A obra da usina marcou o desenvolvimento urbano tanto de Ciudad del Este como de Foz do Iguaçu. Mais de 30 mil operários brasileiros e paraguaios foram para a região trabalhar na obra (MENEZES, 1987). De acordo com Menezes, essas medidas contribuíram para que o Brasil acabasse substituindo a Argentina como principal parceiro comercial do Paraguai. O desenvolvimento de Ciudad del Este também respondia a uma política de povoamento do leste do país empreendida por Stroessner, inspirada na doutrina de segurança nacional da ditadura militar no Brasil (PALAU, 2001).

A cidade foi fundada pouco menos de dois anos depois do tratado para a construção da ponte, a partir do ponto do rio no qual ela seria erguida e onde ficou definido que passaria a estrada. Nesta época, Foz do Iguaçu e Puerto Iguaçu já eram cidades estruturadas. Nos jornais dos anos 1970, Puerto Presidente Stroessner aparece nos anúncios de pacotes turísticos para as Cataratas do Iguaçu oferecendo como atrativo o comércio de artigos importados de luxo com baixas taxas de impostos.

O antropólogo Fernando Rabossi (2004) desenvolveu uma pesquisa acerca das dinâmicas comerciais de Ciudad del Este. Segundo o pesquisador, desde a inauguração da Ponte da Amizade a cidade atraía turistas argentinos e brasileiros que visitavam as Cataratas do Iguaçu em busca dos cassinos liberados, bem como o comércio de artigos importados em “regime especial de turismo”. Diferentemente dos seus outros vizinhos, o Paraguai não teria seguido a política de industrialização por substituição de importações e, desde a década de 1950, teria eliminado taxas de exportação e reduzido os impostos de importação. Segundo Rabossi, Ciudad del Este teria a primeira concessão de zona franca ainda em 1960, de modo a definir um sistema que favorecia o comércio direcionado aos turistas estrangeiros. A partir disto, a cidade teria se desenvolvido como uma das maiores zonas francas do mundo, atrás apenas de Miami e Hong Kong.

Ainda de acordo com Rabossi, entre o final dos anos 1970 e início dos anos 1980, ocorreu uma transmutação deste turismo de compras para consumo próprio em um circuito de compras para revenda, animado por milhares de sacoleiros, acompanhada também por alterações em relação aos produtos comercializados. O autor argumenta que no começo eram produtos originais e de qualidade, importados de Miami e destinados aos turistas. Nos anos 1980 aumentou o movimento de sacoleiros, pequenos comerciantes que buscavam mercadorias mais baratas para venderem em suas cidades de origem, e começam a aparecer marcas desconhecidas e cópias, produtos de menor qualidade e bem mais baratos, cada vez mais vindos diretamente da China continental (RABOSSI, 2004, p. 226).

Quando analisamos do lado brasileiro, um dos fatores que teria impulsionado a dinâmica dos sacoleiros para Ciudad del Este teria sido a política de taxaço da importação dos produtos supérfluos implementada durante o regime militar. Quando o chamado “milagre econômico” dava seus primeiros sinais de esgotamento nos anos 1970 e em decorrência do déficit cambial causado pela crise do petróleo, o governo militar brasileiro implementou medidas restritivas para tentar conter a evasão de divisas e dificultar a saída de dólares do país. A partir de 1974, a importação de tudo que não era classificado como bem de capital era sobretaxado em 100%, sendo que em 1981 o imposto foi novamente elevado e chegou a 200% do valor dos bens considerados supérfluos. Combinado com as facilidades de importação proporcionadas em Ciudad del Este, a sobretaxação aos supérfluos criou uma grande vantagem diferencial de preços entre os dois lados da fronteira para quem se dispunha a trazer as mercadorias (FREIRE DA SILVA, 2014).

A partir dessas circunstâncias, milhares de pessoas fizeram da exploração desse diferencial um modo de ganhar a vida, passando a trabalhar entre frequentes idas e vindas para o país vizinho. No centro de São Paulo, mais especificamente nas ruas 25 de março e Santa Ifigênia, alguns comerciantes chegavam a pagar quem estivesse disposto a viajar ao Paraguai para trazer mercadorias, tendo em vista as vantagens diferenciais. Havia também uma ligação direta entre os próprios comerciantes de ambos os lados da fronteira, sendo que nos dois casos muitos eram libaneses e chineses, como iremos debater a seguir. Ao longo das décadas de 1980 e 1990 eram muito comuns as excursões de sacoleiros que se organizavam para trazer mercadorias de Ciudad del Este. De diversos lugares do território brasileiro, muitos ônibus se direcionavam a Foz do Iguaçu, de onde os sacoleiros cruzavam a ponte a pé, em táxis, mototáxis e ônibus de linha. Depois das compras em Ciudad del Este, valiam-se das cotas de turismo⁷ para reingressar no país com as mercadorias, por vezes contratando o serviço de “laranjas” para minimizar o risco de perda das mercadorias no posto de fiscalização da Receita Federal. Muitos pequenos comerciantes, vendedores de porta em porta, camelôs, além de pessoas que se especializaram em trazer mercadorias para fornecer a outros comerciantes, frequentavam Ciudad del Este periodicamente para abastecer seus empreendimentos.

No entanto, esse comércio nunca teve um sentido único, enquanto brasileiros atravessavam a fronteira para buscar brinquedos, eletrônicos e afins, paraguaios também levavam ao seu país outros produtos oriundos do Brasil, nesse caso, principalmente artigos de vestuário. Conforme demonstra Rabossi (2004), se em Ciudad del Este existe a figura do “laranja” brasileiro, em Foz do Iguaçu existe a figura do *pasero* paraguaio, que faz a passagem das mercadorias brasileiras para o outro lado do rio. Segundo o autor, este trânsito sempre foi e continua sendo bastante importante em termos de volume de mercadorias, embora as referências construídas sobre o comércio na fronteira sejam sempre no sentido inverso⁸. Em São Paulo, em nossa pesquisa de campo foi possível encontrar entre os migrantes paraguaios residentes há mais tempo pessoas que trabalham como representantes de vendas e agentes de compras, enviando constantemente mercadorias a todo o Paraguai através das empresas de viagens. Isso seria algo estabelecido há anos, sendo que é muito mais comum entre os migrantes residentes na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) enviar mercadorias para o Paraguai do que o contrário.

A trajetória de Lopes⁹, 60 anos, natural de Assunção, é bem ilustrativa deste fluxo de mercadorias no sentido contrário. Ele migrou para São Paulo em 1978. Quando chegou à cidade atuava como representante de vendas autônomo: *“eu já era vendedor na época e começaram a me falar que aqui era uma boca boa para vender para os paraguaios, não para o Brasil”*. Seu trabalho consistia em fazer compras no centro de São Paulo, principalmente artigos de vestuário, e enviá-las para Foz do Iguaçu, de onde seguiriam posteriormente para todo o Paraguai após cruzarem a fronteira em Ciudad del Este. Com pouco mais de vinte anos na época, cursava administração de empresas e esperava concluir o curso no Brasil, o que nunca ocorreu.

Seu pai era ligado ao Partido Colorado e ao presidente Federico Chaves, deposto por Stroessner exatamente no ano em que Lopes nasceu. Com o início da ditadura, seu pai chegou a tentar refugiar-se em Mato Grosso, onde foi pego e deportado, ficando dois anos preso no Paraguai. Para a família de Lopes a ascensão de Stroessner representou uma grande queda em termos de padrão financeiro e eles passaram a viver basicamente do comércio. Depois de um ano que Lopes chegou a São Paulo, montou um restaurante com o apoio de conhecidos de seu pai que haviam se exilado na cidade, ligados ao Movimento Popular Colorado (Mopoco), um dos principais grupos políticos de oposição a Stroessner organizados desde o exterior. Assim, além de representante de vendas, Lopes se tornou dono de restaurante.

Já no princípio dos anos 1980, Lopes havia alcançado uma boa situação financeira conciliando as duas atividades. Porém, o excesso de trabalho acabou lhe causando problemas de saúde e ele vendeu o restaurante e retornou ao Paraguai. Durante quase um ano viveu apenas com os recursos que havia acumulado no Brasil, regressando no final de 1982 depois que acabou seu dinheiro. Novamente Lopes vai se dedicar a abastecer o comércio no Paraguai

com produtos brasileiros. Quando as oficinas de costura se tornaram um nicho de trabalho para os migrantes paraguaios, ele também formou a sua própria. Alugou um espaço, investiu em máquinas e hoje um grupo de paraguaios mora e trabalha no local. Lopes se encarrega apenas de conseguir as encomendas de costura enquanto outra pessoa se encarrega de gerir a oficina. No entanto, o comércio é a principal atividade a que se dedica Lopes há mais de 30 anos.

Do lado brasileiro, a atividade dos paraguaios que enviam mercadorias ao seu país não é ilegal, do mesmo modo que em Ciudad del Este os sacoleiros brasileiros são parte constituinte da economia local através de mercados regulares. No Paraguai também existe uma imagem sobre contrabando associado ao comércio com o Brasil, mas nesse caso os produtos seriam outros. Conforme analisa Rabossi, a ideia de contrabando pressupõe a passagem pela fronteira e é a descrição de uma atividade a partir do ponto de vista de um dos territórios unidos por esta prática, pois, do outro lado da fronteira, as atividades ligadas às transações não necessariamente infringem regulamentações legais (2004, p.15). Em outra perspectiva, Rosana Pinheiro Machado (2008), refletindo sobre as categorias de formal, informal, ilegal e ilícito na rota China, Paraguai e Brasil argumenta que as mercadorias em sua vida social¹⁰ mudam constantemente de status, na medida em que circulam e trocam de mãos, e, dependendo de onde e como circulam, ora são legais ora são ilegais. É de acordo com o espaço por onde elas circulam que recaem as regulações e as formas de controle¹¹.

Circulações migratórias: conexões libanesas e chinesas

A Ponte da Amizade também foi caminho para diferentes fluxos migratórios que posteriormente viriam a se estabelecer em São Paulo. Além dos paraguaios, durante certo período entre os anos 1970 e 1980, a migração de sul-coreanos, de chineses e, em menor medida, de bolivianos também passava por lá. No sentido contrário, migrantes libaneses e chineses partiram de São Paulo para se estabelecer em Ciudad del Este, assim como é comum brasileiros de Foz do Iguaçu trabalharem no comércio do outro lado da fronteira. Apesar de ser a segunda maior do Paraguai, Ciudad del Este é uma cidade relativamente recente, constituída basicamente de migrantes transnacionais e principalmente internos. A sua formação como polo comercial não deriva apenas das diferenças entre as políticas econômicas implementadas nos dois lados da fronteira, mas também de pessoas que ocuparam e constituíram este lugar caracterizado pelo comércio fronteiriço.

Em especial, dois grupos de migrantes marcaram o seu desenvolvimento e têm presença bastante expressiva na cidade paraguaia: chineses e libaneses¹². Também estavam na cidade de Foz do Iguaçu, na medida em que muitos estabeleceram comércio no lado paraguaio, mas muitas vezes residiam do lado brasileiro, quando não desenvolviam atividades comerciais em ambos os lados

(RABOSSI, 2007). Sem o intuito de discutir a migração libanesa e a chinesa em si, traçamos aqui alguns indícios de sua importância nesse circuito comercial. Para além dos sacoleiros, essas dinâmicas migratórias colocaram Ciudad del Este em contato com São Paulo desde a sua formação, além de relacioná-la a outros espaços do globo.

Os migrantes libaneses se estabeleceram no comércio do centro de São Paulo desde o final do século XIX, particularmente na rua 25 de março. Quando houve a retificação e canalização do rio Tamanduateí no final do século XIX, ocuparam a área aterrada situada às margens do rio com armazéns, lojas de armarinho e de tecidos (OLIVEIRA, 2010). Foram atores importantes na formação da indústria têxtil e de confecções em São Paulo, juntamente com os judeus, constituindo muitas fábricas também na região do Brás (KONTIC, 2001). Através de vendas consignadas e do fornecimento de mercadorias a crédito por aqueles já estabelecidos na produção em São Paulo e no comércio atacadista do centro da cidade, os libaneses recém-chegados percorriam longas distâncias vendendo de porta em porta na periferia, no interior do estado, em Minas Gerais, no Paraná; e através da atuação como mascates abasteciam os comerciantes das localidades por onde passavam (OLIVEIRA, 2010).

De modo que isto também garantia aos seus patrícios que forneciam as mercadorias a crédito uma ampla circulação para seus produtos. Esses foram elementos importantes de seu estabelecimento tanto na indústria têxtil e de confecções como no comércio atacadista no centro de São Paulo. A dedicação ao comércio tão recorrente e característica entre os migrantes libaneses no Brasil, em grande medida se deve a este tipo de agenciamento no fornecimento de mercadorias a crédito e à atividade comercial como mascates (TRUZZI, 1992).

Como destaca Rabossi, foi justamente como mascates que os libaneses chegaram a Foz do Iguaçu na década de 1960 e ali se estabeleceram tendo em perspectiva o comércio fronteiriço com o Paraguai; nas palavras do autor, naquela época um *“mercado virgem para os produtos brasileiros”* (2007, p. 292). Eram migrantes que já haviam morado em São Paulo ou em outras cidades do sudoeste e ainda aqueles acabados de chegar do Líbano, que se instalaram em Foz do Iguaçu distribuindo artigos de confecção e tecidos produzidos na capital paulista.

De acordo com o mesmo autor, em muitas cidades de fronteira da América Latina, migrantes árabes se estabeleceram tendo em vista as oportunidades ligadas ao comércio; no caso de Foz do Iguaçu e Ciudad del Este o diferencial foi que estas oportunidades eram ligadas tanto à venda de produtos brasileiros como de artigos importados. O seu estabelecimento do outro lado da fronteira, em Ciudad del Este, a partir da inauguração da ponte, estaria diretamente relacionado aos incentivos do regime Stroessner para o comércio baseado na importação de artigos estrangeiros para reexportação (RABOSSI, 2007, p. 297).

A partir das casas de importação em Ciudad del Este vai se marcar outra forma de inserção econômica dos migrantes libaneses, de modo que diferentes

fluxos comerciais passaram a se interconectar a partir desses espaços. Houve outra geração de migrantes libaneses que se direcionou para Foz do Iguaçu e Ciudad del Este entre 1973 e 1992 em função da guerra civil no Líbano (ARRUDA, 2007), mas que também vieram para São Paulo se apoiando nas redes de acolhida dos libaneses que já se encontravam na cidade anteriormente (BUENO e KHOURY, 2008). Se no princípio o comércio de vestuário e tecidos produzidos no Brasil era um marco da atuação dos migrantes libaneses, a partir de Ciudad del Este a importação e o comércio de artigos eletroeletrônicos e de informática vão ganhar destaque. Nos shoppings nas proximidades da Ponte da Amizade no lado paraguaio que comercializam este tipo de produtos é muito recorrente os proprietários terem origem árabe e empregarem vendedores brasileiros ou paraguaios que falam português.

Em relação à migração chinesa¹³, houve uma diáspora posterior à revolução comunista em 1949 quando se dispersaram por diversos países na América Latina, incluindo Paraguai e Brasil. Por ocasião da revolução comunista na China, a oposição nacionalista refugiou-se na ilha de Taiwan e de lá manteve o governo como República da China, em contraposição ao governo comunista da República Popular da China. Até hoje Taiwan é considerada uma província rebelde pelo governo chinês que não reconhece a sua autonomia. Para o governo chinês, Taiwan continua como parte do seu território de acordo com o princípio de *“um país, dois sistemas”*, ou seja, faz parte da China apesar do sistema político diferente, a exemplo de Hong Kong e Macau.

A “questão de Taiwan” teve implicações em como se deu a migração chinesa entre o Brasil e o Paraguai. No período entre a revolução e abertura econômica chinesa em 1979, a migração a partir da China continental estava proibida pelo governo comunista. Desse modo, os chineses que migravam ou eram provenientes de Taiwan, Hong Kong e Macau, ou passavam por estes lugares antes de conseguirem chegar ao Brasil¹⁴ ou ao Paraguai. No plano diplomático, depois da revolução comunista, o Brasil havia rompido relações com Pequim e passado a reconhecer o governo de Taiwan como representante da China a partir de 1952. Esta situação perdurou até 1974 quando o governo brasileiro, seguindo as resoluções da ONU, reestabeleceu a diplomacia com a República Popular da China e, em consequência de exigência do governo chinês de Pequim, rompeu vínculo com o governo de Taiwan.

Ao mesmo tempo, o governo paraguaio desde 1957 reconhece a autonomia de Taiwan enquanto nação independente e é um dos poucos países que não mantém relações diplomáticas com o governo da China Continental. O governo de Stroessner estabeleceu relações estreitas com Taiwan que tem um grande peso nas relações diplomáticas do Paraguai. Isso a tal ponto que em Ciudad del Este uma das principais praças ostenta uma estátua de Chiang Kai-shek, principal liderança nacionalista chinesa que comandou o governo de Taiwan. Além do aspecto político, Taiwan também exerce uma grande influência econômica sobre o Paraguai.

Essas diferenças exerceram grande peso na orientação dos fluxos migratórios de chineses entre Brasil e Paraguai, pois ao mesmo tempo em que os diferenciava, também criava uma relação entre eles. Em Ciudad del Este, conforme argumenta Rosana Pinheiro Machado (2010), os aspectos diplomáticos da “questão de Taiwan” teriam favorecido as relações associativas entre os migrantes vindos de Taiwan e houve certa ‘taiwanização’ dos migrantes da China continental, nos termos da autora. No Brasil, ocorreu justamente o contrário, foram os migrantes da China continental que passaram a contar com maiores facilidades em termos de serviços consulares, também são eles que apresentam maior preponderância nas associações culturais.

O elemento central que se ressalta é que, enquanto em Ciudad del Este os migrantes chineses contavam com incentivos fiscais e as relações diplomáticas entre Taiwan e Paraguai favoreciam o comércio exterior, os migrantes chineses de São Paulo estavam justamente em um contexto de restrição às importações, pelo menos até a abertura econômica brasileira no princípio dos anos 1990. No entanto, estabeleciam o contato com o circuito comercial da fronteira por meio dos sacoleiros. Assim, na origem dos circuitos comerciais que ligam os mercados populares do centro de São Paulo à China, passando por Ciudad del Este, havia uma interconexão com os migrantes chineses que se estabeleceram no Paraguai. Quem fazia a importação estaria radicado no país vizinho, e teria sido em meados dos anos 1970 que os primeiros migrantes chineses se instalaram em galerias comerciais da rua 25 de março, trabalhando na distribuição dos artigos produzidos a princípio em Taiwan ou Hong Kong, que chegavam via Paraguai.

Essas regiões compunham, na época, os tigres asiáticos, que recebiam massivos investimentos da Europa e, principalmente, dos Estados Unidos para se desenvolverem como plataformas de exportação e assim formarem um cordão de isolamento contra o avanço do comunismo na Ásia. Também estiveram entre os tigres asiáticos a Coreia do Sul e o Japão, que no princípio de sua industrialização também empregaram largamente as cópias e falsificações como estratégia de produção. Posteriormente, com a política das *zonas econômicas especiais* e o processo de abertura econômica em 1979, a China assumiu um papel de destaque na produção dos mais diversos tipos de mercadorias (PINHEIRO MACHADO, 2009). Tanto o governo de Taiwan como o governo da China pós-abertura estabeleceram políticas de reaproximação com seus migrantes no exterior através de associações culturais, tendo em vista a promoção de sua produção industrial e exportações (XIANG, 2007).

Ao se andar pelas ruas do centro comercial de Ciudad del Este, as marcas da influência árabe e chinesa são múltiplas e variadas. Estão lado a lado os restaurantes árabes e chineses frequentados por seus conterrâneos e as suas lojas nos shoppings visitadas pelos turistas brasileiros. A migração chinesa e libanesa é parte constitutiva das dinâmicas comerciais de Ciudad del Este, e se desenvolveu em uma relação estreita com seus conterrâneos radicados no centro de São Paulo.

Auge e declínio do circuito dos sacoleiros em Ciudad del Este

No final dos anos 1980 já eram bastante comuns produtos originários de Taiwan e da China distribuídos nas ruas e nos centros de comércio popular. Em grande medida, esses produtos chegavam a diversos lugares do Brasil através de sacoleiros que organizavam excursões com centenas de ônibus para se abastecer em Ciudad del Este. Produtos os mais variados a preços baixos, amplamente difundidos por vendedores ambulantes, lojinhas, entre outros. Pouco a pouco, a partir disso, a expressão “do Paraguai” passou a ser usada como sinônimo de contrabando, falsificação, pirataria, baixa qualidade, mercadoria barata. Mesmo em situações que em nada remetem ao fluxo comercial em questão, frequentemente “do Paraguai” ou “paraguaio” assume uma conotação pejorativa quanto à qualidade e originalidade. No entanto, a dinâmica que em larga medida serviu de suporte na construção desse tipo de estereótipo vem se alterando gradativamente ao longo dos últimos vinte anos. A partir da abertura econômica do Brasil diversos fatores têm contribuído para seu decréscimo.

A paraguaia Solange, 47 anos, trabalhou no circuito entre Ciudad del Este e São Paulo como sacoleira ao longo de todo este período, acompanhando seu auge e declínio. Porém, diferentemente da maioria dos sacoleiros, ela trabalhava nos dois sentidos, levando e trazendo mercadorias entre São Paulo, Ciudad del Este e Assunção. Em 1986, aos 19 anos de idade migrou para São Paulo, atuava como costureira na oficina de uma prima casada com um coreano. Solange já tinha experiência profissional no setor desde os 15 anos, por isso sua prima foi buscá-la no Paraguai. Durante quatro anos ela trabalhou e morou em duas diferentes oficinas de costura: na primeira, com a sua prima e, em uma segunda, de propriedade de um coreano, na qual era a responsável pela oficina. No início de 1990, engravidou e regressou à sua cidade natal, capital do Paraguai.

Depois do nascimento do seu filho, não voltou a trabalhar com costura e nem mesmo a morar no Brasil. Em 1992, Solange começou a trabalhar como sacoleira, no princípio trazendo artigos eletrônicos e brinquedos para comerciantes na famosa Galeria Pagé, conjunto de dois prédios localizado nos arredores da rua 25 de março, em São Paulo, conhecida desde os anos 1970 pela distribuição de artigos importados. Naquela época, enquanto seu filho ficava com a avó em Assunção, ela vivia grande parte do tempo na estrada. Passou a aproveitar as viagens de volta para levar mercadorias no sentido contrário, de acordo com as encomendas de comerciantes de Assunção. Até mesmo para a Argentina ela viajava em busca de mercadorias para seus clientes.

Tem gente que pergunta: ué, a gente está trazendo do Paraguai, vocês estão levando daqui?! Mas o que a gente leva não é eletrônica, são estas velas que eu falo, sapatilha para dança, muita coisa, roupa, fita, tinta, cestas para máquina de lavar, coisa de cozinha, de fogão. Muitas outras

coisas que não temos no Paraguai, então a gente é obrigado a levar daqui pra lá. Em termos de eletrônicas, trazemos tudo de lá. (...) Então era tipo um intercâmbio, comprava roupa aqui no Brás e levava para Assunção e de lá de Ciudad del Este eu trazia eletrônica. Eu viajava para a Argentina e trazia roupa também, porque roupa Argentina se vende muito no Paraguai. Fiquei nesta daí já vai fazer 25 anos.

Solange não trabalhava com recursos próprios, os comerciantes da região da 25 de março lhe forneciam o dinheiro e ela recebia uma comissão por cada mercadoria que conseguisse trazer. Estes comerciantes também pagavam sua hospedagem em São Paulo em um hotel da Av. Rio Branco. Nas proximidades deste hotel, até hoje duas linhas de ônibus regulares das empresas paraguaias *Sol del Paraguay* e *NSA* têm partidas diárias para Assunção. Através delas, muitas mercadorias brasileiras são enviadas ao Paraguai.

De acordo com Solange, nos últimos anos trazer mercadorias de Ciudad del Este tem ficado cada vez mais difícil. Ela continua levando mercadorias para o Paraguai e não mais o contrário. Vários fatores têm contribuído para o decréscimo do circuito dos sacoleiros a partir da Ponte da Amizade. Muitas casas de importação foram abertas no centro de São Paulo em meados da década de 1990, sendo que em alguns casos migrantes libaneses e chineses se transferiram para a cidade. De fato, a migração chinesa para a cidade cresceu bastante nos últimos anos. As galerias de comércio atacadista no centro se multiplicaram e excursões de sacoleiros que antes se direcionavam para o Paraguai agora se encaminham para a capital paulista (FREIRE DA SILVA, 2014).

Tanto os estudos de Fernando Rabossi (2004, 2012) como de Rosana Pinheiro Machado (2009) apontam para um declínio progressivo no circuito dos sacoleiros em Ciudad del Este. De acordo com Rabossi (2012), tomando como parâmetro o fluxo de ônibus para Foz do Iguaçu, o turismo de sacoleiros em direção ao Paraguai teve seu auge entre 1994 e 1995, desde então tem acompanhado um decréscimo ano após ano. O autor aponta algumas razões para esta diminuição, como o acordo regional do Mercosul e a redução das taxas para importação em 1995. Ao mesmo tempo, em São Paulo houve uma mudança de escala nestes fluxos comerciais e a cidade vem assumindo centralidade nesta dinâmica, a ponto de alguns locais conhecidos como “feira do Paraguai” em Brasília e Caruaru, por exemplo, serem abastecidos atualmente em São Paulo (RABOSSI, 2012, p. 65). Hoje, as mercadorias chegam diretamente através dos Portos de Santos, Paranaguá e Rio de Janeiro e são distribuídas no centro da capital paulista sem passar por Ciudad del Este.

Não se trata de dizer que o circuito de sacoleiros para Ciudad del Este não permanece. Ainda existem excursões que se dirigem para lá regularmente, com pessoas em busca de mercadorias, sobretudo artigos de informática e eletrônicos. Das imediações da Rua 25 de março, ainda sai um ônibus para Foz do Iguaçu

todos os dias da empresa TransMuleke, conhecido pelos migrantes paraguaios como o ônibus dos sacoleiros. Porém, o fluxo de ônibus que partem atualmente em direção ao Paraguai é bem menor. De acordo com Solange, antigamente formavam-se comboios de até cem partindo em conjunto para evitar assaltos e minimizar os riscos de fiscalização. O controle sobre o fluxo de ônibus para Foz do Iguaçu atualmente é bem maior, principalmente sobre os ônibus fretados, o que também contribuiu para a diminuição do circuito dos sacoleiros.

Conclusão

As imagens que se tem no Brasil sobre o Paraguai foram, em grande medida, construídas a partir de representações sobre a dinâmica comercial de Ciudad del Este. Em especial, a repercussão midiática da atividade dos sacoleiros contribuiu para que se criasse a associação entre “do Paraguai” e “paraguaio” a contrabando, falsificação, baixa qualidade. Trata-se de uma representação extremamente naturalizada e banalizada no Brasil, à qual os migrantes paraguaios estão sujeitos e que impede uma percepção mais ampla sobre sua cultura e história por parte dos brasileiros. Com estes estereótipos, tomam-se alguns elementos muito específicos e historicamente situados para uma caracterização ampla e distorcida sobre um país e sua população.

Ao analisarmos o processo de formação destas dinâmicas comerciais, vemos os múltiplos aspectos que concorrem em seu desenvolvimento. Ciudad del Este e São Paulo têm uma ligação histórica na constituição destes fluxos comerciais. No entanto, os preconceitos associados ao comércio fronteiriço impedem a percepção dos fluxos que se dão no sentido contrário desde o início da formação de Ciudad del Este: quer através dos libaneses que chegaram à cidade para vender artigos de vestuário provenientes da cidade de São Paulo, quer dos próprios paraguaios que ainda hoje buscam mercadorias na região central desta cidade para enviar ao Paraguai. Da mesma forma, obscurece como esta dinâmica tem sofrido profundas alterações ao longo dos últimos vinte anos e o lugar de centralidade que a cidade de São Paulo vem assumindo nestes circuitos comerciais.

Contrabando e falsificação são formas de caracterizar disputas econômicas e comerciais que estão ligadas com a própria massificação do consumo e à globalização dos processos econômicos. Tomá-las como características da atuação de um grupo particular de acordo com a sua origem – seja de paraguaios, libaneses, chineses ou brasileiros – é um erro que justamente obscurece o âmbito das disputas de mercado nas quais estas categorias são construídas.

Notas

1 - O link abaixo traz um registro oficial em vídeo sobre a inauguração da Ponte da Amizade, nele se esboça o turismo de elite direcionado às cataratas do Iguaçu naquele período, às atividades econômicas da região, bem como o aperto de mãos entre os governantes militares dos dois países, Alfredo Stroessner e Castelo Branco, em plena Ponte da Amizade, e os detalhes sobre a construção da mesma. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VnyWeEVzg7U>>.

2 - Para maiores informações, ver o site: <<http://paraguaiteete.wordpress.com/>>. Acesso em: 30 jun. 2014.

3 - Há outras cidades no Brasil que tiveram sua economia dinamizada pelo comércio fronteiriço: Brasileira, no Acre, faz fronteira com a zona franca de Cobija, Bolívia, muitos brasileiros do norte do país vão à capital do Departamento de Pando para se abastecerem de bebidas, perfumes, eletrodomésticos, etc; Corumbá, no Mato Grosso, e Pueto Quijarro, também na Bolívia; no estado do Paraná, Guaíra e Salto del Guairá no Paraguai... Em função do comércio fronteiriço o estabelecimento de *Free Shops* em cidades gêmeas de fronteira tem se multiplicado nos últimos anos. Não apenas no Brasil, em diversos lugares no mundo o comércio baseado em vantagens diferenciais entre fronteiras é um fenômeno recorrente.

4 - As duas sessões seguintes do texto foram em parte baseadas em minha tese de doutorado, tendo sido trabalhadas mais detalhadamente em Freire da Silva (2014).

5 - Fonte: Gobernación del Alto Paraná, Paraguay. Disponível em: <<http://web.altoparana.gov.py/v1/cde.html>>. Acesso em: 7 jul. 2014.

6 - Ver: “O Estado de São Paulo” – *O presidente Vargas recebe no Paraguai as maiores homenagens* (03/08/1941).

7 - Trata-se do valor máximo de mercadorias que podem ser trazidas sem a necessidade de declaração e pagamento de imposto.

8 - Em outro artigo Fernando Rabossi (2008) desenvolve uma análise acerca dos produtores de sulanca de Pernambuco que comercializam seus produtos em Ciudad del Este.

9 - Os nomes utilizados para os entrevistados são fictícios.

10 - Por vida social de uma mercadoria, entende-se todo o processo que envolve a ação humana na confecção e distribuição de uma mercadoria. Isto é, do trabalho envolvido para a produção propriamente às leis e ações que regulamentam a situação de determinada mercadoria em um território. Ver: Appadurai (2004).

11 - Ressalta-se ainda que apesar dessa dinâmica ser popularmente conhecida como contrabando, em termos jurídicos trata-se do descaminho, que consiste em importar um produto sem o recolhimento devido do imposto total ou parcial, enquanto o contrabando seria a importação de produtos proibidos, descritos como ilegais.

12 - Migrantes sírios, em larga medida, também ocuparam os mesmos nichos econômicos e territórios nos quais estão presentes os libaneses, no entanto, não foram tão numerosos quanto os últimos. A literatura utilizada como referência aqui trata, sobretudo, dos libaneses.

13 - A migração chinesa para o Brasil tem mais de 200 anos, sendo o primeiro grupo de migrantes asiáticos a terem desembarcado no país em 1810, na cidade do Rio de Janeiro para trabalhar nas plantações de chá. Ainda na segunda metade do século XIX, houve outra leva de migrantes chineses cuja vinda foi acordada pelos governos de ambos os países. No entanto, os fluxos mais significativos começaram na década de 1930, em função da guerra entre China e Japão (1931-1945), e principalmente a partir de 1949 com a revolução comunista. Para um estudo detalhado sobre os primeiros migrantes chineses no Brasil até períodos mais recentes, ver Shu Chang-Sheng (2012), José Roberto Teixeira Leite (1999), Marcos de Araújo Silva (2008), Daniel Bicudo Vêras (2008) e Douglas Toledo Piza (2012).

14 - Algo bem documentado por Shu Chang-Sheng (2012) ao ilustrar com relatos de migrantes qintianeses (província de Zhejiang, China) a dificuldade em se conseguir um visto para o Brasil naquela época.

Referências

- APPADURAI, Ajurn. Introduction: commodities and the politics of value. In: APPADURAI, Ajurn. *The social life of things: commodities in cultural perspective*. Cambridge, Cambridge Univesity Press, 2004, p. 3-63.
- ARRUDA, Aline Maria Thomé. *A presença libanesa em Foz do Iguaçu (Brasil) e Ciudad del Este (Paraguai)*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília. Brasília, 2007.
- BUENO, Marielys Siqueira; KHOURY, Dolly. *Redes de acolhimento para a imigração libanesa em São Paulo*. Anais do XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais. Caxambu, 2008.
- CHANG-SHENG, Shu. *Rio de Janeiro recebeu os primeiros imigrantes chineses*. Disponível em: <<http://oestrangeiro.org/2012/04/12/chineses-no-rio-de-janeiro/>>. Acesso em: 10 fev. 2014.
- FREIRE DA SILVA, Carlos. *Das calçadas às galerias: mercados populares no centro do Centro de São Paulo*. Tese (doutorado em sociologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.
- KONTIC, Branislav. *Aprendizado e metrópole: a reestruturação produtiva da indústria do vestuário em São Paulo*. Dissertação (mestrado em sociologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001.
- LEITE, José Roberto Teixeira. *A China no Brasil: influências, marcas, ecos e sobrevivências chinesas*. Campinas, Ed. Unicamp, 1999.
- MENEZES, Alfredo da Mota. *A herança de Stroessner: Brasil e Paraguai 1955-1980*. Campinas: Papyrus, 1987.
- OLIVEIRA, Lineu Francisco de. *Mascates e sacoleiros: empreendedores que construíram uma região – Rua 25 de março desde 1865 fazendo história*. São Paulo: Scortecci, 2010.
- PALAU, Tomás. El marco expulsivo de la migración paraguaya. Migración interna y migración externa. In: HALPERN, Gerardo (org.). *Migrantes: perspectivas (críticas) en torno a los procesos migratorios del Paraguay*. Assunção: Ápe Paraguay, 2011.
- PINHEIRO-MACHADO, Rosana. “China-Paraguai-Brasil: uma rota para pensar a economia informal”. *Revista brasileira de ciências sociais*, v. 23, n. 67, p. 117-133, 2008.
- PINHEIRO-MACHADO, Rosana. *Made in China: produção e circulação de mercadorias no circuito China-Paraguai-Brasil*. Tese de doutorado, UFRGS, Porto Alegre, 2009.
- PINHEIRO-MACHADO, Rosana. Uma ou duas Chinas? A “questão de Taiwan” sob o ponto de vista de uma comunidade chinesa ultramar (Ciudad del Este, Paraguai). In: *Civitas*, v. 10, n. 3, p. 468-489, 2010.
- PIZA, Douglas Toledo. *Um pouco da mundialização contada a partir da região da rua 25 de Março: migrantes chineses e comércio “informal”*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.
- RABOSSI, Fernando. *Nas ruas de Ciudad del Este: vidas e vendas num mercado de fronteira*. Tese de doutorado. Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.

- RABOSSI, Fernando. Árabes e muçulmanos em Foz do Iguaçu e Ciudad del Este: notas para uma re-interpretação. In: SEYFERTH, G; PÓVOA, H; ZANINI, M. C.; SANTOS, M.. (Orgs.). *Mundos em Movimento: Ensaio sobre migrações*. Santa Maria: Editora da Universidade Federal de Santa Maria, 2007, p. 287-312.
- RABOSSI, Fernando. En la ruta de las confecciones. Crítica en Desarrollo. In: *Revista Latino Americana de Ciencias Sociales*, v. 2, p. 151-171, 2008.
- RABOSSI, Fernando. Ciudad del Este and Brazilian circuits of commercial distribution. In: MATHEWS, Gordon; RIBEIRO, Gustavo Lins and VEGA, Carlos Alba (Eds). *Globalization from Below: The world's other economy*. New York: Routledge, v. 1, p. 54-68, 2012.
- SILVA, Marcos de Araújo. *Guanxi nos trópicos: um estudo sobre a diáspora chinesa em Pernambuco*. Dissertação de mestrado, Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 2008.
- SILVA, Ronaldo Alexandre do Amaral e. *Brasil-Paraguai - marcos da política pragmática na reaproximação bilateral, 1954-1973: um estudo de caso sobre o papel de Stroessner e a importância de Itaipu*. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais), Universidade de Brasília, Brasília, 2006.
- TRUZZI, Oswaldo. *De mascates a doutores: sírios e libaneses em São Paulo*. São Paulo, Idesp/Sumaré, 1992.
- VERÁS, Daniel Bicudo. *As diásporas chinesas e o Brasil: a comunidade sino-brasileira em São Paulo*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), PUC, São Paulo, 2008.
- XIANG, Biao. A new mobility regime in the making: what does a mobile China mean to the world? In: *Idées pour le débat*, n. 10, p. 1-19, 2007.

RESUMO

A dinâmica comercial de Ciudad del Este é base para muitas representações sobre o Paraguai no Brasil. São imagens pejorativas que associam “do Paraguai” e “paraguaio” a “contrabando” e “falsificação” e pouco informam sobre o próprio desenvolvimento do comércio fronteiriço. Neste artigo, buscamos problematizar estas representações analisando como se deu a formação da dinâmica comercial a partir da reaproximação diplomática entre os dois países, do turismo de sacoleiros e dos fluxos migratórios que ligam Ciudad del Este e São Paulo.

Palavras-chave: comércio fronteiriço; sacoleiros; Ciudad del Este.

ABSTRACT

The commercial dynamics of Ciudad del Este is the basis for many representations of Paraguay in Brazil. These are pejorative images that associate “from Paraguay” and “Paraguayan” with “smuggling” and “fake” and tell nothing about the development of border trade. In this article, we seek to discuss these representations analyzing the development of the trade dynamics from the diplomatic rapprochement between the two countries, the “sacoleiros” tourism and the migratory flows linking Ciudad del Este and São Paulo.

Keywords: border trade; “sacoleiros”; Ciudad del Este.



Foto: Porfirio Leonor Ramírez

Adoração de migrantes paraguaios à Virgem de *Caacupé* na Igreja Nossa Senhora da Paz, no centro de São Paulo, 8 de dezembro de 2013.

Caacupé

Trajетórias de organizações de paraguaios em São Paulo

*Porfirio Leonor Ramírez**

No domingo de 8 dezembro de 2013, comemorou-se na região central da cidade de São Paulo o dia da Padroeira dos paraguaios, a Virgem de *Caacupé*, na Igreja Nossa Senhora da Paz, ou Igreja dos Imigrantes como é comumente conhecida. O evento reuniu mais de duas mil pessoas, na sua maioria de nacionalidade paraguaia.

* Graduado em Relações Internacionais pela UNIP; ex-costureiro e co-fundador da Associação *Japayke* e do Grupo de Danças *Acuarela Paraguaya*; trabalha no Consulado da Venezuela em São Paulo.

Conta a lenda que a *Virgencita Índia de Caacupé* foi promessa de um nativo guarani que estava no mato à procura de alimentos e ficou perdido, quando percebeu que se aproximava um grupo de outra tribo que não aceitava ser evangelizado pelos jesuítas e considerava traiçoeiro aquele que o fazia. O nativo evangelizado, de nome José, fez um pedido à Virgem Imaculada para que o protegesse. No mesmo instante, ela aparece e diz em guarani “*ka’aguy kupepe*”, que traduzido seria “atrás das ervas”, em alusão à erva mate que serve de remédios medicinais. A frase em guarani também pode ser entendida como “atrás do mato”¹. José conseguiu ficar sem ser percebido detrás de um grande tronco. A salvo, ele prometeu que talharia duas imagens da Santa, e assim o fez. Uma foi levada para a Igreja de Tobati, centro da tribo onde os jesuítas cristianizavam os nativos e outra, de menor tamanho, ficou com ele para devoção pessoal. A cidade de Tobati dista 74 quilômetros de Assunção, a capital do Paraguai.

A Basílica da Virgem de *Caacupé* foi construída com o mesmo nome da Santa. Está na capital do departamento de Cordillera, que tem 282.981 habitantes², segundo a *Dirección General de Estadística, Encuestas y Censos – DGEEC*, localizada a 50 quilômetros de Assunção. A cidade é o centro religioso do Paraguai. No mês de dezembro, pátria e igreja se encontram na cidade, traço que ao longo da história paraguaia fez parte do processo de formação da nacionalidade. A quantidade de fiéis em 2013 ultrapassou os 2,5 milhões de pessoas, segundo o jornal paraguaio Última Hora³.

A mais de mil e quinhentos quilômetros, na cidade de São Paulo, os devotos paraguaios comemoram este dia com uma missa de ação de graças. Em seguida, um festival de danças tradicionais, grupos musicais ao vivo com instrumentos típicos, como a harpa e o violão, ao ritmo de polcas e guarânias. O domingo de 8 de dezembro de 2013 foi o dia em que o povo vibrou até o final da tarde. A Missa de Ação de Graças e o Festival em homenagem à Santa são organizados pela “Colectividad Paraguaya en São Paulo” ou “Comunidad Paraguaya en São Paulo”, grupo formado por paraguaios radicados há muito tempo no Brasil. São pessoas ligadas à igreja, que realizam um trabalho social e religioso junto à Pastoral do Imigrante, hoje denominada Missão Paz.

A missa terminou por volta de uma hora da tarde. A sede da Igreja estava repleta de pessoas. Do lado de fora foi montada uma tenda gigante, com palco, mesas e cadeiras, além das barracas de comidas típicas, bebidas e artesanatos do Paraguai. Com som alto começa a polca da Virgem de *Caacupé*, que sai da igreja nos ombros de seus fiéis e é levada à frente do palco onde aconteceriam as apresentações. O público presente acompanhou com aplausos, devoção, emoção, alegria e assobios a chegada da Santa, cantando a popular polca paraguaia:

Ya la caravana...de los promeseros...

Asciende la loma...de Caacupé

Campanas de bronce...tocando oraciones

Llaman a los fieles,

*Con un canto dulce para el “ñembo’e” [oração em guarani]*⁴.

O cheiro das comidas típicas indicava a culinária paraguaia: *sopa paraguaia*, *sopa so'o* (com carne), *chipaguazú*, *chipa*, *empanadas*⁵ de vários sabores, churrasco com mandioca e bebidas. Não havia apenas refrigerante e cerveja, também o *Tereré* estava presente, companheiro dos paraguaios em qualquer lugar do mundo.

A primeira apresentação da tarde foi do Grupo Folclórico Alma Guarani, que levantou o público presente com suas tradicionais danças e encantou com toda a sua elegância. Alma Guarani, como são conhecidos, é formado por paraguaios e descendentes, possui uma trajetória de mais de vinte anos de apresentações, sempre levando o nome do país no mais alto, nos mais importantes festivais de cultura de São Paulo.

Em seguida, apresentou-se o *Grupo de Danzas Acuarela Paraguaya*, este em seu segundo ano como grupo. As pessoas mantinham o olhar fixo no palco; começaram com uma polca, e logo outra para garantir o aplauso do público e fortalecer o grupo, que desta vez reunia quatro vezes mais integrantes que no ano anterior. O *Acuarela Paraguaya* é formado majoritariamente por migrantes paraguaios chegados recentemente à cidade, sobretudo após 2010.

Ambos os grupos ofereceram uma tarde de danças com suas vestimentas típicas e coloridas, pés desnudos das dançarinas frente ao olhar apaixonado de seus respectivos companheiros, com sorrisos que pareciam estar conectados aos aplausos e gritos de “viva” do público presente. Contribuíram com a missão de divulgação cultural do Paraguai, cada um deles interpretando e expressando de diversas maneiras a cultura e história do país. A tarde cultural culminou com a apresentação de uma bela harpista que enfeitiçaria o público presente, não só com sua beleza, mas com a delicadeza com que ela executava a harpa, ao som de temas de identidade paraguaia. A festa foi chegando ao fim com a seleção de polcas tocadas ao vivo pelo grupo musical, que levou a todos os presentes a cair no baile popular.

Naquele domingo de dezembro, quando a temperatura chegava aos 35º graus na capital paulista, o público nem parecia preocupado com o calor. Chamava atenção a quantidade de pessoas reunidas naquele lugar, a maior aglutinação de nacionais paraguaios em São Paulo, com a presença de mais de duas mil pessoas. Este foi um dia memorável para muitos paraguaios, para os organizadores, para os grupos e para todas as pessoas que presenciaram o dia da Santa. Esta foi a primeira vez que tantos compatriotas se reuniram num mesmo lugar em São Paulo, vindos de diversos bairros da capital paulista e outras cidades.

Em meio a tantos paraguaios, eu estava presente. Imigrei para São Paulo em 2004. Trabalhei como costureiro durante seis anos, em oficinas de coreanos, peruanos, bolivianos, chilenos, brasileiros e paraguaios. Ajudei a fundar a Associação *Japayke* e o Grupo de Danças *Acuarela Paraguaya*. Em 2013, graduei-me em Relações Internacionais pela UNIP em São Paulo e atualmente sou funcionário do Consulado da República Bolivariana da Venezuela em São Paulo. Para este artigo, além das informações que relato como participante direto, foram realizadas entrevistas com outros paraguaios para subsidiar as informações apresentadas.

Considerações gerais sobre a história e o associativismo dos migrantes paraguaios em São Paulo

As pessoas naturais de um país, quando migram para outro, seja ele vizinho ou em outro continente, se associam, se organizam, se agrupam em torno de uma identidade comum para reivindicar direitos e, também para a manifestação de suas expressões culturais. A partir disso, iremos debater as diversas organizações de paraguaios na capital paulista.

As associações se fazem necessárias para qualquer comunidade que esteja fora de seu país de origem. Os motivos podem ser diversos, como um problema ou uma necessidade em comum da comunidade. Nesses casos, as associações podem atuar mediando e procurando uma solução, ou, no caso trabalhista, reivindicando direitos e melhorias para os trabalhadores. Apenas de forma organizada, o Estado, que gere as políticas do país de destino, os recebe para escutá-los. Isto não é diferente para os paraguaios em São Paulo, onde existem associações atuando em diferentes frentes. Muitas vezes, elas não conseguem dialogar entre si para reivindicar uma necessidade maior da Comunidade em seu conjunto, de modo a aumentar as chances de o Estado brasileiro, em todas suas esferas, acatar suas demandas.

Podemos pensar a migração paraguaia para São Paulo em três momentos diferentes: o primeiro, durante a longa ditadura de Alfredo Stroessner (1954-1989), marcado pela vinda de profissionais qualificados, artistas e os perseguidos que fugiram procurando um novo horizonte no Brasil, mais especificamente na cidade de São Paulo, talvez porque Buenos Aires não fosse o melhor destino para aquele momento, levando em consideração a quantidade de paraguaios que lá moravam na década de 1970; o segundo momento refere-se à década de 1990, após a ditadura militar no Paraguai, quando seus cidadãos começaram a experimentar a democracia, inédita naquele país, e uma nova etapa de integração regional que foi o Mercado Comum do Sul – MERCOSUL; o terceiro acontece a partir da virada do século e se estende até a presente data, quando as crises na Argentina e na Espanha passaram a tornar São Paulo um destino mais atrativo aos paraguaios. Três momentos diferentes em que o Brasil recebeu imigrantes paraguaios que, por motivos diferentes, saíram de seu país para virem a São Paulo tentar a sorte.

Ditadura, repressão e migração

Os primeiros paraguaios que chegaram a São Paulo, fugindo da ditadura militar do país, não se importavam que a situação política por aqui não fosse muito diferente. São Paulo ainda seria melhor do que Buenos Aires, por exemplo,

onde a comunidade estava em alta, e era mais fácil ser reconhecido, no caso de ser militante político ou familiar de algum procurado pelo regime militar daquele país⁶. Os países sul-americanos trabalharam em conjunto na Operação Condor⁷ para a troca de informações, captura e troca de prisioneiros políticos, bem como perseguição e assassinato de inimigos políticos no exterior, muitas vezes no próprio exílio. Também chegaram profissionais para representar os interesses do regime: vieram através de representações diplomáticas, como representantes de empresas estatais, além de gerentes de algumas empresas dos donos do poder no Paraguai.

Além disso, nesta primeira migração existia o medo que causava o Estatuto do Estrangeiro de 1980. O documento promulgado na ditadura militar brasileira, vigente até os dias de hoje, proíbe a reunião ou organização de estrangeiros com caráter político, considerando tal prática como agressão ao Estado. O Estatuto foi formulado sob a égide da doutrina de segurança nacional, apoiada pelos Estados Unidos e aplicada pelos regimes ditatoriais que governavam a região, no contexto de Guerra Fria, em que estrangeiros podiam ser vistos como inimigos infiltrados no campo de luta entre os dois lados da cortina de ferro.

Neste cenário de desconfiança, a Comunidade em São Paulo encontrava-se na igreja, no campo de futebol ou no Consulado, quando o assunto era trâmite burocrático e não se estava em dívida com a justiça paraguaia. Para alguns veteranos⁸, o Campo de Marte, na zona norte da cidade, era um lugar especial para o encontro de paraguaios. Pelo exposto, nota-se que o perfil do paraguaio que veio nesse período era mais qualificado, alguns trabalhavam em empresas estatais ou privadas, outros deixaram o país por motivos políticos. O convite para jogar futebol entre paraguaios acontecia depois da missa, realizada na Pastoral dos Imigrantes, e no campo de futebol acontecia o inverso – o convite para frequentar a igreja.

Os encontros de futebol entre paraguaios eram realizados para a confraternização, para matar a saudade de beber um *tereré*, falar em guarani e compartilhar as últimas notícias do Paraguai. Informações eram trazidas por paraguaios que vinham fazer compras em São Paulo ou pelos jornais trazidos pelos motoristas das empresas que faziam o trajeto de Assunção à capital paulista.

A formação de algum comitê ou comissão entre os cidadãos se dava em situações como comemoração de festas pátrias, festas católicas⁹ ou datas importantes para o país. Também eram organizados torneios beneficentes para colaborar com algum paraguaio de escasso recurso que tivesse chegado a São Paulo ou que estivesse precisando de ajuda para solucionar algum problema familiar de emergência. Este tipo de colaboração para ajudar o próximo, organizada através de torneios de futebol ou de sorteios de prêmios doados é muito comum entre paraguaios.

Democracia, Integração Regional e Associativismo

O segundo período, ao longo dos anos 1990, parece ter sido marcado por pouca migração paraguaia para São Paulo. Este fluxo só teria crescido substancialmente na segunda metade dos anos 2000. Esta migração aconteceu num período em que o Paraguai estava vivenciando uma nova etapa, a abertura política que aconteceu depois da derrubada do Stroessner com um novo golpe militar em fevereiro de 1989, que na sequência chamaria eleições presidenciais. A abertura política deu a possibilidade aos paraguaios de participarem de eleições diretas e da definição de uma nova Carta Magna, em 1991. A democracia voltava à região. Neste cenário foi assinado o Tratado de Asunción que deu início ao Mercado Comum do Sul – Mercosul¹⁰ em 1991. A união aduaneira dos países da Bacia do Prata deu um maior dinamismo ao intercâmbio comercial entre os Estados parte e o trânsito de pessoas aumentou com as novas leis migratórias que facilitavam o ingresso de nacionais entre os países que compunham o bloco regional.

Em relação ao associativismo, a prática do esporte e a participação em atividades da Pastoral constituíam instâncias catalizadoras da organização de paraguaios na cidade. Assim como o esporte foi ferramenta que servia aos que idealizavam criar uma associação, as missas de domingo ajudavam a organizar a comunidade paraguaia.

A Pastoral do Imigrante colaborou para que a associação de paraguaios se concretizasse, sem deixar de pautar os aspectos relacionadas a seus interesses, como a organização das festas anuais da Virgem de *Caacupé*, além das pequenas atividades organizadas ao longo do ano, como novenas, para que mantivessem a aproximação desses migrantes à paróquia. Também vale destacar o trabalho social que a Pastoral desempenhou na recepção e acompanhamento de imigrantes perseguidos, fugitivos e aqueles que chegaram em busca de melhorar sua situação. No entanto, pode-se indagar sobre esta forma de aproximação com os migrantes e questionar a importância da auto-organização deles no sentido de se articularem para reivindicar direitos no país.

As características destas duas etapas da migração paraguaia em São Paulo são a organização através do esporte, com torneios de futebol em lugares mais frequentados pelos nacionais, as festas de independência e a comemoração da Virgem de *Caacupé*, em dezembro de todos os anos.

O surgimento de um grupo folclórico

Entre os fatores que dificultavam o associativismo, talvez um deles tenha a ver com a qualificação dos migrantes. Na primeira etapa eram profissionais de alto escalão, como doutores de clínicas famosas, contadores, banqueiros e representantes do regime. Então, os interesses eram outros. Por exemplo, a promoção cultural do país em suas datas pátrias e apoio com recursos para a

realização do dia da Virgem em cada final de ano. Foi neste período que surgiu o Grupo Folclórico Alma Guarani, que possui uma trajetória de mais de vinte anos, fundado nos anos 1990, a partir da necessidade da comunidade paraguaia fazer-se representar na Festa das Nações, promovida pela Pastoral do Imigrante. Um dos principais objetivos do grupo era a divulgação da cultura paraguaia através da dança, valorização das tradições guaranis, inclusão social e a integração. O grupo carrega uma bagagem de apresentações na capital paulista.

Os paraguaios do segundo momento apresentavam outros tipos de problemas para a sua inserção na cidade; sofriam o peso da migração não qualificada. Essas pessoas tinham outro perfil: eram de famílias mais humildes, chegaram a São Paulo para procurar emprego, que na maior parte das vezes era em oficinas de costura dominadas por coreanos, onde se trabalhava mais de 15 horas diárias de segunda-feira à sexta-feira e, aos sábados, até o meio-dia.

O novo fluxo migratório e a atualidade

Dos três períodos citados, para debater a forma de organização dos paraguaios em São Paulo, o que mais chama a atenção é o último. São novos fluxos de migrantes que chegam diariamente e de forma crescente nesta primeira década dos anos 2000. Em sua maioria, são jovens entre 17 e 29 anos que buscam oportunidades de emprego e uma vida mais digna.

A forma de organização para reivindicar uma pauta que atendesse às necessidades dos primeiros imigrantes paraguaios deu-se através dos pequenos encontros nos campos de futebol, nas festas religiosas e comemorações nacionais paraguaias. Nesse momento, havia outros desafios postos aos migrantes. Não existia a visibilidade atual de cenário de exploração do trabalho.

O crescimento da economia brasileira e a demanda por mão de obra foram fatores responsáveis para o Brasil ser atraente como destino migratório, sem contar com problemas locais que também ajudaram a impulsionar a decisão de migrar. Também podem ser considerados a crise na Argentina em 2002 e a recessão econômica na Espanha a partir 2008. O novo contingente de imigrantes que começou a chegar à cidade de São Paulo nos últimos dez anos marca uma diferença quando comparado com os anteriores, seja na forma de organização na cidade, nas reivindicações de direitos sociais, ou mesmo pelas diferenças geracionais e de qualificação profissional.

Surgem novas associações

No bairro do Bom Retiro, destino privilegiado dos migrantes que vieram para trabalhar em oficinas de costura, surgiu uma tentativa de Associação independente da Pastoral, em torno de um restaurante paraguaio. Historicamente, o bairro se caracteriza por ser receptor de imigrantes de várias nacionalidades

de todo o mundo. Nos últimos anos, o bairro recebeu uma quantidade visível de paraguaios, que iria aumentar com o passar do tempo. Com a estratégia de iniciar a organização de paraguaios dessa nova geração, que vive nos arredores do Bom Retiro, foi formada uma Comissão no bairro para discutir os problemas da comunidade, como acidentes de trabalho, necessidades básicas para sobreviver, assessoria para os trâmites de documentação, entre outros. A estratégia para agregar jovens migrantes a fim de reivindicar seus direitos na cidade foi, inicialmente, através da organização de eventos esportivos e de lazer, como bailes tropicais. De modo geral, as iniciativas com cunho e objetivo de organização política tendem a ser malvistas pela comunidade. Sendo assim, para que se conseguisse mobilizar os migrantes em torno de pautas que lhes são caras, essas estratégias foram adotadas.

Tendo em vista o perfil jovem e de recém-chegados, começou-se a organizar torneios de futebol com bailes tropicais como a *cumbia* e outros ritmos, que é a maneira mais fácil de chamar a atenção da juventude que estava chegando e se apropriando do bairro aos poucos.

De acordo com J.K¹¹, 32 anos, que chegou a São Paulo no final da década de 1990 e participou da iniciativa, tratava-se de um projeto ousado de Associação, que previa um número mínimo de sócios e até uma cooperativa. No entanto, a desconfiança entre os membros da iniciativa levou ao fim do grupo, com acusações de “*pro-bolsillo*”¹² entre os membros. O projeto de associação acabou, mas continuou como iniciativa privada.

Em 2008, a Pastoral chamou as principais lideranças paraguaias para criarem outra associação. A iniciativa se dividiu em dois grupos, o primeiro se intitulou *Comunidad Paraguaya en São Paulo*, ou *Coletividad Paraguaya en São Paulo*. Trata-se do grupo que se encarrega das datas comemorativas nacionais e religiosas do Paraguai, próxima dos interesses da Pastoral. O segundo grupo iria se constituir em 2010 como Associação *Japayke*.

A denúncia no Jornal *Abc Color*¹³ por parte de cidadãos paraguaios de que seus conterrâneos estavam em situação análoga a de trabalho escravo lançou o primeiro alerta para a necessidade de uma Associação. Tratava-se de lutar pelos direitos das pessoas que trabalham mais de 14 horas por dia nas pequenas oficinas de costura de bairros como Bom Retiro, Brás, Casa Verde, Vila Medeiros e Vila Any, em Guarulhos, para citar algumas localidades.

Desde minha chegada em São Paulo, tive muitas dificuldades, como qualquer outro jovem imigrante no período. A importância da organização é fundamental para qualquer comunidade fora de seu país de origem. Só acreditei nisso quando conheci as pessoas que tinham a mesma ideia, a de se organizar para tentar mudar essa realidade.

Em abril de 2010, ajudei a fundar a Associação de Integração Paraguai Brasil *Japayke*, que em guarani significa “vamos despertar” ou “despertar-se”. Ela se reivindica como política ao mostrar-se comprometida com as necessidades dos paraguaios e, também, visa promover uma imagem positiva do Paraguai

através de iniciativas culturais. A Associação *Japayke* é formada por paraguaios e descendentes da primeira, segunda e terceira migração.

A *Japayke* promoveu várias reuniões com representantes do governo local e do Paraguai, sindicatos, movimentos sociais e sociedade civil para apresentar a problemática dos paraguaios, cuja migração para São Paulo nesse período estava em alta. A primeira reunião foi realizada com o governo paraguaio, representado pelo então Ministro de Relações Exteriores Hector Lacognata¹⁴. Participaram vários paraguaios de distintos bairros da cidade e de Guarulhos, buscou-se informá-los da situação em que vivem os migrantes. Além disso, foram discutidos temas diversos, como apoio através do governo, repatriação, direito ao voto e o melhor atendimento no Consulado. Segundo alguns veteranos, apenas atualmente há conversas com o Cônsul, anteriormente o acesso era dificultado.

Paraguaios donos de oficinas de costura e até costureiros que trabalhavam com coreanos faziam denúncias à Associação. Havia relatos dos mais variados, como atraso de pagamento de salários, visita do sindicato da área e acusação de “roubar posto de trabalho de brasileiros”, atraso de pagamentos de serviços por mais de 30 dias por parte dos coreanos, etc.

A *Japayke* fazia a intermediação das questões mais pontuais. Participou de vários seminários contra trabalho escravo, sempre levando depoimentos de pessoas das oficinas de costura, e apresentava propostas. A Associação buscou sensibilizar a discussão pública para a questão dos trabalhadores imigrantes, pois se trata de um fenômeno pouco conhecido e relativamente recente.

Durante o seminário *“Vida e Trabalho decente para paraguaios e brasileiros”* promovido pela Central Sindical das Américas e suas filias brasileiras e paraguaias, o Presidente da *Japayke*, Humberto Jara, alertou que o primeiro passo é a aproximação aos trabalhadores que deixam o Paraguai, é necessário conhecê-los. Continuou dizendo que *“estamos falando de pessoas que pouco conhecem sobre seus direitos, que deixam a enxada para vir costurar no Brasil. Antes de cobrarmos que se sindicalizem, que se registrem, devemos conversar para conhecer a realidade na qual vivem. Caso apenas criminalizemos os paraguaios que compram máquinas para produzir para grandes redes, que são tão miseráveis quanto os outros que costumam, teremos muito mais gente na cracolândia”*¹⁵. Com declarações deste tipo, responsabilizava as grandes grifes, que obtêm os maiores lucros da cadeia produtiva do vestuário.

As bandeiras de luta tinham várias frentes: o trabalho descente no Brasil; o direito ao voto no Paraguai e no Brasil; criação de um espaço para a Casa Paraguaia, que seria um lugar de encontro dos migrantes para exporem sua cultura, sua música e sua arte.

Podemos dizer que a *Japayke* talvez tenha sido a Associação que mais tentou organizar os paraguaios através de iniciativas políticas¹⁶ e culturais, muitas das quais foram realizadas no interior do estado em parceria com a Central Única dos Trabalhadores – CUT.

Acuarela Paraguaya, a cara da migração paraguaia em São Paulo

Foi depois de encontros com debates que conseguimos formar um grupo folclórico paralelo à *Japayke*. Durante a 5ª Marcha dos Imigrantes no centro de São Paulo, um grupo de jovens que acompanhava a associação constatou a falta de um grupo cultural paraguaio que apresentasse algum canto, dança ou poesia no final da marcha, já que todas as demais comunidades estavam representadas.

Com a ideia em mente dos jovens migrantes, além da oportunidade surgida de concorrer como um projeto de uma política pública cultural da prefeitura de São Paulo, iniciou-se o Grupo de *Danza Acuarela Paraguaya*, beneficiado pelo Programa VAI – Valorização às Iniciativas Culturais. O apoio público propiciou as ferramentas de que precisávamos para começarmos a desenvolver o trabalho cultural, social e de conscientização dos jovens que chegavam para tomarem parte do projeto. A meta traçada para 2014 é a de levarmos a dança paraguaia pela periferia da cidade de São Paulo, com 16 apresentações.

Através da dança, com o *Acuarela Paraguaya*, tentamos construir um conceito de cultura e de política comprometido com os jovens paraguaios e com a realidade em que vivem. O Grupo incentiva a participação em cursos de português, cursos de informática, em debates sobre a história e a realidade do Paraguai; procura resolver questões pessoais, prega a solidariedade entre todos visando criar uma identidade de família. As iniciativas culturais que o *Acuarela* empreende de dança e teatro sempre tentam resgatar a história através dos passos no ritmo da polca¹⁷, propondo o respeito às diferenças de gênero, de nacionalidade e promovendo a integração entre as diversas comunidades que residem em São Paulo. O Grupo também participa dos movimentos que atuam na defesa dos direitos dos imigrantes e apoia bandeiras como a do direito ao voto do imigrante.

“Um pedacinho do Paraguai na zona oeste de São Paulo”¹⁸

O jornal *O Estado de São Paulo* dedicou uma página impressa para analisar um espaço muito frequentado pelos paraguaios, a Praça Nicolau de Moraes Barros. Ela está localizada na Barra Funda, já esteve abandonada e cheia de mato, hoje reúne centenas de pessoas todos os finais de semana. A praça é chamada pelos paraguaios “Ybycu’i”, que significa areia, já os brasileiros a chamam de Areião.

Os paraguaios que a frequentam são os recém-chegados, que todos os finais de semana vão jogar bola e levar as crianças para brincar. Neste espaço, a *Japayke* organizou o Bicentenário¹⁹ da Independência do Paraguai, que reuniu quase mil pessoas, num festival cultural com danças e comidas típicas, apresentações de artistas paraguaios de aqui e acolá. O evento foi realizado pela Associação *Japayke* em conjunto com o poder público e as centrais sindicais.

Em 2012, a *Acuarela Paraguaya* realizou duas atividades. A praça é um grande anseio de muitos migrantes, eles a chamam de praça dos paraguaios, pela ocupação de todos os finais de semana e da identidade que foi ganhando o lugar. A língua guarani e as rodas de *tereré* predominam nesse espaço. Alguns dos migrantes buscam transformar a praça em um ponto de referência para a comunidade, a exemplo do que ocorreu com a Praça *Kantuta* ou com a Rua Coimbra que se tornaram referência para os bolivianos residentes na RMSP.

É através dessas iniciativas que se quer mudar a imagem negativa que se tem do Paraguai. Muitas vezes, cultivada pela mídia local, a imagem do Paraguai é frequentemente ligada ao contrabando de produtos, de armas e tráfico de drogas. Sempre o ruim é associado ao Paraguai, mesmo com piadas sem graça tipo “é do Paraguai”, em alusão aos produtos falsificados contrabandeados por brasileiros, que lucram comercializando-os. Muitos utilizam esta expressão como forma de menosprezar o país vizinho, com eco na mídia brasileira.

Para fazer frente a isso, surgiu o Núcleo Cultural Paraguai *Teeté*²⁰, que significa “Paraguai de Verdade”, para mostrar o outro lado do Paraguai que aqui não é conhecido. Formado por jornalistas, professores, intelectuais e simpatizantes mantém um blog em português, o qual mostra aos leitores as notícias positivas do Paraguai; o que acontece nas áreas da cultura, esporte, culinária, tecnologia, educação, literatura, bem como contesta, com cartas abertas e abaixo-assinados, qualquer publicação sem fundamento que desrespeite o Paraguai e seus nacionais.

Conclusão

Através deste texto tentamos criar um debate, partindo da comemoração do *Santo Ara* (Dia Santo da *Virgencita de Caacupé*), abordando vários assuntos para o leitor atinentes às dificuldades dos paraguaios em se organizarem na capital paulista. No dia da Santa, ficou evidente a religiosidade do paraguaio e como a *Virgem de Caacupé* reúne seus fiéis em grande número. De modo geral, observamos que o imigrante paraguaio se aglutina e se mobiliza em torno das atividades religiosas.

Historiamos brevemente a migração paraguaia para a capital paulista desde a segunda metade do século passado. Mostramos os motivos dessa migração em períodos diferentes e sugerimos uma divisão em três momentos: o da ditadura; o da abertura democrática e o do momento atual, este iniciado na virada do século.

Vimos também que o esforço de associativismo na migração paraguaia ganhou ênfase a partir dos anos 2000, quando a comunidade cresceu rapidamente. Talvez porque apareceram os problemas, necessidades que precisavam ser resolvidas através de uma associação que pudesse prestar assessoria perante

qualquer situação. Houve tentativas independentes, com mediação da Pastoral, que tiveram sucesso atendendo a seus interesses, enquanto outras não prosperaram.

Uma das dificuldades maiores do atual fluxo migratório diz respeito à visão sobre a organização. A palavra política, em todos os seus sentidos, causa desconfiança. Podemos pensar que talvez um dos erros das lideranças paraguaias seja desqualificar a política em toda sua essência e confundi-la com a política partidária. A meu ver, a política deve ser entendida como a ação de se fazer o bem comum, através de organizações, mediando as necessidades e procurando soluções através de negociações. Para a maioria dos paraguaios, porém, política significa simplesmente politicagem, corrupção e dinheiro fácil. Trata-se de um senso comum muito arraigado entre os paraguaios. A corrupção apoderou-se da política paraguaia em todas as esferas do poder, por isso talvez esta visão seja predominante. Por exemplo, quando se tem uma iniciativa para arrecadar dinheiro para uma pessoa que passa por dificuldades, todos colaboram. Mas, se os fins forem para arrecadar recursos para a fundação de uma associação, a adesão é mínima e são grandes as dificuldades para se seguir adiante.

Acredito que isso aconteça por causa das decepções sofridas pelo povo paraguaio, que passou por guerras, ditaduras e uma democracia que até a atualidade possui instituições fracas. Além disso, uma elite agrária governa o país e se apodera de toda a riqueza produzida. Esses são fatores fundamentais que servem para auxiliar na explicação da migração para países vizinhos.

Os festivais culturais propiciaram o surgimento de grupos de danças típicas paraguaias, que ajudam a manter as tradições por meio da arte e cumprem a função de difundir a cultura nos diversos lugares da cidade. Atualmente só existem dois grupos: um com mais de vinte anos de bagagem, e outro com dois anos, mas ambos com muitas responsabilidades que vão além da divulgação cultural, tal como a inserção dos jovens paraguaios e latinos, e a valorização das tradições paraguaias.

Para chegar a grandes resultados, faz-se necessário um diálogo amplo dentro da comunidade, entre as associações, grupos folclóricos, esportivos e pessoas, a fim de acertar uma agenda comum, com objetivos claros, que beneficie a todos os paraguaios que residem na cidade de São Paulo e em outros municípios da Região Metropolitana. Pode ser retomada, por exemplo, a iniciativa da Associação *Japayke* de conversar com as autoridades brasileiras e paraguaias, com pautas concretas, como a repatriação organizada, ou mesmo mediar uma negociação para adquirir um espaço para a Casa ou Praça Paraguaia, como ocorre em outras grandes cidades do mundo onde residem imigrantes paraguaios. Seria uma vitória termos um espaço onde pudéssemos expor toda nossa cultura e tradição, que prestasse assistência jurídica e serviços de orientação aos compatriotas para trâmites de documentos, além de se constituir num lugar de encontro e ponto de referência para os paraguaios.

Notas

1 - EL ORIGEN DE CAACUPE Y DE LA ADVOCACIÓN. Ver mais em: <<http://forosdelavirgen.org/415/nuestra-senora-de-los-milagros-de-caacupe-paraguay-8-de-diciembre/>>. Acesso em: 25 jun. 2014.

2 - 3er. DEPARTAMENTO DE LA CORDILLERA. Ver mais em Anuário DGEEC, 2012: <<http://www.dgeec.gov.py/Publicaciones/Biblioteca/anuario2012/anuario%202012.pdf>>. Acesso em: 27 maio 2014.

3 - Ver mais em: Unos 2.500.000 peregrinos visitaron a la Virgen Serrana: <<http://www.ultimahora.com/unos-2500000-peregrinos-visitaron-la-virgen-serrana-n748020.html>>. Acesso em: 27 maio 2014.

4 - Ver mais da Música e letra em: <<http://www.dparaguay.com/2013/12/virgencita-de-caacupe-letra-y-musica.html>>. Acesso em: 25 jun. 2014.

5 - A base da culinária paraguaia é o milho. A Sopa Paraguaia é uma torta salgada que leva farinha de milho, ovos, queijo, azeite e sal. Para fazer o chipaguazú é a mesma receita que a Sopa, só trocar a farinha pelo milho moído fresco. A chipa seria o pão paraguaio, que leva farinha de mandioca, sal, ovos, queijo, erva doce e margarina. As empanadas mais populares são a de carne, frango e presunto com queijo. As empanadas têm uma massa fina tipo pastel brasileiro com recheio de carne bem condimentado, valendo para as de frango e presunto com queijo.

6 - No Paraguai, ao contrário do que se pensa, houve resistências nos moldes de revolução armada no campo e resistências urbanas. Foram organizadas por partidos, profissionais da educação, militares, intelectuais, Ligas Agrárias e estudantes de diversas áreas. Estavam aglutinadas em organizações dentro do país com tentativas insurgentes, que não tiveram sucesso, contra o regime de Stroessner. Também foram organizadas expedições desde o exterior por militantes de organizações que fugiram, por um curto período de tempo, e pelos exilados que queriam retornar. Ver mais em: LA RESISTENCIA ARMADA AL STRONISMO: PANORAMA GENERAL <<http://www.novapolis.pyglobal.com/pdf/novapolis8.pdf>>. Acesso em: 27 maio 2014.

7 - Ver mais em Operação Condor: Ditaduras se uniram para perseguir adversários: <<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/operacao-condor-ditaduras-se-uniram-para-perseguir-adversarios.htm>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

8 - Denominação que vai ser dada no texto aos paraguaios que moram em São Paulo há mais de 20 anos.

9 - Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE - o Censo de 2010 diz que 76,4% dos paraguaios em São Paulo são Católicos; 8,5 sem religião; 2,5% ateus; os demais 12,7% estão divididos em diferentes religiões e igrejas, a maioria evangélicas.

10 - MERCOSUL. Ver mais em: <<http://www.mercosul.gov.br/>>. Acesso em: 27 maio 2014.

11 - Nome fictício do entrevistado.

12 - Frase usada no Paraguai para referir-se às Associações que atuam em favor próprio, auferindo lucros pessoais.

13 - Los inmigrantes paraguayos viven en preocupante condición en São Paulo. Ver mais em: <www.abc.com.py/edicion-impresa/economia/los-inmigrantes-paraguayos-viven-en-preocupante-condicion-en-so-paulo-1108353.html>. Acesso em: 11 jul. 2014.

14 - Lacognata se reunirá con compatriotas que residen en San Pablo. Ver mais em: <www.nanduti.com.py/v1/noticias-mas.php?id=12890&cat=Nacionales>. Acesso em: 25 jun. 2014.

15 - Vida e Trabalho decente para paraguaios e brasileiros. Ver mais em: <www.cut.org.br/destaques/19889/vida-e-trabalho-decente-para-paraguaios-e-brasileiros-sp>. Acesso em: 27 maio 2014.

16 - Entidade paraguaia debate realidade do migrante no país. Ver mais em: <<http://www.vermelho.org.br/noticia/182437-7>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

17 - Uma das músicas que *Acuarela Paraguaya* apresenta nos eventos se chama “*Campamento Cerro León*” que foi o Quartel de Solano López, retratando a despedida dos soldados para ir às batalhas da Guerra do Paraguai.

18 - Título de uma matéria no Jornal Estadão. Ver mais em: <www.sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,um-pedacinho-do-paraguai-na-zona-oeste-de-sao-paulo-imp-,1096124>. Acesso em: 20 jun. 2014.

19 - Bicentenário da República do Paraguai. Ver mais em: <<http://www.cut.org.br/acontece/20748/vida-e-trabalho-decente-para-imigrantes-no-paraguai-e-no-brasil-sp>>. Acesso em: 27 maio 2014.

20 - Blog do Paraguai Teeté: <www.paraguaitete.wordpress.com>. Acesso em: 25 jun. 2014.

RESUMO

Este artigo procura debater a migração paraguaia na Região Metropolitana de São Paulo do ponto de vista de suas organizações, a partir de uma perspectiva autocrítica das associações dos paraguaios residentes em São Paulo. Partindo do evento do “Santo Ara” (Dia da Santa, “La Virgencita de *Caacupé*”), foram problematizadas as dificuldades dos paraguaios para se organizarem desde sua chegada à cidade, o perfil dos migrantes e a sua inserção na sociedade paulista. A história da migração paraguaia na capital paulista desde a segunda metade do século passado foi separada em três momentos: a ditadura Stroessner, a abertura democrática no Paraguai e os fluxos mais recentes a partir dos anos 2000. Procurou-se aprofundar o debate sobre o papel das associações e suas reivindicações, das manifestações culturais dos grupos folclóricos e os desafios que devem ser superados de maneira conjunta.

Palavras-chave: paraguaios; associações; religiosidade.

ABSTRACT

This article seeks to discuss the Paraguayan migration to the Metropolitan Region of São Paulo in terms of their organization, based on a self-critical perspective from the Paraguayan associations in São Paulo. Based on the “Ara Santo” (Holy Day) event, the paper discusses the difficulties of Paraguayans to organize themselves since their arrival, the migrants’ profile and their integration in the paulista society. The history of Paraguayan migration to São Paulo, since the second half of the last century, was divided into three stages: the Stroessner dictatorship, the democratic opening in Paraguay and the most recent flows from the 2000s. We sought to deepen the debate on the role of associations and their claims, the cultural manifestations of folk groups and the challenges that must be overcome jointly.

Keywords: paraguayans; associations; religiosity.



Foto: Carlos Freire da Silva
Detalle de paraguayo. Repatriación, Caaguazú.

Los migrantes paraguayos y la lengua guaraní

*Miguel Ángel Verón **

Cuando viajé en el 2011 a Minas Gerais para defender mi tesis en un curso de post grado que cursé en la Universidad Federal de Juiz de Fora, en la ciudad del mismo nombre, abordé primero un ómnibus que me llevara de Asunción a San Pablo, y de esta ciudad otro que me trasladara a la histórica ciudad de Juiz de Fora. En el primer ómnibus, me llamó la atención la cantidad de jóvenes que nos acompañaban. Muy pronto distinguí entre ellos dos grupos: uno,

* *Lingüista, Director General de Planificación Lingüística de la Secretaría de Políticas Lingüísticas, miembro del Guaraní Ñe'ẽ Rerekuapavẽ (Academia de la Lengua Guaraní) y Profesor de la Universidad Nacional de Asunción.*

conformado solamente de mujeres, todas señoritas jóvenes, y otro, integrado de hombres y mujeres. Como siempre vengo haciendo desde hace unos años, me acerqué a ambos grupos para escuchar qué lengua utilizaban y de qué clase social provenían. Enseguida pude constatar que las integrantes del primer grupo hablaban castellano, eran de Asunción, e iban a San Pablo a pasar unos días de vacaciones. Todas ellas eran estudiantes universitarias. Enseguida descubrí que los otros jóvenes, tres mujeres y cuatro hombres, hablaban guaraní, eran del departamento de Caaguazú y residían en la ciudad paulista, donde trabajaban como costureros. Dado que soy de tierra adentro y de origen y principio proletario, prontamente entramos en sintonía con estos jóvenes trabajadores con quienes conversé distendidamente. Gracias a las conversaciones, descubrí un fenómeno social nuevo para mí: el éxodo de los jóvenes de mi querido departamento, Caaguazú, a la colosal ciudad de San Pablo. Descubrí, al mismo tiempo, que la ciudad receptora de los jóvenes paraguayos de este departamento, expulsados del campo, ya no era la ciudad bonaerense de otras épocas, sino la ciudad que en épocas lejanas fuera del dominio de los Ñe'ëngatu.

Detrás de mis curiosidades lingüísticas, pude descubrir muchos fenómenos socioeconómicos nuevos que se sucedían en el quinto departamento, y en gran medida en todo el campo paraguayo. Percibí que lamentablemente los jóvenes campesinos seguían siendo obligados por las crisis económicas a migrar a las urbes más grandes del país o a otros países de la región, que los jóvenes del departamento de Caaguazú ya no migraban solamente a Buenos Aires, como lo hicieron mis hermanos hace 20 a 30 años atrás, sino a la ciudad de San Pablo; que los jóvenes que trabajan en la ciudad paulista se dedicaban preferentemente al rubro de la confección de prendas de vestir, que los mismos eran el sostén de sus padres y de sus hermanos y hermanas menores que quedaban en el campo, y, por último, y es lo que más interesa en este artículo, que los jóvenes campesinos seguían manteniendo su lengua materna, el guaraní, más allá de las fronteras paraguayas.

Situación sociolingüística del Paraguay

El Paraguay es un crisol lingüístico donde conviven varias lenguas. Además de los dos idiomas oficiales, guaraní y castellano, y las 19 lenguas que hablan los pueblos indígenas, son habladas varias otras en las comunidades de inmigrantes que por suerte mantienen sus lenguas y contribuyen para la consolidación del multilingüismo paraguayo.

Según el Censo Nacional de Población y Vivienda de 2002¹, en el Paraguay el guaraní es el idioma más utilizado por la población paraguaya, seguido del castellano. El mencionado censo arrojó los siguientes resultados (MELIÀ, 2010, p. 162):

Lengua	Populación	(%)
Guaraní parlantes	1.399.220	27,0
Guaraní bilingües	1.721.200	33,0
Castellano bilingües	1.330.810	26,0
Castellano parlantes	411.780	8,0
Idioma portugués	122.520	2,4
Idioma alemán	36.200	0,7
Idioma japonés	3.210	0,1
Idioma coreano	2.810	0,1
Pueblos indígenas	87.099	1,8
Otros idiomas no indígenas	3.960	0,1

Según los estudios de Melià, de estas cifras resulta, respecto al bilingüismo guaraní castellano, el siguiente cuadro:

Lengua	Populación	(%)
Guaraní	3.120.420	60,0
Bilingüe (guaraní-castellano)	3.052.010	59,0
Bilingüe (castellano-guaraní)	1.330.810	26,0
Castellano	411.780	8,0

La lengua guaraní

La lengua guaraní es una de las lenguas indígenas más vigorosas del continente. A la llegada de los conquistadores, era el idioma de mayor prestigio y de uso más extendido en vastas regiones del continente americano. Las abundantes toponimias testimonian que esta lengua se utilizaba en los territorios que hoy ocupan Paraguay, Brasil, Argentina, Uruguay, Ecuador, Colombia y otros países del continente:

En la época del descubrimiento y de la conquista, la llamada lengua guaraní-tupí estaba muy difundida en América del Sur, particularmente en los territorios que actualmente comprenden Paraguay, Brasil, Argentina, Bolivia y Uruguay y, en menor grado, Perú, Ecuador, Guayanas. Eran tierras pobladas por guaraníes y por otros pueblos de diferentes lenguas pero que aceptaban el guaraní-tupí por gozar de mayor prestigio cultural.

Desde el núcleo central del hábitat de los Guaraní-Tupí la

lengua se difundió por una extensión mayor que el territorio por ellos ocupado, testimonio de esto es la toponimia en guaraní, prácticamente por toda América del Sur. Era la lengua más extendida en esta parte del continente, al punto que los descubridores y colonizadores que entraban por la costa atlántica la conocían como la “língua mais usada na costa do Brasil”, “língua geral” (lengua general) (GONZÁLEZ TORRES, 2007, p. 13).

Durante la colonia, la Corona Española trató de imponer el castellano como lengua única en el Paraguay, como impulsó en los otros países del continente, dado que “la lengua acompaña al imperio”, como defendía Antonio de Nebrija. Esta política, empero, no tuvo resultados esperados en Paraguay donde la lengua de Castilla no terminaba de consolidarse. El uso oral y escrito de la lengua guaraní era normal, hasta en la administración del Estado colonial. Los cabildos de los pueblos indígenas se comunicaban en guaraní escrito con los gobernadores y los reyes. Por otra parte, en 1603 la Iglesia Católica resolvió adoptar oficialmente el idioma guaraní para la enseñanza de la doctrina cristiana por ser la lengua más clara y hablarse generalmente en todas estas provincias, siendo su conocimiento obligatorio para los curas encargados de esa enseñanza (ROMERO, 1998, p. 21).

La diglosia paraguaya

Históricamente el guaraní ha sido la lengua de mayor uso en el Paraguay, pero por rémoras del colonialismo cultural y lingüístico, la misma, ya que es de origen americano, ha sido subvalorada y estigmatizada, y su uso reducido al calor del hogar, a las calles, a la oralidad, a las situaciones informales; mientras el castellano, por ser de origen europeo, y a pesar de ser la lengua minoritaria, fue desde los inicios de la independencia la lengua de la administración del Estado, del sistema educativo, de la formalidad y de la clase dominante, lengua también en que esta ejercía el poder sobre la mayoría de la población de lengua materna guaraní. Esta, a pesar de ser mayoritaria, fue minorizada, y el castellano, a pesar de ser minoritario, mayorizado por el Estado paraguayo. Además, el castellano ha sido la lengua de las ciudades, y el guaraní el idioma del campo, donde hasta unas décadas atrás vivía la mayoría de la población paraguaya, antes del acelerado proceso de descampesinización, producto de la expulsión campesina de parte del agro negocio.

Perfil lingüístico de los compatriotas emigrantes

Hay muchas razones por las que las personas abandonan su país y emigran a otro, pero la mayoría de las migraciones obedecen a factores económicos.

En Paraguay, casi la totalidad de los jóvenes que emigran del país para buscar trabajos son campesinos, y la mayoría de los mismos, sino la totalidad, son de lengua materna guaraní. La gran mayoría aprende el castellano ya en el exterior. Los castellano hablantes, y con mayor razón los monolingües en esta lengua, moran en las ciudades grandes, especialmente Asunción, y son de clase económica acomodada. Si migran, normalmente lo hacen para proseguir sus estudios de grado y de pos grado. Los monolingües guaraní tienen poca cabida en las ciudades, donde la lengua dominante es el castellano; y si viven en ellas, se dedican a empleos informales y de baja remuneración. Ellos, en la práctica, no pueden ser funcionarios del Estado, dado que este usa solamente el castellano en todos sus documentos y comunicaciones en general; además, los guaraní hablantes no pueden estudiar en las universidades, puesto que estas utilizan solamente el castellano como lengua de enseñanza.

Lengua que hablan los emigrantes paraguayos

Los paraguayos de la diáspora mantienen las dos lenguas oficiales de su país: el guaraní y el castellano, pero generalmente se identifican más con la primera, que es la lengua popular paraguaya por antonomasia. Los jóvenes paraguayos que estudian en los diversos países de la región cuentan que utilizan el guaraní como código secreto. En las universidades de Cuba llaman el inglés paraguayo. En la Universidad Federal para la Integración Latinoamericana (UNILA) de Brasil, los paraguayos utilizan el guaraní para comunicarse entre sí y el castellano para interactuar con estudiantes de otros países.

Me contó la profesora María Eta Vieira que le llamaba la atención que muchos estudiantes de esa universidad latinoamericana utilizaran una lengua diferente del portugués y del español; cuando preguntó de qué lengua se trataba, le respondieron que era el guaraní. Este hecho la impulsó a elaborar un proyecto para desarrollar cursos de guaraní para estudiantes y profesores de los distintos países que estudian en esa universidad, empresa en la que la apoyó el profesor Derlis Sandoval, alumno de esa universidad, hoy traductor guaraní-portugués del Parlasur. Los cursos de guaraní iniciaron en setiembre de 2011 y con mucho éxito siguen desarrollándose hasta la fecha.

Me consta también que los paraguayos y las paraguayas residentes en Buenos Aires mantienen el guaraní al lado del castellano. El 10 de mayo de 2010 fuimos invitados cuatro escritores guaraníes a la Feria de Libro de Buenos Aires, que ese año se convirtió en la Capital Mundial del Libro. En la fecha mencionada, los cuatro escritores, además de presentar nuestras obras en la Feria, tuvimos la oportunidad de compartir con los compatriotas en el Deportivo Paraguayo, durante cinco horas, conversando en guaraní, ante una multitudinaria audiencia. Los paraguayos que viven en otros países de América y de otros continentes también siguen hablando las dos lenguas oficiales de nuestro país.

Los paraguayos emigrados a San Pablo hablan guaraní y portugués

Los jóvenes paraguayos que por necesidad económica migran a San Pablo para trabajar mantienen la lengua guaraní e ineluctablemente deben aprender y comunicarse en la lengua local: el portugués. Los mismos son braceros, obreros dependientes de la cadena productiva y de explotación local, por ello deben vivir en las culturas y las lenguas locales. Las mismas condiciones de exigencia no encuentran los brasileros que vienen a Paraguay a expulsar a los campesinos e indígenas de sus tierras para la plantación de soja. Estos, a pesar de que vienen a vivir en tierras extranjeras, imponen su lengua como también sus culturas, debido a la endeble posición del Estado paraguayo para defender la soberanía patria.

El lunes 9 de junio del corriente año (2014), bien temprano, nos acercamos con mis compañeros de trabajo a una gasolinera de la ciudad de La Paloma, departamento de Canindeyú. Con mucha gentileza nos atendió un joven de 24 años que hablaba un fluido guaraní. Le pregunté si hablaba portugués además del guaraní, y me respondió afirmativamente; le interrogué, también, si hablaba español, pregunta a la cual me respondió negativamente: “Yma añe’ẽ, ko’ágã ndaikatuveí añe’ẽ, ojehe’apa chehegui portugués ndive” (Antes lo hablaba, ahora ya no, se me mezcla con el portugués). En su propia tierra este joven, como aquellos que emigran a la capital paulista, es presionado a aprender y comunicarse en la lengua lusitana, hasta tal punto de olvidar el castellano, lengua oficial de su país y segunda lengua suya.

Los colonos brasileros avasallan la confianza y la apertura que les dimos los paraguayos, y antes de aprender y ajustarse a las culturas y lenguas propias de nuestro pueblo, imponen con soberbia su lengua y sus modos de ser y estar en el mundo; el portugués se impone como el monocultivo de soja que carcome el campo paraguayo. Los paraguayos que emigran al hermano país de Brasil no cuentan con los mismos medios de producción, sino son braceros, razón por la cual deben aprender la lengua del país que los acogió, como es natural. De los datos que pude rescatar de los jóvenes con quienes viajé a San Pablo en el 2011, los paraguayos que trabajan en esa ciudad hablan muy poco el castellano; la lengua de la comunicación entre ellos es el guaraní, y el portugués la segunda lengua, idioma que les permite interactuar con la sociedad local.

Lengua que transmiten los emigrantes paraguayos a sus hijos

Un fenómeno sociolingüístico que nos preocupa y ocupa a las personas que promovemos la normalización del uso de la lengua guaraní es el peligro del corte generacional en la transmisión de esta lengua. El guaraní ha llegado a este siglo gracias al hogar, a la familia y a pesar del Estado y la escuela. La transmisión de los padres a los hijos es la mayor garantía de la vitalidad presente y futura de una

lengua. En este momento en Paraguay la mayoría de los papás y mamás bilingües guaraní-castellano (60% de la población) no les pasa el guaraní a sus hijos, sino solamente el castellano, privándoles de esa manera a sus hijos de la posibilidad de aprender y conocer las dos lenguas oficiales de su país desde la cuna. Este mismo fenómeno producido por las fuerzas sociolingüísticas imperantes en el país, se presenta – por lo que he podido indagar – entre los paraguayos y las paraguayas que viven en el exterior. Los mismos siguen hablando el guaraní, pero no lo transmiten a sus hijos.

Hace unos años encontré a una compueblana, amiga de la infancia que vivió y respiró solamente en guaraní hasta que migró a Buenos Aires. Con ella se encontraba su hija de unos cinco años. En medio de la conversación le pregunté si su hija hablaba guaraní: “¿Para qué, en qué le va ayudar el guaraní allá en Buenos Aires?”, fue su inmediata respuesta. Traté de persuadirle que era importante que su hija hablara la lengua de la madre; que era importante que su hija sepa comunicarse en la única lengua que hablan y entienden los abuelos, dado que tendría muchos problemas de comunicación las veces que viene a Paraguay para verlos, pero mis argumentos fueron estériles para convencer a esta amiga. Actitudes de subvaloración o rechazo de la lengua propia del Paraguay como las de esta compatriota pululan entre los paraguayos dentro y fuera del país. Pero por suerte desde el Estado y la sociedad se están desarrollando políticas y acciones que apuntan a la superación de este tipo de posiciones alienadas y alienantes.

La Secretaría de Políticas Lingüísticas (SPL) está encarando proyectos para revertir este tipo de actitudes, desarrollando planes y proyectos para elevar el estatus de la lengua guaraní, y de esa manera acrecentar el orgullo y la lealtad de sus hablantes hacia la misma. Gratamente me ha sorprendido que los paraguayos residentes en el exterior estén ocupándose en este momento de que sus hijos no pierdan el guaraní, y desarrollando cursos para ellos. Este tipo de decisiones nos dan la certeza de que con las nuevas políticas lingüísticas desarrolladas en Paraguay estará asegurada la vitalidad futura de la lengua mayoritaria del Paraguay. La Secretaría de Políticas Lingüísticas, convenio de cooperación mediante, está trabajando con la Secretaría de Desarrollo para Repatriados y Refugiados para promover la transmisión intergeneracional y la enseñanza de la lengua guaraní entre los paraguayos de la diáspora. A través de una campaña de donaciones, la SPL juntó setecientos diez (710) textos y diez (10) unidades de materiales audiovisuales en guaraní; dichos textos han sido distribuidos por la Secretaría de Repatriados en varias ciudades de países como Argentina, Ecuador, España, Austria. Solamente en Buenos Aires se están desarrollando en distintos lugares ocho cursos de lengua guaraní para hijos e hijas de paraguayos; los mismos están utilizando los textos recogidos por la SPL y distribuidos por la Secretaría de Repatriados.

Además de eso, la Secretaría de Políticas Lingüísticas, en forma conjunta con la Secretaría Nacional de Tecnologías de la Información y Comunicación (SENATICs), está desarrollando un proyecto sumamente auspicioso y de gran

envergadura: la elaboración de un curso multimedial de lengua guaraní, con los mismos estándares de calidad que los cursos realizados con algunos otros idiomas de mayor demanda. Con este proyecto habremos tenido como país una herramienta de suma utilidad para la enseñanza y aprendizaje de la lengua guaraní de manera interactiva, amena y de fácil acceso, dentro y fuera del país.

Hacia un Paraguay plurilingüe

En las últimas décadas, en Paraguay se han dado cambios muy significativos en la política relativa a las lenguas. De una política de imposición del castellano como lengua única, hemos pasado a otra que promueve el bilingüismo guaraní-castellano, la defensa y preservación de las lenguas indígenas, el aseguramiento y el respeto de la lengua de señas y la promoción de la enseñanza de las lenguas extranjeras. La Constitución Nacional de 1992 oficializó la lengua guaraní junto al castellano. La Ley 4251/10 de Lenguas creó la Secretaría de Políticas Lingüísticas y la Academia de la Lengua Guaraní, y estableció las políticas a ser encaradas desde el Estado en forma conjunta con la sociedad civil. La mencionada normativa, en su Art. 3º, de las lenguas oficiales, establece que las mismas tendrán vigencia y uso en los tres Poderes del Estado y en todas las instituciones públicas, al tiempo de obligar al Estado a prestar especial atención a la lengua guaraní, como signo de identidad cultural de la nación, instrumento de cohesión nacional, y medio de comunicación de la mayoría de la población paraguaya.

La lengua guaraní es la lengua propia del Paraguay, es la lengua que identifica y distingue al Paraguay de las demás naciones. Pese a ello, ha sido negada por el Estado por largas décadas y siglos. “Ninguneando una lengua ninguneamos a sus hablantes; ninguneando el guaraní ninguneamos al Paraguay”, afirmaba el Dr. Rubén Martínez Huelmo, presidente del Parlamento del MERCOSUR (Parlasur), en la ocasión de la firma del convenio de cooperación entre dicho Parlamento y la Secretaría de Políticas Lingüísticas, el 7 de marzo del presente año, para la selección de traductores guaraní-castellano, guaraní-portugués, que oficiarán de intérpretes en las sesiones del Parlasur.

El castellano también es lengua oficial del Paraguay, y también merece atención del Estado. Por suerte, esta lengua goza de buena salud; la misma es – hasta ahora – la única lengua de trabajo del Estado paraguayo, en gran medida lengua única del sistema educativo, de los medios de comunicación, de las instituciones de la sociedad civil; el mismo goza de mucho prestigio, dadas las políticas desarrolladas a su favor desde el Estado. El guaraní es el idioma oficial con desventajas; el mismo no tiene aún igual estatus que el castellano ni recibe desde el Estado las mismas políticas favorables que recibe la lengua de Cervantes. El guaraní tiene muy poca presencia escrita y muy poco visualizado en la sociedad. Es por ello que la Ley de Lenguas establece refuerzos positivos hacia ella. Su uso irá normalizándose en la administración del Estado, y en otros

ámbitos no habituales de uso. También está ocupando espacios muy importantes a nivel internacional, como en el Parlamento del MERCOSUR, donde es lengua de trabajo junto al castellano y portugués. Es, además, lengua oficial en algunas provincias de Argentina; es enseñado en las universidades más prestigiosas del mundo. Con las nuevas políticas lingüísticas paraguayas y las acciones que se desprenden de ellas, estoy seguro de que el jardín lingüístico paraguayo estará asegurado.

Nota

1 - El Censo Nacional de Población y Vivienda de 2012 lamentablemente no arrojará resultados con respecto al uso de las lenguas en el país, por la insuficiencia de informaciones lingüísticas que fueron recogidas.

Referencias

GONZÁLEZ TORRES, Dionisio. *Cultura Guaraní*. Asunción, Paraguay, 2007.

MELIÀ, Bartomeu. *Pasado, presente y futuro de la lengua guaraní*. Imprenta Salesiana. Asunción, Paraguay, 2010.

ROMERO, Roberto A. *Protagonismo histórico de la lengua guaraní*. 2da. Edición, Arte Final, Asunción, Paraguay, 1998.

RESUMEN

Paraguay es un crisol lingüístico desde su mismo inicio. Además de las dos lenguas oficiales, el guaraní y el castellano, los 19 pueblos indígenas usan sus lenguas propias, y las distintas comunidades de inmigrantes también mantienen sus respectivos idiomas. La lengua históricamente mayoritaria ha sido y sigue siendo el guaraní; pese a ello, desde el Estado y la sociedad en general siempre se lo ha subvalorado. Actualmente, cerca del 90% de la población habla esta lengua, y el 70%, el castellano.

El guaraní es la lengua indígena más vigorosa del continente. Es idioma oficial del Paraguay; es una lengua hablada por una población criolla en todo el territorio paraguayo; es también lengua del MERCOSUR y lengua de trabajo del Parlasur. Actualmente es hablada por más de 5.000.000 de personas dentro del territorio paraguayo, y también por la misma cantidad fuera del mismo, especialmente en los países del MERCOSUR. Como ocurre en todo proceso migratorio, los paraguayos que dejan sus tierras para vivir en otros países llevan consigo sus lenguas. Esto ocurre, por ejemplo, con compatriotas que migran a San Pablo; ellos siguen hablando entre sí la lengua que les transmitieron sus padres en el calor del hogar: el guaraní. Empero, entre los migrantes paraguayos – así como ocurre en la sociedad paraguaya – se presenta un fenómeno muy peligroso para la vida futura de la lengua guaraní: el corte generacional. La transmisión de padres a hijos es condición necesaria para la longevidad de una lengua. En los últimos años ha habido avances muy significativos en la forma de gestionar las lenguas en Paraguay. Con las nuevas políticas lingüísticas desplegadas y las acciones que se desprenden de ellas, podemos estimar que estará asegurado el jardín lingüístico paraguayo.

Palabras clave: lengua guaraní; lenguas oficiales; migrantes.

ABSTRACT

From its very beginning, Paraguay has been a linguistic melting pot. Besides its two official languages – Guaraní and Spanish – there are 19 aboriginal communities that use their own native language, as well as a variety of immigrant groups that keep their language alive. Guaraní has always been – until now – the communication means of the majority; however, both the State and the general society have underestimated it. At this moment, nearly 90% of the Paraguayan population speaks Guaraní, and 70% speaks Spanish. The Guaraní language is the most vigorous of the American continent. It is the official language of Paraguay; it is spoken by the creole population in all the Paraguayan territory; it is also one of the languages of MERCOSUR and one of the working languages of PARLASUR. Nowadays, Guaraní is spoken by more than 5 million people inside the Paraguayan territory and the same quantity abroad, especially in MERCOSUR countries. As normally happens in every migration process, Paraguayan people that leave their country to live abroad take their language with them. This happens, for example, with the compatriots that migrate to São Paulo; they keep on speaking the language that was transmitted by their parents at home: Guaraní. Nevertheless, between Paraguayan immigrants – as it happens inside the Paraguayan society – a very dangerous phenomenon threatens the future of the Guaraní language: the generation gap. The transmission of the language from parent to child is a required condition for the longevity of a language. In the past few years there have been some very significant advances in the management of the Paraguayan languages. With the spread of the new linguistic policies and the actions that follow them, we can foresee the safety of the well-named “Paraguayan linguistic garden”.

Keywords: official languages; guaraní language; migrants.

TRAVESSIA agora também ON LINE

Um acervo sem data de vencimento

Já são mais de 70 edições lançadas, com conteúdos para estudo, informação e pesquisa que jamais perdem sua validade. Para aquisição de números anteriores, o valor unitário baixa de acordo com a quantidade solicitada. Aproveite a promoção e pague praticamente a valor da postagem. Entre diretamente em contato conosco.

Valor da assinatura

(2 números por ano)

Nacional

- por 1 ano.....R\$ 20,00
- por 2 anos.....R\$ 35,00
- por 3 anos.....R\$ 45,00

Exterior

- por 1 ano.....U\$ 20,00
- por 2 anos.....U\$ 35,00

Forma de pagamento

Depósito nominal à: **Pia Soc. dos Miss. de S. Carlos**

Banco Bradesco; Agência 515-0; c/c 23083-9

Após efetuar o depósito, informe por e-mail o valor, a data do depósito, finalidade do mesmo, seu endereço atualizado, sua profissão e/ou área de atuação.

Entre em contato conosco através do e-mail
cem@missaonspaz.org ou através
do novo portal acesse os últimos números
da revista **TRAVESSIA**

www.missaonspaz.org

Ano XXII N° 42 – jan./jun. – 2014

REMHU

Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana

ISSN: 1980-8585

Crianças e
adolescentes
migrantes



CENTRO SCALABRINIANO DE ESTUDOS MIGRATÓRIOS

Sumário

(REMHU, n° 42, jan-jun./2014)

EDITORIAL

CRIANÇAS E ADOLESCENTES MIGRANTES

Niñez y adolescencia en el contexto de la migración

Pablo Ceriani Cernadas, Lila García, Ana Gómez Salas

Estrategias familiares de los jóvenes marroquíes emigrados a Andalucía

Alberto Capote

Crescere sulla frontiera: dal trauma alla memoria in bambini e adolescenti migranti

Virginia De Micco

Detención de menores extranjeros no acompañados en Europa

Juan Manuel López Ulla

Menores no acompañados y no protegidos. Resultados de una investigación en cuatro Estados europeos

Daniel Senovilla Hernández

Il riconoscimento del progetto migratorio del minore e la valorizzazione della rete parentale nell'accoglienza dei minori stranieri non accompagnati.

Carlo Giordano

The educational integration of separated minors: a comparison of France/Quebec

Eva Lemaire

Construção das identidades de jovens de origem imigrante em Europa

Beatriz Padilla, Alejandra Ortiz

I giovani migranti nelle scuole italiane: percorsi formativi, disuguaglianze, risorse

Maddalena Colombo

“Bolivianos” en la “escuela argentina”: representaciones acerca de los hijos de bolivianos

Eduardo Domenech

La escolaridad como hito en las biografías de los hijos de bolivianos en Buenos Aires

Natalia Gavazzo, Mariana Beheran e Gabriela Novaro

A segunda geração de latino-americanos na cidade de São Paulo: a questão do idioma

Gabriela Camargo de Oliveira

Família e inserção laboral de jovens migrantes na indústria de confecção

Patrícia Tavares de Freitas

ARTIGOS

Tópicos, supuestos e interrogantes en el estudio de y la intervención social con las migraciones internacionales

Laura Cristina Yufra

From “mud houses” to “wasted houses”: remittances and housing in rural highland Ecuador

Diana Mata Codesal

Normas para apresentação de textos

Travessia – Revista do Migrante deixou de ser monotemática e os artigos podem ser enviados a qualquer momento.

Tamanho: 400 linhas, fonte *times new roman*, tamanho 12, com breve resumo e três palavras-chave (em inglês e português ou espanhol). A *Travessia* publica textos em espanhol.

No título, não colocar nota, e para a identificação do autor, utilizar asterisco; quando houver mais de um autor, a revista respeitará a ordem constante no texto recebido.

Não transformar em nota o que é fonte bibliográfica, inserir no próprio texto (sobrenome do autor, data e, quando necessário, a paginação).

Nas referências bibliográficas, relacionar apenas as fontes citadas no artigo, em ordem alfabética e se houver repetição de um mesmo autor, obedecer a ordem cronológica.

Seguir as normas da ABNT, destacando os títulos em itálico; no caso de artigos em revistas, fazer constar: local, volume, número, páginas, mês, ano (nesta ordem). Na citação de fonte eletrônica, colocar o endereço entre <....> e a data de acesso.

Os textos devem ser inéditos e seu envio implica na cessão de direitos autorais e de publicação à revista *Travessia*; o conteúdo é de inteira responsabilidade dos autores, porém, o Conselho Editorial reserva-se o direito de selecionar os que serão publicados, efetuar correções de ordem normativa, gramatical e ortográfica, bem como sugerir alterações.

Podem ser organizados dossiês e enviados à *Travessia*.

Além de artigos, a revista recebe resenhas, relatos, crônicas, contos...

Texto publicado dá direito a dez exemplares da edição.

Seja um(a) Colaborador(a)

Pensou migrante, pensou *Travessia!*

Pensou diferente, pensou *Travessia!*

De estrada palmilhada, por um Conselho Editorial atuante, lá se vão de vinte anos mais.

A temática para a qual você estendeu o seu olhar, é mais do que candente: Os **migrantes**

Politicamente..... || ora desejados, ora indesejados - sempre estiveram na ordem do dia e, na atualidade, transformaram-se em tema das agendas internacionais de governos;

Culturalmente..... || alguns são homenageados, vangloriados; outros, a maioria, discriminados, vítimas de preconceito, quando não de xenofobia;

Economicamente.. || são integrantes, como fator de maior visibilidade, de um dos eixos constitutivos da modernidade - a mobilidade do trabalho;

Teoricamente..... || abordados a partir de diferentes enfoques, nem sempre conseguem ser suficientemente abarcados.

Se seu horizonte não míngua nos limites do acadêmico, dispute este espaço, pois a *Travessia* transita para além das estantes.

Você encontra aqui um espaço ágil e flexível para socialização

dos seus estudos acadêmicos

da sua produção literária

da sua atuação **militante**.

A qualquer momento você pode enviar a sua colaboração.

*Dos/as migrantes cabem,
na gíngua da Travessia,
as amostras da empiria,
os embates da teoria,
as lutas do dia a dia,
os sonhos da poesia.*

travessia@missaonspaz.org

cem@missaonspaz.org

www.missaonspaz.org

Sumário

Apresentação

Dirceu Cutti

Dossiê - Paraguaios

Introdução

Tiago Rangel Côrtes

Carlos Freire da Silva

Paraguaios em São Paulo: uma história e um retrato

Tiago Rangel Côrtes

Migrantes na costura em São Paulo:
paraguaios, bolivianos e brasileiros na indústria de confecções

Tiago Rangel Côrtes

Carlos Freire da Silva

O que se passa em Caaguazú?

Carlos Freire da Silva

Tiago Rangel Côrtes

Ciudad del Este: do comércio de fronteira ao centro de São Paulo

Carlos Freire da Silva

Caacupé: trajetórias de organizações de paraguaios em São Paulo

Porfirio Leonor Ramírez

Los migrantes paraguayos y la lengua guaraní

Miguel Ángel Verón

travessia@missaonspaz.org
www.missaonspaz.org

ISSN 0103-5576



0103-5576